

Pensar o Proto-Jê Meridional numa abordagem pragueana



fotos: www.portalkaingang.org

Wilmar da Rocha D'Angelis

Pós-Doutorado Sênior **CNPq** (Processo 155285/2006-8)

ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL EM LINGÜÍSTICA HISTÓRICA
LABORATÓRIO DE LÍNGUAS INDÍGENAS (LALI) - UNB

SUPERVISÃO: PROF. DR. ARYON DALL'IGNA RODRIGUES

Depto de Lingüística, Português e Línguas Clássicas

RELATÓRIO ACADÊMICO

Pensar o Proto-Jê Meridional e visitar o Proto-Jê, numa abordagem pragueana

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

Depto de Lingüística
Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – UNICAMP

ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL EM LINGÜÍSTICA HISTÓRICA
sob orientação do PROF. DR. ARYON DALL'IGNA RODRIGUES
Professor Emérito do Depto de Lingüística, Português e Línguas Clássicas
LABORATÓRIO DE LÍNGUAS INDÍGENAS (LALI), UNB

Pensar o Proto-Jê Meridional numa abordagem pragueana

SUMÁRIO

PARTE I – PENSAR O PROTO JÊ-MERIDIONAL

I.	ANTECEDENTES	p. 01
	I.1. O Xocrén é idioma Caingangue	p. 02
	I. 2. Notas sobre Proto-Kaingáng: um estudo de quatro dialetos	p. 03
	I.3. Os dialetos da língua Kaingáng e o Xoklém	p. 08
	I.4. Alguns Radicais Jê	p. 13
	I.5. Comparative Jê Phonology	p. 18
	I.5.1. Proto-fonemas (Jê) consonantais em Davis	p. 19
	I.5.2. Proto-fonemas (Jê) vocálicos em Davis	p. 24
II.	RELAÇÕES FONOLÓGICAS	
	ENTRE AS LÍNGUAS JÊ MERIDIONAIS VIVAS	p. 30
	II.1. Procedimentos Metodológicos a respeito do corpus	p. 30
	II.2. Correspondências vocálicas Xoklém – Kaingáng	p. 33
	II.2.1. Vogal Á = [ə] do Xoklém e correspondências no Kaingáng	p. 34
	II.2.2. Vogal A = [a] do Xoklém e correspondências no Kaingáng	p. 37
	II.2.3. Vogal ã = [ã] do Xoklém e correspondências no Kaingáng	p. 39
	II.2.4. Vogal U = [u] do Xoklém e correspondências no Kaingáng	p. 42
	II.2.5. As outras vogais Xoklém e correspondências no Kaingáng	p. 46
	II.3. Correspondências consonantais Xoklém – Kaingáng	p. 48
	II.3.1. Ataque silábico	p. 48
	II.3.2. Final de sílaba	p. 51
	II.3.3. Fonemas com mais de uma correspondência	p. 53
	II.3.3.a) Ataque silábico	p. 53
	II.3.3.b) Final de sílaba	p. 57
	II.4. Empréstimos: palavras que podem dar pistas importantes	p. 59
	II.4.1. Pandére	p. 60

II.4.2. Kãvãru	p. 63
II.4.3. Topẽ	p. 65
II.4.4. Pã'i	p. 69
II.4.5. Pirã	p. 70
III. O PROTO-JÊ MERIDIONAL	p. 72
III.1. Vogais	p. 73
III.1.1. Sistemas vocálicos das línguas Jê Meridionais vivas	p. 73
III.1.1.a. Vogais Orais	p. 73
III.1.1.b. Vogais Nasais	p. 75
III.1.2. As vogais do Proto-Jê Meridional – Tentativa 1	p. 79
III.2. Consoantes	p. 86
III.2.1. Sistemas consonantais das línguas Jê Meridionais vivas ..	p. 86
III.2.1.a. Obstruintes	p. 87
III.2.1.b. Soantes	p. 88
III.2.2. As Consoantes do Proto-Jê Meridional – Tentativa 1	p. 90
III.3. Conclusão Provisória sobre o Proto-Jê Meridional	p. 94
IV. CONCLUSÃO	p. 96
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 99

PARTE II – ANEXOS

Anexo 1 - Correspondências Vocálicas	p. 01
Anexo 2 - Correspondências Consonantais	p. 05
Anexo 3 - Correspondências de / ə /	p. 09
Anexo 4 (I) – Correspondências de / a / (Xoklég : Kgg Sul)	p. 12
Anexo 4 (II) – Correspondências de / a / (Xoklég : Kgg PR)	p. 17
Anexo 5 (I) – Correspondências de / ã / (Xoklég : Kgg Sul)	p. 21
Anexo 5 (II) – Correspondências de / ã / (Xoklég : Kgg PR)	p. 24
Anexo 6 - Correspondências de / u /	p. 27
Anexo 7 – Correspondências de / õ /	p. 31
Anexo 8 – 52 palavras Xoklég distintas dos cognatos Kaingáng	p. 33
Anexo 9 – Mapa “Dialeto Kaingáng, segundo Wiesemann”	p. 35

PARTE III – VOCABULÁRIO COMPARADO (*corpus*)

PARTE I

Pensar o Proto-Jê Meridional

I. ANTECEDENTES

A busca de interpretar a origem comum das línguas Kaingáng e Xoklém teve seu primeiro impulso por um trabalho do paranaense Rosário Farani Mansur Guérios, que publicou, em 1945, o trabalho “*O Xocrén é idioma Caingangue*” (Guérios 1945). Uma década e meia depois, Ursula Wiesemann produziu suas *Notas sobre Proto-Kaingáng: um estudo de quatro dialetos* (Wiesemann s/d – seguramente de 1960 ou 1959¹) e, mais uma década e meia depois, publicou seu estudo *Os dialetos da língua Kaingáng e o Xoklém* (Wiesemann 1978). O tema, nesses últimos trabalhos, já era o da reconstituição de um *Proto-Kaingáng*.

No campo da família Jê, e sem contar com dados do Kaingáng, Mattoso Câmara Jr havia publicado, em 1959, o trabalho *Alguns Radicais Jê*, que é também de interesse quando nos ocupamos de reconstruir um Proto-Jê Meridional.

Na década de 1960, aproveitando sua estadia na Universidade de Brasília (UnB), Irvine Davis produziu um importante estudo sobre *Comparative Jê Phonology* (Davis 1966), com base em dados de 5 línguas então em estudo por membros do SIL².

¹ Na Introdução do trabalho a autora menciona que um resumo dele fora apresentado por ela na IV Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, em Curitiba, em julho de 1959.

² Em 1962, quando da fundação da UnB, houve um “*acordo do Reitor (Darcy Ribeiro) com o diretor do Summer Institute of Linguistics (SIL), que atuava no Brasil desde 1956 em convênio com a Divisão de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro (Dale Kitzman) para que, sem ônus para a UnB, membros daquela instituição ministrassem disciplinas introdutórias à lingüística no curso de graduação em Letras (Curso-Tronco de Letras Brasileiras). Lecionaram nesse ano o casal inglês John e Audrey Taylor e a norte-americana Lorraine I. Bridgeman, sob a supervisão da Dra. Sarah C. Gudschinsky (...)*”. No ano seguinte (1963), Aryon Rodrigues (até então, na UFPR) foi contratado pela UnB e passou a chefiar seu Depto de Lingüística, criado no ano anterior. Atuando na reformulação no projeto de cursos de pós-graduação, Aryon Rodrigues propôs ao reitor que acrescentasse no acordo com o SIL o compromisso da instituição em manter, na UnB, em cada semestre, um lingüista com doutorado, para cooperar no ensino de pós-graduação. No mesmo ano, “*foi posto à disposição do Dep. de Lingüística o Dr. Irvine Davis, que vinha trabalhando com línguas indígenas dos Estados Unidos. Além de dar junto com Rodrigues um seminário sobre a lingüística estrutural na Europa e na América do Norte, Davis dedicou-se a um estudo comparativo da família lingüística Jê, cujos resultados foram publicados em 1966, em Estudos Lingüísticos: Revista de Lingüística Teórica e Aplicada 1.2:10-24 (“Comparative Jê Phonology”) e em 1968 no IJAL 34.1:42-47 (“Some Macro-Jê Relationships”)*” [as citações são tomadas do Histórico, na página web do Laboratório de Línguas Indígenas (LALI), da UnB, acessado em fev.2008: <http://www.unb.br/il/lali/historico.html>].

I.1. O Xocrén é idioma Caingangue

Ao tempo em que Mansur Guérios ocupou-se da relação entre Xoklém e Kaingáng pairavam dúvidas, entre os pesquisadores – sobretudo antropólogos, acerca do parentesco dessas duas sociedades e suas culturas. Em seu preâmbulo, Guérios reproduz uma passagem de Francisco Schaden³, em que ele afirma: *“Quanto à classificação dos Aweikoma, conhecidos também como Xokren, Xoklém, Bugre e Botocudos de Santa Catarina (...) não se chegou ainda a um acordo entre os cientistas que os estudaram. Ao passo que uns os consideram Kaingáng, outros os apresentam como tribu isolada. Mediante exaustivo estudo e confronto dos idiomas, talvez se consiga dar uma resposta satisfatória à questão”* (apud Guérios 1945:321).

Com base nos vocabulários que tinha disponíveis⁴, Guérios cotejou cerca de 70 itens lexicais, concluindo pelo indiscutível parentesco entre as duas línguas. Na verdade, tomando em conta a proposta de Čestmír Loukotka de uma família lingüística Kaingáng, separada do grande grupo Jê⁵, Guérios concluiu que o Xoklém é mesmo uma língua da família proposta.

Do estudo que fez, Guérios concluiu que o Xoklém seria, em relação ao Kaingáng, *“mais puro relativo aos fatos morfológicos; não o é em relação aos fonéticos. Estes são mais conservados em qualquer modalidade caingangue do Paraná que naquela”* (Guérios 1945:328).

Guérios também sugere, com base nos argumentos a seguir enumerados, que os Xoklém experimentaram a *“substituição de uma língua por outra, denunciada pela concordância das ‘leitwörter’ como se viu acima (não só substantivos, adjetivos e verbos, porém principalmente os pronomes, os numerais e partículas)”* (Idem:329). Para o autor, *“a horda vencedora adotou o idioma dos vencidos (o caingangue), não por meio destes mesmos, os quais foram mortos, porém através das mulheres e crianças que foram preservados...”*. São três os argumentos nos quais Guérios baseia sua conclusão:

³ Francisco S. G. Schaden, alemão emigrado para Santa Catarina, foi um autodidata, que fez importantes registros sobre a colonização naquele Estado e, especialmente, estudos sobre os índios Kaingáng e Xoklém. Faleceu em São Bonifácio (SC), onde um pequeno Museu reúne objetos pessoais, alguns livros e diversas notas inéditas de sua autoria. Assinou alguns trabalhos como EFES. Foi pai do antropólogo Egon Schaden.

⁴ Quatro vocabulários do Xoklém (ou três, um deles em duas versões) e quatro do Kaingáng (um dos quais, dele próprio, colhido em Palmas, PR). Guérios ainda aduziu a comparação de uma dezena de vocábulos Xoklém registrados por Jules Henry.

⁵ Čestmír Loukotka, em trabalho de 1935, decidiu separar “o Kaingáng e línguas mais estreitamente afins” da família Jê, “e considerá-las como uma outra família, a família Kaingán” (Rodrigues 2002:4).

“1º) Há solução de continuidade glótica entre o caingangue do Paraná e o do Rio Grande do Sul, justamente em Santa Catarina. Grosso modo, há maior concordância fonética entre o Paraná e o extremo sul que entre Sta Catarina e os demais (...).

2º) O *f* do caingangue corresponde ao *z* do xocrén. O fenômeno só é explicável por substituição (Lautersatz) e não por evolução (Lautwandel). E deste notável fato se deduz que a tribo aloglótica vencedora desconhecia o fonema *f*.

3º) A língua que desapareceu (...) deverá ter deixado alguns elementos lexicais. Farão parte do substrato aqueles vocábulos (...) que eu não pude identificar?” (Guérios 1945:329-330 – destaques nossos).

Assim concluía, Guérios, seu estudo, mas acrescentou-lhe um posfácio, em que dá notícias de uma carta de Curt Nimuendajú, em que este comenta aquelas conclusões. Escreveu Nimuendajú: “Eu não acho as divergências entre a língua Kaingáng e a dos Botocudos de Santa Catarina de uma natureza tal que se precisasse recorrer à hipótese de uma transferência da língua Kaingáng para um povo não-Kaingáng. (...) Quanto à substituição do “*f*” Kaingáng por “*z*” (“*s*” no vocabulário de Gensch) na língua dos Botocudos ela talvez se explica pela perfuração do lábio destes últimos. Mas também conheço por ex. dialetos de tupí puro (Kayabí, wirafét, etc.) que substituem o “*kw*” dos outros Tupí por “*f*”, e não creio que isto represente a forma original, e que os Tupí tivessem abolido o “*f*” devido ao uso do tembetá (que, na verdade, aquelas tribus não usam)” (Nimuendajú apud Guérios 1945:330).

I.2. Notas sobre Proto-Kaingáng: um estudo de quatro dialetos

Sob o título acima (na versão portuguesa de Miriam Lemle⁶), Ursula Wiesemann produz uma reconstrução do Proto-Kaingáng e apresenta a tese de que o Kaingáng comporta quatro dialetos (cada um apresentando “variações menores”): Dialeto Paraná (entre o Rio Iguaçu e o Paranapanema); Dialeto Sul (ao Sul do Rio Iguaçu); Dialeto de São Paulo (ao norte do Paranapanema); e o Xoklég.⁷

O trabalho teve por base uma pesquisa de campo realizada em oito áreas Kaingáng nos quatro estados do Sul (de São Paulo ao Rio Grande do Sul), de fevereiro a março de 1958, “sob os auspícios do Museu Nacional” (Wiesemann s/d:1). Em cada área, segundo a autora, foi feito o

⁶ Original: *Notes on Proto-Kaingáng: a study of four dialects* (mimeo).

⁷ Na verdade a distinção do Kaingáng em 3 dialetos (mantendo o Xoklég como língua aparentada, mas à parte) fora uma proposta de Nimuendajú, que distinguira um Dialeto do Norte (SP e Laranjinha), um Dialeto Central (entre o Iguaçu e o Paranapanema) e um Dialeto do Sul (in Nimuendajú & Guérios 1948).

registro de dados no “Questionário Padrão para a Pesquisa nas Línguas Indígenas Brasileiras” (Museu Nacional, 1957).

Registre-se, como valiosa, a seguinte observação de Wiesemann a respeito dos fonemas do Xoklég: *“Tem /r/, que difere dos outros dialetos pelo fato de apresentar um alofone /l/, que ocorre em início de palavra e entre vogais não-nasalizadas”* (Idem, p. 3).

A observação confirma, em parte, o que dissera Jules Henry (1948:194), de uma perspectiva inversa: *“Between vowels l is often replaced by a single flapped r”*.

São importantes esses registros, uma vez que para o Xoklég atual isso não é mais observado. Bublitz, em análise fonológica dessa língua produzida na década de 1990, reconhece um fonema /l/ (*‘flap’ lateral*) que tem [ɾ] como um alofone que ocorre *“em variação livre com [l]”* apenas *“depois de consoante oclusiva surda”* (Bublitz 1994:26).

Curiosamente, Wiesemann, no mesmo trabalho acima citado, diz que *“os dialetos de Paraná, do Sul e de São Paulo têm todos /f/ e /r/ com aproximadamente os mesmos alofones em cada dialeto”* (Idem:2). Ora, isso é bastante diferente do que observamos, pessoalmente, no dialeto de São Paulo em 1999 e 2000 (portanto, 40 anos depois de Wiesemann). Ali, diferente do que acontece nos dialetos Kaingáng do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, encontramos exatamente uma distribuição complementar entre [l] e [ɾ], com o primeiro ocorrendo no início de palavras, e o segundo em posição medial (intervocálica e como segunda consoante em sílabas CCV e CCVC)⁸. Em outras palavras, tomando em conta as observações de Henry, e as observações de Wiesemann com respeito ao Xoklég (mas não com respeito ao Kaingáng paulista), em confronto com minhas próprias observações a respeito do Kaingáng de São Paulo, chamo a atenção para esse traço compartilhado entre a fonologia do dialeto paulista e a fonologia do Xoklég com relação ao fonema da classe das líquidas. Informações como essa serão relevantes para a construção de hipóteses a respeito das relações internas entre línguas e dialetos no âmbito da sub-família Jê Meridional.

Segundo as conclusões de Wiesemann, de sua análise inicial resultou que *“todos os dialetos tinham os seguintes fonemas consonantais, com aproximadamente os mesmos alofones ou submembros em cada dialeto: /b/, /d/, /g/, /h/, /k/, /m/, /n/, /ŋ/, /p/, /t/, /v/, /y/. De acordo porém com a análise fonêmica atualmente estabelecida para o dialeto do Paraná falado em Rio das Cobras, /b/, /d/, /g/ não constituem fonemas”* (Wiesemann, op. cit., p.2).

⁸ Cf. D’Angelis 2005a.

Quanto às vogais, “*todos os dialetos foram analisados como tendo os seguintes fonemas vocálicos: /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɨ/, /o/, /ɔ/, /u/*”, na série oral, além de /ə/, que “*devido à raridade de sua ocorrência*” a autora hesitou em considerar fonema, mas, posteriormente, à luz de análise mais demorada do dialeto de Rio das Cobras, confirmou-lhe aquele estatuto. Por outro lado, “*nos dados do ‘survey’ foi registrada uma contraparte nasalizada de todas as vogais, exceto i. O ã foi registrado apenas no dialeto Xokreng, õ e û não contrastam no dialeto do Paraná de Rio das Cobras, sendo manifestações do mesmo fonema /õ/. ã e õ, do mesmo modo, não contrastam nesse dialeto mas são manifestações do fonema /ã/*” (Idem, p. 3 – os destaques são nossos, para facilitar a leitura). Apesar dessas conclusões aparentemente bem estabelecidas, Wiesemann informa, adiante, que “*a nasalização não foi registrada de maneira consistente*”, de modo que, para a reconstrução do quadro vocálico, segundo ela, “*reconstituímos a qualidade das vogais, sem referência a sua modificação pela nasalização*” (Idem, p. 4). É evidente que o resultado de uma tal reconstrução não poderia ser minimamente confiável.

A partir, pois, do cotejamento de cognatos, Wiesemann (s/d, p. 4-10) reconstrói os seguintes proto-fonemas consonantais (ilustramos, aqui, com o primeiro exemplo de Wiesemann em cada caso)⁹:

PK	correspondências		PR	Sul	SP	Xoklêng
*b	b:b:b:b	ex.:	kɪbm	kɪbm	kɪbm	kɪbm
*d	d:d:d:d	ex.:	-mbɛdn	mbɛdn	mɛdn	mbɛdn
*nd ¹⁰	nd:nd:nd:ɲ	ex.:	ndyidn	ndidn	nyidn	-ɲuydn
*f	f:f:v:ð ¹¹	ex.:	-fəɾə	firi	firi	ðiri
*g	g:g:g:g	ex.:	ŋga	ŋga	ŋga	ŋgɔ
*h	h:h:h:h	ex.:	hɛri-	hɛri	hɛnyɛ-	hãri-
*k	k:k:k:k	ex.:	kãntĩŋ	kɛntĩŋ ou kõntĩŋ	kãntĩŋ	katĩŋ
*m	m:m:m:m	ex.:	-tãmɛ	tãmɛ	tãmɛ	tomã

⁹ A ordem alfabética é do original, de Wiesemann.

¹⁰ Sobre esse possível proto-fonema, Wiesemann declara: “*Interpretou-se nd como uma seqüência de n mais d em lugar de um d pré-nasalizado, ficando reconstruído como uma proto-seqüência *nd. É ela atualmente interpretada como uma unidade subfonêmica no dialeto do Paraná, e talvez venha a ser assim considerada na proto-língua*” (op.cit., p.5)

¹¹ Wiesemann emprega, como símbolo para o som correspondente em Xoklêng, um “d” cortado (segundo a notação fonética adotada por K. Pike). Aqui adotamos o símbolo empregado em Henry (1948).

*n	n:n:n:n	ex.:	nĩŋrẽŋ	nĩŋgrẽŋ	nĩŋgrẽŋ	nĩrãŋ
*ŋ	ŋ:ŋ:ŋ:ŋ	ex.:	tãŋ	tãŋ ou tẽŋ ou tõŋ	tẽŋ	tagŋ
*p	p:p:p:p	ex.:	pẽn	pẽn	pẽn	põn
*r	r:r:r:r	ex.:	-yakrĩ	yakrĩ	yakrĩ	nyõkrẽ
*t	t:t:t:t	ex.:	ti	ti	ti	tia ou ti-
*č	š:š:č:č	ex. :	kuša	kuša	kuča	kučɔ
*v	v:v:v:v	ex. :	kiveydn	kivegŋ	kiveydn	kivey
*y	y:y:y:y	ex. :	yẽŋ	nyã ou nyẽ	-yẽ	-yãŋ-

Wiesemann conclui por um “*sistema fonêmico*” da Proto-Língua “*semelhante aos sistemas dos dialetos que daí se desenvolveram*” (p. 16), assim configurado:

p	t	k
b	d	g
m	n	ŋ
f	č	h
v	y	r

Para as vogais, eis a reconstrução formulada por Wiesemann (s/d, p.10-16):

PK	correspondências		PR	Sul	SP	Xoklêng
*a	a : ε/a/ɔ : ε : a ¹²	ex.:	tãŋ	tẽŋ ou tõŋ	tẽŋ	tagŋ
*ɔ	a:a:a:ɔ	ex.:	kaytkã	kaytkẽ ou kaytkõ	kaytkẽ	kɔytka
*æ	ε:ε:ε:a	ex.:	-pẽn	pẽn	pẽn	pãn
*ɛ	ε:ε:ε:ε ¹³	ex.:	tẽ mbegŋ	tẽ- mbegŋ	tẽ- mek ou megŋ	tẽn- mbegŋ
*e	e:e:e:e	ex.:	kupe ou kupe	kupe- ou kupe	kupe-	kupe-
*i	i:i:i:i ¹⁴	ex.:	-nĩŋka piri	nĩŋka piri	nĩŋka piri	nĩŋkɔ piri

¹² A autora esclarece que “as linhas oblíquas mostram, nesta fórmula, a flutuação entre ε, a, e ɔ no dialeto do Sul. Somente as vogais nasalizadas flutuam dessa maneira. ẽ e ã são fonemas plenos (...), enquanto que a flutuação entre ã e ɔ é subfonêmica no dialeto do Paraná” (op.cit. p. 10)

¹³ Aqui se dão dois exemplos para ilustrar a afirmação (da própria Wiesemann) de que ela mistura vogais orais e nasais. Observe-se, por ex., que em Kaingáng /krẽ/ e /krɛ/ (e em Xoklêng, /klẽ/ e /klɛ/) constituem um par mínimo.

¹⁴ Ver nota anterior.

*ɪ	i:i:i:e	ex.:	-nĩ	-nĩ	-nĩ	-nẽ
*ĩ	ĩ:ĩ:ĩ:ĩ	ex.:	kuti	kuti	kuti	kutĩŋ
*ə ¹⁵						
*o	o:o:o:o	ex.:	ko	ko	ko	ko
*ɔ	ɔ:ɔ:ɔ:u	ex.:	-yɔŋ	-yɔŋ-	-yɔŋ-	nyuŋ
*u	o:o:o:u	ex.:	-nõnẽ	nõnẽ	nõnẽ	nũnã ¹⁶
*u	u:u:u:u	ex.:	kupri	kupri	kupri	kupri

A reconstituição acima resulta no seguinte quadro de proto-fonemas vocálicos (p. 16):

i	ĩ	u
ɪ		ʊ
e	ə	o
ɛ		ɔ
æ	a	ɒ

No entanto, observou a autora, tal sistema vocálico “*apresenta *ɪ, *ʊ, *æ e *ɒ que não são encontrados em nenhum desses dialetos. Uma reconstrução que levasse em conta as qualidades oral-nasal das vogais chegaria provavelmente ao seguinte proto-sistema*” (Wiesemann, op.cit., p.16 – abaixo omitem-se as correspondências e números dos exemplos) :

Vogais orais	Vogais nasais:
*i	*ĩ
*e	*ẽ
*ɛ	*ẽ
*ĩ	
*ə	*ă
*a	*ã
*u	
*o	*õ
*ɔ	*õ

¹⁵ Na seqüência da apresentação de *ĩ, a autora aduz: “*i e ə foram encontrados contrastando no dialeto do Paraná (...), constituindo, portanto, fonemas separados. Porém a dificuldade sentida pela autora em ouvir essa distinção, a não ser em listas contrastivas, sugere que a audição desse contraste em outros dialetos indicaria imprecisão de registro. Especificamente, é admissível a possibilidade de que, em dados corrigidos, algumas das irregularidades, se não todas, (...) pertençam na verdade, a uma série de correspondências ə:ə:ə:ə que seriam reconstruídas como um proto-fonema *ə*” (op.cit., p. 14). Seguem-se os dados, dos quais reproduzo o primeiro: šə šĩ čĩ čə preto.

¹⁶ Todos os exemplos, no caso do proto-fonema *ʊ são com vogais nasais.

Esse conjunto representa um quadro simplificado em relação ao anterior e, nas palavras da autora, *“este sistema fonêmico do proto-kaingáng é muito semelhante ao das línguas da família Jê, o que é de se esperar, se o Kaingáng for realmente relacionado como Jê, conforme foi postulado”* (Idem, ibidem).

Wiesemann faz, ainda, uma avaliação estatística com base nas proposições de Swadesh acerca do grau de parentesco de línguas a partir do percentual de itens lexicais cognatos. Por aquela avaliação, *“somente os dialetos do Paraná e do Sul seriam dialetos da mesma língua; todos os outros dialetos de Kaingáng seriam chamados línguas da mesma família, tendo entre si o mesmo grau de parentesco que há entre o alemão e o inglês, por exemplo”* (Idem, p. 17). A autora discorda, considerando que *“a classificação de Swadesh exagera a distância entre os dialetos de Kaingáng”* já que ela, como falante tanto de alemão quanto de inglês, avalia que *“as diferenças entre estes dialetos de Kaingáng não são nem de longe tão grandes como as diferenças entre o inglês e o alemão”* (Idem, ibidem).

De todo modo, Wiesemann interpreta os resultados percentuais como *“um quadro verossímil dos dialetos em contato parcial durante a diferenciação. Parece que a ruptura entre os extremos da área – São Paulo, Xokreng e Sul – foi anterior e mais completa, enquanto que o contato de Paraná com cada um dos outros continua. A cisão mais recente se deu entre os dialetos de Paraná e do Sul”* (Idem, ibidem).

I.3. Os dialetos da língua Kaingáng e o Xoklég

Neste trabalho, publicado quase 20 anos depois do resenhado acima, Wiesemann apresenta suas conclusões a respeito da existência de 5 dialetos na língua Kaingáng, distinguindo-a, também, do Xoklég.

Entre um trabalho e outro, ela destaca ter concluído seu estudo do dialeto do Paraná (com base em Rio das Cobras) e realizado *“extensos estudos da fala dos habitantes de todos os P.I. onde moram índios Kaingáng”*, além de *“um estudo mais aprofundado da língua Xoklég”* (Wiesemann 1978:199). O que Wiesemann não esclarece é a forma como se deram aqueles *“extensos estudos”*, ou os meios que os proporcionaram. De fato, na década de 1970 o Summer Institute of Linguistics – ao qual Wiesemann estava integrada e que missionava os Kaingáng em Rio das Cobras, PR – e a

IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil¹⁷), que mantinha uma missão entre os Kaingáng em Guarita (RS), firmaram convênio com a FUNAI e, com recursos do exterior¹⁸, instalaram e mantiveram uma escola de formação de “monitores” (professores) indígenas e técnicos agrícolas índios. A escola, denominada Centro de Treinamento Profissional Clara Camarão (CTPCC) funcionava na área indígena Guarita, no município de Tenente Portela (RS). Para lá foram encaminhados jovens Kaingáng de ambos os sexos, provenientes de praticamente todas as áreas indígenas do Sul do país. Os cursos não tinham propriamente um equivalente no currículo escolar brasileiro (a maioria dos jovens levados a cursá-lo havia feito as 4 séries iniciais nas escolas de suas áreas), mas duravam três anos, formando professores (que o Summer sempre denominou *Monitores*) e “técnicos agrícolas”. Deslocados para uma outra área indígena, mas em um regime de internato dirigido e controlado por não-índios evangélicos proselitistas (vários deles estrangeiros, e os demais, quase todos descendentes de imigrantes alemães), aqueles jovens Kaingáng viveram uma forte experiência de desenraizamento na própria terra.¹⁹ Segundo depoimento de vários que conhecemos pessoalmente, aos finais de semana as moças eram levadas ao “salão de beleza”, na cidade, caracterizando o projeto em questão de *religioso-civilizatório*. Nesse contexto é que as jovens eram, com frequência, colocadas “de castigo”, o que significava hospedar-se e realizar trabalhos domésticos na casa de “Dona Úrsula”. Ali, durante dias ou semanas, deviam também prestar o serviço de informante lingüístico, com o que, a missionária pode reunir o material necessário aos seus estudos comparativos.²⁰

Wiesemann distingue, então, didaticamente, 5 dialetos Kaingáng (Wiesemann 1978:199-200 – ver Anexo 9 deste trabalho):

Dialeto de São Paulo – “*entre Tietê e Paranapanema*”,²¹ que seria falado nas áreas de Vanuíre, Icatu e Araribá (todas em São Paulo).²²

¹⁷ A IECLB é formada basicamente sobre comunidades de descendentes de alemães no Sul do Brasil (mas também no Espírito Santo, Mato Grosso, Rondônia e onde mais se transmigraram colonos do Sul) e tem sede em Porto Alegre. Sua ação junto aos índios é dirigida pelo COMIN – Conselho de Missão entre Índios.

¹⁸ A maior parte dos fundos, ao que parece, proveio da organização alemã Brot für die Welt (*Pão para o Mundo*).

¹⁹ Na sua grande maioria, eles tornaram-se evangélicos (de diferentes denominações), e alguns até mesmo pastores. Das moças, várias buscaram casamentos com não-índios, incluindo Chefes de Posto ou Técnicos da FUNAI.

²⁰ Temos depoimentos gravados em vídeo de indígenas que estudaram, quando jovens, no CTPCC e, igualmente, tivemos acesso a depoimentos escritos, apontando no mesmo sentido. Um depoimento escrito, que tivemos ocasião de ler no Rio Grande do Sul, fora produzido por uma ex-interna do CTPCC com vistas a uma publicação acadêmica, mas a publicação não aconteceu por forte pressão da própria Wiesemann sobre a autora do relato.

²¹ No original, nesta e na referência a seguir, aparece *Paranapena*, por engano.

²² As áreas de Icatu e Vanuíre são, de fato, terras (ínfimas) reservadas aos Kaingáng paulistas. Araribá era a denominação de então para uma área reservada aos Guarani. Atualmente, na primeira há também população Terena (oriunda do MS) e na segunda, população Krenak (oriunda de MG), e nas duas os Kaingáng são hoje minoria. Em Araribá há também população Terena (que levou à divisão das terras, no final da década de 1980) e sempre houve,

Dialeto do Paraná – “*entre Paranapanema e Iguaçu*”, que seria falado nas áreas de Apucarana, Barão de Antonina, Queimadas, Ivaí, Faxinal, Rio das Cobras e Guarapuava (todas no Paraná).

Dialeto Central – “*entre Iguaçu e Uruguai*”, que seria falado nas áreas de Manguairinha, Palmas (PR) e Xapecó (SC).

Dialeto Sudoeste – “*ao sul do Uruguai, oeste do Passo Fundo*”, que seria falado nas áreas de Nonoai, Guarita e Inhacorá (RS).

Dialeto Sudeste – “*ao sul do Uruguai, leste do Passo Fundo*”, que seria falado nas áreas de Votouro, Ligeiro, Carreteiro e Cacique Doble (RS).

Wiesemann não menciona: (i) no Paraná, as áreas de São Jerônimo (que é um desdobramento de Barão de Antonina, ou vice-versa); Mococa, que via como uma simples extensão de Queimadas; e Boa Vista, então dada como extinta, cuja população estava, na maior parte em Guarapuava. (ii) em Santa Catarina, as áreas de Toldo Chimbanguê e Toldo Pinhal, então consideradas extintas (na verdade, praticamente desconhecidas) e Kondá (criada no final do século para abrigar grupos migrantes do RS). (iii) no Rio Grande do Sul, as áreas de Iraí, por que à época era apenas um ‘acampamento’; Ventarra, Serrinha e Caseros, que eram, então, dadas como extintas, e foram retomadas pelos índios entre as décadas de 1980 e 1990; e Rio da Várzea, que era considerada apenas uma aldeia de Nonoai.

Quanto à classificação dos 5 dialetos, embora didática, não é segura ou razoável em muitos aspectos. Não vamos nos aprofundar nisso, mas basta dizer, por exemplo, que no Paraná, a população Kaingáng não é tão homogênea quanto pareceria; em Santa Catarina, Xapecó sempre foi ponto de passagem e contato inter-grupos, do Paraná com Rio Grande do Sul, pelo menos desde meados do século XIX; no Rio Grande do Sul, Nonoai tem mais afinidade histórica e política (e maior proximidade geográfica) com Votouro do que com Guarita e Inhacorá; e Cacique Doble, Ligeiro e Carreteiro tem muitas relações históricas comuns, que os distinguem de Votouro, com elas agrupado no “Dialeto Sudeste”.

Wiesemann apresenta os seguintes sistemas fonológicos consonantais, para os dialetos do Kaingáng e para o Xokleng:

DIALETOS PR, C, SO, SE	DIALETO SP ²³	XOKLÉNG ²⁴
p t k ?	p t ċ k ?	p t ċ k (?)
m n ñ ŋ	m n ñ ŋ	m n ñ ŋ
f š h		ɬ d
v r j	v r j h	v l j h

A autora procede, então, a novo esforço de reconstrução do Proto-Kaingáng (PK) “*através dos reflexos em K e X, levando em consideração os reflexos de Proto-Jê (PJ)*” (Idem, p. 200). Disso resultou o seguinte sistema consonantal, proposto para o Proto-Kaingáng:

p t ċ k (?)
m n ñ ŋ
v r j h

Observa-se sua quase identidade com o sistema proposto para o Kaingáng de São Paulo, acima.

Para as vogais, Wiesemann apresenta os seguintes conjuntos de fonemas (p. 203)²⁵:

VOGAIS ORAIS de KGG e XKL	VOGAIS NASAIS KGG SP, C, SO	VOGAIS NASAIS KGG PR, SE	VOGAIS NASAIS do XOKLÉNG
i ĭ u	ĩ ũ	ĩ ı̃ ù	ẽ ù
e ə o	ẽ ı̃	ẽ ã	ã õ
ɛ a ɔ			

²³ No Dialeto SP, “/c/ se pronuncia [tʃ] ou [ʃ], /r/ se pronuncia [r] ou [l]” (W. 1978:200).

²⁴ Em Xokleng, “/l/ flutua entre [l] e [r] em grupos de C; a fonemicidade de /ʔ/ não foi bem estabelecida” (W. 1978:200).

²⁵ Transpusemos, nas tabelas abaixo, para os símbolos do IPA, os quadros que Wiesemann apresenta em forma ortográfica. Quanto a ě e õ, por falta de indicação quanto à abertura da vogal, mantivemos com esses símbolos.

A autora adverte que “*embora o sistema das vogais orais seja igual em todos os dialetos do Kaingáng e em Xoklém, os reflexos são diferentes em várias partes da estrutura*” (Idem ibidem). E reconstitui, para o Proto-Kaingáng, o seguinte sistema vocálico (p. 204)²⁶:

VOGAIS ORAIS			VOGAIS NASAIS	
i	ĩ	u	ĩ	ũ
e	ə	o	ẽ	ã
ɛ	ʌ	ɔ		
	a			

O artigo traz, ainda, algumas observações morfofonêmicas e morfológicas. Entre as primeiras, destaco o resultado de seqüências heterossilábicas *ɲ + t*, que nos dialetos do Paraná e do Sul produz [ʃ] (ex.: *ɲ + tũ = [i'ʃũ]*), enquanto no Xoklém produz o correspondente [tʃ] (ex.: *ẽɲ + tũ = [ẽtʃũ]*), e no dialeto de São Paulo resulta ou em [ĩɲ'tũ] ou em [ĩtʃũ] (Wiesemann, op.cit., p.207).

Entre as morfológicas, destaque-se o que Wiesemann assim descreveu:

“*Em PR muitos substantivos e descritivos têm duas formas, como por exemplo:*

ka ~ kã ‘árvore’ (su)

kusa ~ kusã ‘frio’ (d)

Estas variantes perderam-se em todos os outros dialetos e em X, mas encontram-se em certas expressões fixas, indicando que são formas antigas e não uma inovação de PR:

SP *kuča ‘frio’ kučẽ kamẽ ‘muito frio’*

PR *kuša kušã pẽ ”*

C, SO *kuša kušẽ kamẽ ”*

SE *kuša kušã kamẽ ”*

X *kučó kuča kómã ” (Wiesemann 1978:207-208)*

Essa observação, de fato, pode se mostrar relevante para as conclusões a que queremos chegar a respeito das relações genéticas dentro do subgrupo de línguas Jê Meridionais.

A autora também aponta o fato comum, em Xoklém e Kaingáng (à exceção do dialeto de São Paulo), de existirem verbos com uma única forma (ex.: X. e K. *ɲɛɲ*), verbos com duas formas (ex.: X. *ko ~ ku*, K. *ko ~ kó*), verbos com três formas (ex.: X. e K. *vê ~ vé ~ vэг*), verbos com quatro formas (ex.: X. *ɲɛ ~ ɲɛ ~ ɲɛɲ ~ ɲɛɲ*; K. *fa ~ fã ~ fãn ~ fãɲ*). Cf. Wiesemann, op.cit., p.208.

Uma característica sintática do Kaingáng é a marcação do Sujeito. Wiesemann avaliou as diferenças dialetais, com relação a isso, concluindo:

²⁶ Ver nota anterior.

“Em PR e SP o sujeito freqüentemente, mas nem sempre, é marcado por um indicador de sujeito, Em PR o indicador mais freqüente é *tóŋ*; em SP são *vỹ*, *nỹ*, *ne*. Nos outros dialetos o sujeito sempre é marcado. Em SO *tó* ~ *tóŋ* flutua com *tỹ* ~ *ta*. *tỹ* em PR sempre indica instrumental (que nas orações sem sujeito indica agente facultativo); em SO *tỹ* ~ *ta* indica sujeito ou instrumental – agente em todo caso.” (Wiesemann 1978:211).

O artigo encerra-se com um quadro síntese, do qual apresento, abaixo, alguns pontos mais relevantes²⁷:

	SP	PR	C	SO	SE	X	
1	č	š	š	š	š	č	
3	v	f / v	f / v	f / v	f / v	ð / v	
4	r / l	r	r	r	r	l / r	
5	a	a	a	a	a	õ	
6	ɔ	ɔ	ɔ	ɔ	ɔ	u	
7	ẽ	ã / ẽ	ẽ	ẽ	ã / ẽ	ã / ã	
8	ĩ	ĩ	ĩ	ĩ	ĩ	ẽ	
9	ĩ	ĩ	ĩ	ĩ	ĩ	õ	
15	uma	uma	uma	uma	uma	duas	séries de pronomes
17	–	topẽ	topẽ	topẽ	topẽ	–	[Nota: item lexical]

Sobre o ponto 17, adiante apresentamos informações e nossa discordância da autora (II.4.3).

I.4. Alguns Radicais Jê

Trabalho pioneiro, metódico e rigoroso, o estudo de Mattoso Câmara Jr seleciona 30 termos da lista padrão de 200 itens sugerida por Morris Swadesh²⁸, recaindo a escolha sobre aqueles termos “cuja freqüência é bastante grande para permitir um trabalho comparativo entre várias línguas” (Câmara Jr 1959:6). Buscando “circunscrever o estudo ao exame das listas mais fidedignas, e de maior rigor fonético, obrigou a se restringir o número de línguas, incluindo-se

²⁷ Wiesemann emprega um símbolo distinto para a fricativa interdental. Para a africada č emprega uma forma ortográfica (c), o mesmo acontecendo com a fricativa š (representada por s) e com as vogais /ɔ/ (=ó) e /ĩ/ (=ỹ).

²⁸ Morris Swadesh (1955), *Towards Greater Accuracy in Lexicostatistic Dating*. *IJAL*, vol. 21 (2), p. 121-137.

apenas aquelas para as quais há listas nas condições colimadas” (Idem, ibidem), que são, com as respectivas fontes²⁹:

Akroá (Martius 1867), **Apinayé** (Snethlage 1931), **Kayapó do Norte** (Ehrenreich 1894, Krause 1911, Nimuendajú 1932), **Krahó** (Snethlage 1931, Shell 1952), **Kren-yé** (Nimuendajú 1915), **Mehin** (Nimuendajú 1915), **Piokobié** (Snethlage 1931), **Rankokamekra** (Nimuendajú 1915, Snethlage 1931), **Suyá** (Steinen 1886), **Tayé** (Nimuendajú 1914, 1915), **Xavante** (Ehrenreich 1895), **Xerente** (Ehrenreich 1895, Nimuendajú 1929).

A tabela abaixo apresenta os 30 termos escolhidos por Mattoso, com as respectivas formas propostas ou reconstruídas (às vezes, mais de uma) para o radical pelo autor, e as formas fonéticas para os termos equivalentes em Xoklég e em Kaingáng, para comparação.

Quadro a partir de *Alguns Radicais Jê*, de Mattoso Câmara Jr.

Português	Radical reconstruído	Língua mais próxima ³⁰	Xoklég	Kaingáng PR
01. Boca	ARKWA	Rankokamekra	jãnt'ki	jěnt'ki
	TAWA	Akroá		
02. Cabeça	KRAN	Akr. Kay. Xe.	klě	krĩ
	S'Ü (N)'	Tayé		
03. Cabelo	*KHIN		kə'ki	k'ki
	S'Ü (N)'	Tayé		
04. Dente	KWA	Akr. Xa. Xe.	ja	jã
	*TS'HWA			
05. Língua	?TO	Krahó, Rankokamekra	nũ'nã	nũ'ně
06. Mão	*BKHRA		ně'ŋa	nĩ'ŋe
07. Nariz	*KHRA		ně'jã	nĩ'jě
08. Olho	NTO	Kre. Me. Pi. Ra. Ta	kɔ'nã	ka'ně
09. Orelha	*MPAK		ně'ŋlãŋ	nĩ'ŋrěŋ
	KAIKAU	Suyá		
10. Perna	TA	Ap. Kay. Kra. Ra. Xa.	jɔ	fa
11. Pé	PAR	Kay. Kra. Pi.	pãn	pěn
12. Pescoço	MPUT	Tayé	'nduj	'ndujʃ'

²⁹ As fontes relacionadas nessa passagem não constam em nossa bibliografia, a não ser as que, eventualmente, sejam citadas diretamente por nós.

³⁰ Língua indicada por Mattoso, em cada caso, como a base do radical proposto. Quando a forma proposta é reconstruída como uma proto-forma, o autor marca com asterisco.

	NKRA	Apinayé		
13. Sangue	*KAMPRU		kə'ʋej	kig'ʋejʃ
	*WAPRU			
14. Água	*NKO		ʔŋojo	ʔŋojo
15. Céu	*KATIKWA		kɔjc'ka	kajc'kã (~kajtkã)
	HAIÑUA	Xavante		
	HÖWA	Akroá		
16. Chuva	*NTAÑ		tɔ	ta
17. Fogo	*KUKI		pɛ	pĩ
	*KUWI			
	*KUHI			
18. Frio	*KRĭ	Kayapó	ku'krili (geada, gelo)	ku'kriri (geada, gelo)
	TÖ	Akroá		
19. Pedra	*KHA:N		kɔði	pɔ
20. Sol	*MPUT		la	rã
	*AMKHRO			
21. Terra	*PYĚ		ŋgɔ	ŋga
	*PYĚKA			
	TIKA			
22. Cão	*ĭROP		ka'čolo	hog'hog' (tb. ka'tʃoro)
23. Peixe	TA:P	Kay. Ap. Pi. Ra.	ka'klo	pĩrã
24. Cobra	*KAÑOÑ		pɔn	Pãn
	WAHI	Xavante		
	MAKE	Xerente		
25. Branco	*KA (N)		ku'pli	ku'pri
	KUKE	Piokobié		
	TIB	Kayapó		
26. Bom	MPA:	Rankokamekra	u	hə
	PSE	Xerente		
	WAĚ	Xavante		
	WE(N)K	Xerente		
	*HA	Suyá		
27. Preto	TUK	Kayapó	čə	tʃə
	KRAÑ	Akroá		

	*KRAÑKRO			
28. Pai	*NTS'UM		jug ⁷	jɔŋɿ ⁷
	*NGAMA			
29. Mulher	*MPRON		plũ (esposa)	prũ (esposa)
	PIKO	Xavante, Xerente		
30. Comer	TA (T ₁ A)	Akroá	ku, ko	ko
	*MPO			
	*KHREN			

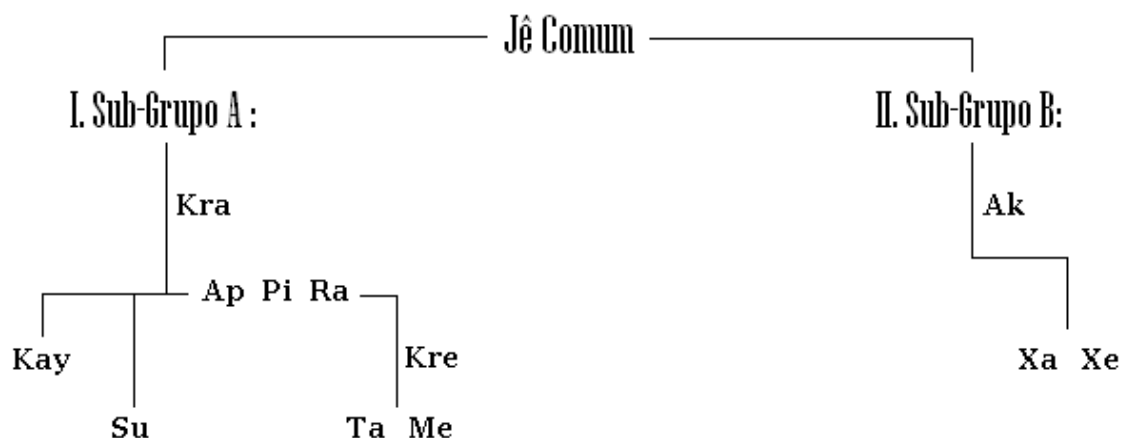
A observação atenta do quadro não permite reconhecer mais do que 7 radicais como a fonte ou origem segura de palavras atuais do Xoklég e do Kaingáng (02, 11, 14, 15, 16, 18 e 29)³¹. Em outros 5 essa origem é razoavelmente provável (03, 06, 08, 13 e 21) e em outros 2 (04 e 27) remotamente possível. Dizendo de outra forma, em pelo menos 50% do conjunto de itens reunidos por Mattoso Câmara não há a mínima possibilidade de relação entre a forma do radical Jê e a forma atual das línguas Jê Meridionais. Como veremos, adiante, Davis (1966) chamará a atenção para a contribuição menor do Proto-Jê ao léxico do Kaingang, em relação às línguas Jê Centrais e Setentrionais.

Uma das conclusões importantes de Câmara Jr, segundo ele mesmo salienta, é a da “*existência primária de oclusivas pré-nasalizadas, que explicam certas divergências de um mesmo radical, de língua para língua*” (Câmara Jr 1959:65).

Mais relevante, ainda, é o esforço de Mattoso na “*tentativa de distribuição classificatória das 12 línguas consideradas, dentro do bloco Jê, em bases puramente lingüísticas*”, ao contrário, como diz, do que se tinha feito até então (Idem, ibidem). Para isso, toma em conta 3 aspectos lingüísticos: “1) o uso preferencial de dados afixos; 2) as mudanças fonéticas preferenciais; 3) as associações e separações entre radicais e variantes de radicais” (Idem, ibidem).

Mattoso constrói, assim, o quadro de distribuição e parentesco genético abaixo, com a ressalva de que “*é verdade que essa distribuição não é absoluta, e, uma ou outra vez, vemos o Ap. e Pi. se aproximarem do grupo Ak. Xa. Xe. (...) ou o Ta. se relacionar com o Su.*” (Idem, p. 67).

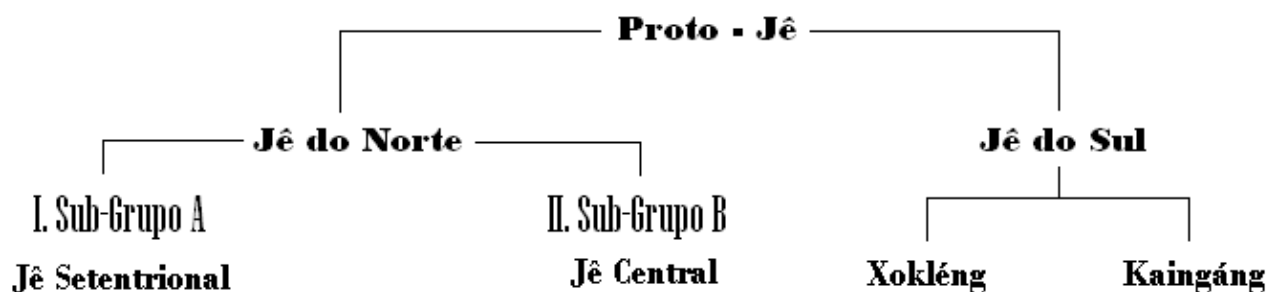
³¹ Como veremos adiante, Davis reconstrói, para “*boca*”, a forma *zaz-kwa, que se mostra compatível com as formas do Xoklég e do Kaingáng.



(Câmara Jr, 1959:67)

Como destaca o próprio autor, “a divisão dos sub-grupos A e B coincide com o que fazem Schmidt, Mason e mesmo, dentro de um critério puramente geográfico, Loukotka (...). Mas a divisão interna em cada sub-grupo, especialmente em A, parece inteiramente nova, e além de tudo se obtém uma distribuição na base do grau de evolução da estrutura lingüística” (Idem, p. 68).

Como vimos, Mattoso não trabalhou com dados de nenhuma língua Jê Meridional, e por essa razão elas não aparecem no esquema acima. O quadro resumo que apresentamos, no entanto, cotejando o trabalho de Mattoso com dados do Xoklêng e do Kaingáng, e a análise que fizemos dele, mostra um forte distanciamento dessas línguas em relação às Jê Centrais e Setentrionais, distanciamento bastante maior do que aquele observado entre os Sub-Grupos A e B do esquema acima. Em outras palavras, com base no observado, poderíamos sugerir um esquema mais amplo, embora simplificado, com essa configuração (subentendendo, sem discussão – por ser irrelevante para o caso – a organização interna dos Sub-Grupos, proposta em Câmara Jr 1959):



I.5. *Comparative Jê Phonology*

O artigo de Irvine Davis, *Comparative Jê Phonology*, certamente contribuiu para o incentivo e interesse pela área em nosso país, já que, até então, pouquíssimos eram os trabalhos de reconstrução de proto-línguas, envolvendo famílias lingüísticas indígenas.

Para realizá-lo, Davis empregou dados de pesquisas sobre as línguas Apinayé, Canela, Suyá, Xavante e Kaingáng.³² Apinayé é representante de línguas Jê Setentrionais, e se aproxima bastante do Mebengokre (Kayapó), apesar das particularidades dessa última³³. Canela representa, dentre as línguas Setentrionais, o subgrupo das línguas Timbira Orientais. O Suyá representa línguas Jê Setentrionais mais a Oeste, e o Xavante, as Jê Centrais. Por fim, o Kaingáng (dialeto do Paraná, com dados de Wiesemann), representa, nesse trabalho, o ramo Jê Meridional.

O autor destaca que a língua Kaingáng *“tem sido algumas vezes classificada como pertencente à família Jê, e outras vezes como constituindo uma família ligada ao tronco Macro-Jê (...). Quando comparado com as línguas Jê tradicionais, o Kaingáng mostra em torno de 40% de cognatos no vocabulário básico de 100 palavras. Isso o situaria dentro da família Jê, de acordo com a escala de classificação sugerida por Swadesh.”*³⁴ Não obstante, o Kaingáng permanece – com base na similaridade lexical – mais propriamente como um membro divergente da família, uma vez que a taxa de cognatos entre as tradicionais línguas Jê revela percentuais em geral acima de 60%.

Para os propósitos de reconstrução fonológica, a língua Kaingáng integra-se mais logicamente com a família Jê do que como uma família separada dentro do tronco Macro-Jê. Ela está, obviamente, mais estreitamente relacionada com as tradicionais línguas Jê do que outras línguas Macro-Jê, com o Maxakalí, e em muitos aspectos, ela apresenta maior semelhança com a fonologia do Proto-Jê do que o Xavante, um incontestável membro da família” (Davis 1966:10-11)³⁵.

Comparando um vocabulário de 112 itens, e realizando as reconstruções de fonemas, um a um, Davis (1966:13) reconstitui o seguinte sistema consonantal para o Proto-Jê:

³² Como esclarece o autor, à nota 3 (p. 11), os dados de Suyá provieram de pesquisas de Harald Schultz e de Vaughn Collins; das demais línguas, de coletas por lingüistas-missionários do SIL, ao qual Davis também estava filiado.

³³ Ver D’Angelis 2002a.

³⁴ Morris Swadesh, “Towards a satisfactory genetic classification on Amerindian languages”, *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas* 1001-1002 (1955). (Nota do original)

³⁵ Todas as citações de Davis são tradução nossa.

p	t	c	k
m	n	ñ	ŋ
v	r	z	

Para as vogais, Davis reconstitui os seguintes conjuntos (Idem ibidem):

i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
e	ə	o	ẽ	ã	õ
ɛ	a	ɔ			

Seguem-se, aos quadros acima, as seguintes observações: “*Nenhum traço suprasegmental foi reconstruído. A posição do acento é previsível ou muito perto disso, nas línguas Jê atuais, e provavelmente não era fonêmica em Proto-Jê. Vogais longas e, possivelmente, consoantes longas eram traços fonêmicos em algumas das línguas Jê. Uma vez que as condições de seu desenvolvimento não são claras, as evidências são insuficientes para postular uma ou outra como traço de um Proto-Jê*” (Davis 1966:13).

I.5.1. Proto-fonemas (Jê) consonantais em Davis

Nas reconstruções de Davis, dos proto-fonemas consonantais, destacamos os seguintes comentários a respeito do Kaingáng (abreviado como *Ka*, em Davis) em relação às demais línguas Jê analisadas e ao proto-fonema proposto em cada caso³⁶:

***t** – “*É mantido em Ka, exceto nos itens 66 e 98, que mostram um inexplicado n, e no item 65, que tem r*” (Davis, op. cit., p. 13).

Os dados mencionados na passagem acima são, na ordem citada³⁷:

66. *ñõ-tɔ *tongue* (língua). Ka nũñẽ

98. *tu, tum *belly* (barriga). Ka nuŋ

³⁶ Aqui estamos destacando apenas os comentários que sugerem algum distanciamento ou particularidade do Kaingáng com respeito ao proto-fonema em questão; nos casos em que o Kaingáng comporta-se conforme as demais línguas e corrobora o proto-fonema proposto, não há porque destacarmos.

³⁷ Os dados tirados de Davis são aqui apresentados na forma original do artigo, distinta da forma da publicação, tomando por base as informações de Aryon Rodrigues (editor), em nota de rodapé à página inicial (p. 10) do texto. Por exemplo, substituem-se os *nʸ* por ñ, as vogais seguidas de *n* na sobrelinha por vogal com til, etc. Em Davis, “o símbolo *c* é usado para indicar uma africada surda, que tanto pode ser alveolar quanto alveopalatal” (op.cit., p. 12).

65. ñõt, ñõr *to sleep* (dormir). Ka nũrũ (cf. Davis, op.cit, p.22 e 23)

***c** – “Em Ka torna-se ñ em posição final de palavra ou antes de outra consoante (5, 19, 20) e j em outras posições (2, 4, 49, 69, 110, 111)” (Idem, ibidem).

Na ordem mencionada, os dados são:

5. *i-, ic- *my* (meu). Ka ʔiñ³⁸

19. *kæckwa *sky* (céu). Ka kañkã

20. *kɛ, - kɛc *left* (esquerdo). Ka (ja)kãñ

2. *ca, cam *to stand* (levantar, por em pé). Ka jẽ, jẽn

4. *cwa *tooth* (dente). Ka jã

49. *mrɔ, mrɔc, prə *ashes* (cinzas). Ka mrẽjẽ

69. *ŋo, ŋoc *water* (água). Ka. ŋojo

110. *zici *name* (nome). Ka jiji

111. *zo, zoc *leaf* (folha). Ka feje (cf. Davis, op.cit., p. 20-23).

Para os dados acima, ao que parece, a melhor descrição em Davis teria sido: no Kaingáng, o ***c** torna-se **j** em posição final de sílaba, e **j** em posição inicial.

***k** – “Ka apresenta k como um reflexo bastante regular de *k (...), apesar de que alguns poucos itens mostram um inexplicado ŋ (8, 24, 86) e os itens 25 e 101 sugerem que o *k final de palavra foi perdido” (Davis, op.cit., p. 14)³⁹. É interessante destacar, a respeito da reconstrução de *k, além disso, o que Davis observa a respeito de outras línguas Jê: o fato de que, em Canela e em Suyá, *k “é duplamente refletido, como k e k^h, apesar de que as condições para o desenvolvimento de k^h são diferentes nas duas línguas” (Davis, op.cit., p. 13). Davis sugere que o acento tenha sido fator determinante para a distribuição das variantes aspirada e não aspirada, uma vez que, com poucas exceções, k^h ocorre no onset de sílaba final de palavra (“a sílaba que é normalmente acentuada”), enquanto k aparece em onset das outras sílabas, e em posição final de palavra (Idem, p. 13-14). Ainda sobre o Kaingang, a “sugestão” (pelos itens 25 e 101) de que o *k final de palavra

³⁸ É importante observar que, por um processo fonológico comum a línguas Jê e Macro-Jê (ver D’Angelis 1998), a consoante soante nasal palatal /ɲ/ em coda, no Kaingáng, passa a obstruinte palatal surda quando seguida de consoante obstruinte na sílaba seguinte. E, no caso da obstruinte que a segue ser a coronal [t], desse encontro resulta uma fricativa [ʃ] nos dialetos do Paraná e do Sul, e uma africada [tʃ] no dialeto de São Paulo e no Xokleng.

³⁹ O dado 25 (termo para *wind* = “vento”) deve ser excluído das exceções ou ‘casos problema’, listados por Davis, porque no seu vocabulário comparado ele adotou a forma *kɔ(hu)* para o Kaingáng, tendo reconstruído **kok* para o Proto-Jê a partir das demais línguas. No entanto, *kɔhu* é o termo Kaingáng para “vento forte, ventania”, enquanto o termo para “vento” é *kāka* (PR) ou *kōka* (Sul), que mantém o segundo *k.

teria se perdido, não é isso que nos parece. No dado 25, a reconstrução feita para o item lexical é ***kok** *wind* (vento), mas para o Kaingang, Davis usa o termo **kɔ(hu)**, que apenas no dialeto paulista tem esse significado; nos demais, significa “vento forte” ou “tempestade”. Para “vento” simplesmente, os dialetos do PR e do Sul empregam **kõka**, e o que se vê é uma ressilabificação do ***k** reconstruído. Já o dado 101, efetivamente pode representar uma perda da consoante final, da proto-forma ***ty**, **tyk**, **tyr** para o Kaingang **(ku)ty** (nesse caso, talvez, pela precedência de uma vogal dorsal alta).

ʔ - Davis não reconstrói um proto-fonema /ʔ/, antes o contrário. É importante, pois, conhecer sua conclusão a respeito. Escreveu ele: “*Uns poucos itens nos presentes dados mostram consoantes que, aparentemente, não são reflexos diretos de qualquer fonema Proto-Jê. Isso inclui o surgimento de uma oclusiva glotal em Xa e Ka precedendo o que foi reconstruído como uma vogal inicial (1, 5)⁴⁰, e em Apinayé e Canela precedendo certas consoantes mediais (39, 62, 66). (...) Os dados são insuficientes para quaisquer conclusões acerca desses desenvolvimentos*” (Davis 1966:15-16).

***m** – “*Em Ka a maioria das ocorrências de *m final de palavra tem se tornado ŋ (2, 91, 98, 102), apesar de que *m mantém-se no item 37 e, aparentemente, tornou-se n no item 24. Em outras posições, *m tem-se regularmente mantido (42, 43, 46-49, 52, 54) exceto no item 44, que mostra um inexplicado p*” (Davis 1966:14)⁴¹.

***n** – “*Em Ka *n é mais geralmente mantido (54, 56-58), mas aparece como t nos itens 55 e 59*” (Idem, ibidem). Os dados ‘discrepantes’ são esses (na íntegra):

55. **na rain*. Ap na, Ca taa, Su naa, Xa tã, Ka ta.⁴²

59. **nyw new*. Ap nyw, Ca -tuwa, Su nywy, Xa -tɛ, Ka tãŋ (Davis 1966:22).

***ŋ** – “*ŋ é reconstruído, no final de palavra, em formas alternantes de vários itens. Nessa posição ele é refletido regularmente como ñ em Ap e Xa e como ŋ em Ka (8, 28, 39, 44, 47, 50, 86, 99, 107). (...) Um item (46) foi reconstruído com ñ final (...) Esse item mostra ñ em Ap, mas n*

⁴⁰ Os exemplos em questão, que interessam em particular ao Kaingang, são: “1. **a- your*. Ap a-, Ca a-, aa-, Su a-, Xa ʔa-, Ka ʔã- ” e “5. **i-, ic- my*. Ap i-, ic-, Ca ii-, Su i-, Xa ʔĩĩ, Ka ʔiĩ (*I*)” (Davis 1966:20).

⁴¹ O dado 44 não é exceção, como pensou Davis. Trata-se do termo para o qual deu a tradução *to throw* = *lançar, atirar, arremessar*. Davis o reconstrói como **mẽ*, **mẽŋ*, mas para o Kaingáng apresenta a forma *pẽŋ* = *to shoot* = *chutar*. No entanto, o mais correto seria a comparação com *mĩn* = *despejar*, no dialeto do Paraná (Wiesemann 2002:118).

⁴² Ap = Apinayé, Ca = Canela, Su = Suyá, Xa = Xavante, Ka = Kaingáng.

como reflexo tanto em Su como Xa, e *ŋ* em Ka. (...) Uma descrição das condições de alternância morfofonêmicas vai além do escopo do presente trabalho (...) Em Ka ele aparece como *j* antes de *ẽ* (60, 63, 64) e como *n* em outros lugares (62, 63, 65-67)” (Davis 1966:15-16).

***z** – “exibe uma grande variedade de reflexos e suas características fonéticas originais não são conhecidas (...). Em Ka **z* tornou-se ou *j* (104, 106, 108, 110) ou *f* (39, 105, 111, 112) em posição inicial, e tornou-se *h* (16) ou *j* (35) em posição intervocálica. As condições para o desenvolvimento distinto não são claras. Seguindo uma consoante, é refletido como zero (54) e precedendo uma consoante, como *n* (33, 108)” (Davis 1966:15).

Observemos os dados relacionados por Davis (parágrafo anterior) para discutir os reflexos do proto-fonema **z* no Kaingáng (acrescentamos, à direita, o correspondente em Xoklég):

Davis 1966:21-23	PR (Wiesemann) (forma fonética)	Xoklég
104. <i>*zako, zakor to blow</i> (soprar). Ka <i>jãka</i>	= [kijã'ka]	Xo: kizakə = [kiðə'kə]
106. <i>*za-re root</i> (raiz). Ka <i>jãre</i>	= [jã're]	Xo: jãle
108. <i>*zaz-kwa mouth</i> (boca). Ka <i>jênki</i>	= [jënt'ki]	Xo: jãnki
110. <i>*zici name</i> (nome). Ka <i>jiji</i>	= [ji'ji]	Xo: jiji
39. <i>*ku-zõ, -zoñ to wash</i> (lavar). Ka <i>fa, fã, fãŋ</i>	= ['fa] ['fãŋ]	Xo: zɔ, zəŋ = ['ðɔ] ['ðəŋ]
105. <i>*za-re wing, feather</i> (asa, pena). Ka <i>fẽrẽ</i>	= ['fẽrẽ] ⁴³	Xo: zāl = ['ðālā]
111. <i>*zo, zoc leaf</i> (folha). Ka <i>feje</i>	= ['feje] ⁴⁴	Xo: zɛj = ['ðɛje]
112. <i>*zy seed</i> (semente). Ka <i>fi</i>	= ['fi]	Xo: zi
16. <i>*ka-zo, -zor to suck</i> (chupar). Ka <i>kãhun</i>	= [kã'hudn]	Xo: kahun
35. <i>*ku-kɔz monkey</i> (macaco). Ka <i>kajẽ(rẽ)</i>	= [ka'jẽrẽ] ⁴⁵	Xo: kɔjāl = [kɔ'jālā]
54. <i>*mzen husband</i> (marido). Ka <i>mɛn</i>	= ['mɛðn]	Xo: mɛn = ['mɛðn]

⁴³ Em 105, o que Davis registra é propriamente a forma fonética, uma vez que a vogal final, nesse tipo de item lexical, é uma ‘cópia’ da vogal da sílaba. Observe-se a posição do acento. A forma fonológica, em 105, é /fẽr/. De fato, o próprio Davis observara isso, e situações semelhantes em outras das línguas analisadas, como se lê nas seguintes passagens do seu texto: “Em um grande número de itens que foram reconstruídos com uma consoante final, aparecem, em algumas línguas, uma vogal seguindo a consoante. Não é claro, quantas dessas vogais representam um efetivo desenvolvimento fonêmico e quantas são resultado de percepção e interpretação diferente de dados fonéticos de parte dos investigadores. Muitas ocorrências de vocóides finais nas línguas Jê são de estatuto fonêmico duvidoso. (...) Ka mostra o desenvolvimento de uma vogal final seguindo w, j e r, que é idêntica à vogal imediatamente precedente à consoante (...)” (Davis 1966:16-17).

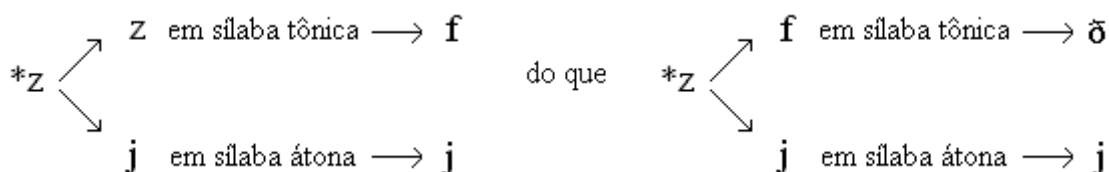
⁴⁴ Em 111 temos uma situação semelhante à de 105 (ver nota anterior). Aqui, a forma fonológica é /feje/.

⁴⁵ Em 35, outra situação semelhante à de 105 (ver notas anteriores). Em 35 a forma fonológica é /kajẽr/.

33. *kriz *parrot* (papagaio). Ka krĩn (krĩrĩ) = [krĩɲ'krĩj]⁴⁶ Xo: ??

A informação que introduzimos, sobre as formas fonética e fonológica em Wiesemann (fonte dos dados de Davis), permite-nos buscar esclarecer as condições de produção da distinção entre **f** e **j**, encontrada no Kaingáng, a partir do proto-fonema *z. A informação sobre as respectivas formas em Xoklég, como veremos, mostra-se igualmente útil para esse esclarecimento.

Olhando para o Kaingáng do Paraná, vemos que em 104, 106, 108 e 110 o reflexo **j** ocorre em sílaba átona⁴⁷, enquanto em 39, 105, 111 e 112, o reflexo **f** ocorre em sílaba tônica.⁴⁸ No Xoklég essa distribuição fica parcialmente prejudicada, porque em 104 encontramos *z:z (e não *z:j) em uma sílaba átona. Apesar disso, estando correta a reconstrução de Davis para o proto-fonema *z, é mais plausível a passagem



Isso significa assumir que o Xoklég, nesse aspecto, está mais próximo do Proto-Jê (portanto, é mais conservador) que o Kaingáng.

Entre 16 e 35 talvez não seja correta a relação que o autor estabelece. Enquanto o dado 16 representa, de fato, uma situação intervocálica de ocorrência do reflexo **h** do proto-fonema *z, em 35 talvez se tenha tido, historicamente, uma posição de coda silábica, no estágio em que se deu a passagem *z > j. Se tomarmos em conta o Xoklég e a forma reconstruída por Davis, parece plausível uma passagem nessas etapas: *ku-kɔz > kɔj > kɔjãl > kajêr .

Em 54 temos uma situação única, nas reconstruções para o Proto-Jê, de uma sílaba com onset complexo *mz. Obviamente isso significa uma palatalização, que é o que se preservou no termo Apinayé (e Mebengokre) *mjen*, no Canela *pjɛ*, e no Suyá *mjeni*. No Kaingáng e no Xoklég o encontro foi desfeito, efetivamente, sem substituição por outro, permanecendo a primeira

⁴⁶ Esse termo (razoavelmente distinto daquele que Davis utiliza) aparece no *Dicionário* de Wiesemann (2002:53) com a tradução: *Papagaio do Reino*. Essa denominação, porém, não comparece em manuais de ornitologia. Para “papagaio”, simplesmente, o termo Kaingáng no PR e Sul é /jɔɲjɔ/. A forma citada por Davis (não localizamos o documento de sua fonte) distancia-se da proto-forma reconstruída pelo fato de contar com vogais nasais, e aproxima-se mais, no Kaingang, de krĩnkrĩr, *araguai* (Wiesemann 2002:52).

⁴⁷ Em 110 ocorre nas duas posições, mas é evidentemente um caso de palavra com reduplicação.

⁴⁸ No Xoklég essa distribuição fica parcialmente prejudicada, porque em 104, *z:z (e não *z:j) em uma sílaba átona.

consoante (no caso, com realização fonética complexa, devido à vogal oral da sílaba, que também exige uma realização complexa da consoante que trava a sílaba): [ˈmbɛd̪n̪].⁴⁹

Sobre o dado 33 (último da tabela acima), Davis fala em um reflexo **n**, mas o dado mais preciso, tomado em Wieseemann (2002), mostra um reflexo **j** ou **ɲ** (um em cada uma das sílabas reduplicadas), condizente com a interpretação que propusemos para o dado 35.

I.5.2. Proto-fonemas (Jê) vocálicos em Davis

Nas reconstruções de Davis, dos proto-fonemas vocálicos, destacamos os seguintes comentários a respeito do Kaingáng:

**y* – “é refletido com considerável regularidade como ə em Xa e como y nas outras línguas (32, 33, 36, 40, 41, 52, 53, 59, 84-86, 90, 100, 101, 112), apesar de existirem vários exemplos de vogais anteriores Ka como um reflexo de *y (33, 85, 100)” (Davis, op. cit., p. 16).

Da longa relação de exemplos, apenas 32, 52, 84, 101 e 112 dizem respeito ao Kaingáng, e apresentam a correspondência *y:y, além de 33, 85 e 100, destacados por ele como um certo problema. Para o dado 33, já vimos acima que Davis relacionou a forma por ele reconstruída *kriz (parrot = papagaio) com Ka kr̃n (kr̃r̃i), mas a forma adequada, em Wieseemann (2002) é [kr̃p̃'kr̃ij]. Portanto, esse não é um exemplo de vogal anterior, no Kaingáng, como reflexo de *y, mas é mais um exemplo da correspondência *y:y. Em 85, para o item reconstruído como *py-ci, py-cit (one = um) o Kaingáng tem pi (ri), segundo Davis (na verdade, /pir/ = [ˈpiri]). Em 100, Davis reconstrói *ty, tyk, tyr (to die = morrer), enquanto o Kaingáng mostra a forma tere (em Xavante é tə, nəʔə, nəʔə, segundo o próprio Davis, e em Xerente, dəʔə, seg. Krieger & Krieger 1994).

**a* – “é refletido como ẽ em muitos itens Ka sob condições que não são claras (2, 27, 42, 43, 60, 63, 74, 78, 105, 108); caso contrário, geralmente mantém-se inalterado (1, 2, 4, 6-16, 19, 27, 42, 43, 55, 60, 62, 63, 74-76, 78, 79, 86, 91, 103-108)” (Davis, op.cit., p. 16).

De fato, os 10 primeiros dados relacionados apresentam, de PJ para Kaingáng, a correspondência *a:ẽ. Já os 35 dados em que *a manteve-se “geralmente” inalterado, referem-se ao conjunto das línguas Jê do estudo, mas apenas 13 dizem respeito ao Kaingáng. Abaixo os

⁴⁹ Registre-se um outro caso de palatalização no Apinayé que, no Kaingang, corresponde a um encontro consonantal: Ap. kjê = coxa Ka. kre. (Apinayé, cf. Albuquerque 2007:43).

reproduzimos (apenas para o item reconstruído e a forma em Kaingáng), dispondo em grupos, conforme nossa interpretação (e acrescentando o correspondente Xoklém, para comentar adiante):

Proto-Jê	Kaingáng PR	Xoklém
1. *a- <i>your</i> (seu).	Ka ʔã-	Xo a- (ʔa-)
4. *cwa <i>tooth</i> (dente).	Ka jã	Xo ja
16. *ka-zo, -zor <i>to suck</i> (chupar).	Ka kãhun	Xo kahun
19. *kæckwa <i>sky</i> .	Ka kañkã	Xo kɔŋka
104. *zako, zakor <i>to blow</i> (soprar).	Ka jãka	Xo zakə
106. *za-re <i>root</i> (raiz).	Ka jãre	Xo jãle
91. *ta, tam (pronome 3ª pessoa).	Ka (ti) tẽ, tɔŋ	Xo ta
55. *na <i>rain</i> (chuva).	Ka ta	Xo tɔ
86. *py-ka, -kañ <i>earth</i> (terra).	Ka ŋa	Xo ŋɔ
13. *kañã <i>snake</i> (cobra).	Ka kakə(wə) [Wiesemann 2002:113 - pɪn kakəw] ⁵⁰	
12. *kaŋa <i>lazy</i> (preguiçoso).	Ka kaŋa (<i>sick</i> = doente)	
62. *ñĩ-kra <i>hand</i> .	Ka kra (<i>pestle</i> = pilão)	
76. *pa, par <i>to finish</i> (terminar).	Ka pan (<i>to throw out</i> = mandar sair)	

O primeiro grupo, com 6 dados, na verdade revela uma correspondência *a:ã. Segue-se o dado 91, onde vemos a correspondência *a:ẽ, que pode ser uma variação da anterior.

No terceiro agrupamento, com três dados, efetivamente encontramos a correspondência *a:a. Curiosamente, nos dois primeiros casos (dados 55 e 86) a consoante do Proto-Jê não havia se conservado no Kaingáng. O dado 13 apresenta a correspondência *a:a numa sílaba que também antecede uma consoante não conservada.

Finalmente, o quarto agrupamento reúne dados que nos parecem injustificados. Não parece inquestionável a aproximação pretendida entre os termos *preguiçoso* e *doente*, no dado 12, ou entre *mão* e *pilão* (na verdade, “kra” é *mão de pilão*), no dado 62; ou, ainda, entre *terminar* e *mandar sair*, no dado 76. Aliás, para o referente *mão* (dado 62), o Kaingáng tem a palavra “ñĩŋe” = [ñĩŋe], essa sim, relacionada com a proto-forma proposta.

Portanto, os reflexos de *a, no Kaingáng, variam entre ẽ (10 dados) e ã (7 dados), com alguns poucos casos em que se conservou a (3 dados).

É interessante observar as correspondentes formas do Xoklém, para o caso em análise. Em todos os casos em que se dá, entre PJ e Kaingáng, a correspondência *a:ẽ, entre PJ e Xoklém a

⁵⁰ No original, ortograficamente, “pɪn kakáv”. Foneticamente: [pɪntka'kəwə].

correspondência é ***a:ã** : 2. *ca, cam Xo jãŋ ; 27. *kra Xo klã ; 42. *ma Xo mã ; 43. *-ma, -mar Xo -mã ; 60. *ña, ñar Xo kagjã ; 63. *ñĩ-ña-kre Xo ñējã ; 74. *pa Xo kɔpã⁵¹; 78. *par Xo pãn ; 105. *za-ra Xo zãl; 108. *zaz-kwa Xo jãŋki.

Dos 7 casos em que o Kaingáng apresenta, com relação ao PJ, a correspondência ***a:ã**, apenas no dado 106 o Xoklég também a apresenta. Nos outros 6 casos (1, 4, 16, 19, 104 e 91), o Xoklég apresenta ***a:a**. E nos dois únicos casos indiscutíveis de correspondência ***a:a** do Kaingáng (55 e 86), o Xoklég apresenta ***a:ɔ**.

A falta de contextos distintos, que esclareçam as condições de produção das passagens do PJ ao Kaingáng (***a:ẽ** x ***a:ã**), nos faz buscar contextos que justifiquem as passagens do PJ ao Xoklég (***a:ã** x ***a:a**). A hipótese de que a distinção ***a** x ***ã** já estivesse presente, nesses dados, no PJ (o que significaria propor reconstruções distintas daquelas de Davis), não parece razoável, porque em nenhuma das demais línguas elencadas, naquele mesmo conjunto de dados, se observa permanência de nasal (salvo duas exceções⁵²).

Buscamos, então, no contexto imediato das vogais em questão, a possibilidade de justificativa para os casos em que ***a** nasalizou-se em Xoklég. Se atentarmos aos dados relacionados dois parágrafos acima (2, 27, 42, 43, 60, 63, 78, 105 e 108) encontramos a vogal ***a** contígua a consoantes nasais em 5 dados (2, 42, 43, 60 e 63), situação que não ocorre nos dados em que se dá a correspondência ***a:a** (1, 4, 16, 19, 104 e 91). Faltaria justificar, no entanto, porque ***a:ã** nos dados 27, 78, 105 e 108, da relação acima, e também no dado 106, distoante na listagem da correlação ***a:a**. Quando analisamos esses 5 dados em conjunto, observamos, em quase todos eles, a contigüidade da vogal ***a** com uma líquida: 27. *kra, 78. *par, 105. *za-ra, 106. *za-re. A exceção é o dado 108. *zaz-kwa (no qual, aliás, o Canela tem -jark^hwa), mas esse dado, segundo o próprio Davis, “*é de reconstrução problemática*” (Davis 1966:15). Em contrapartida, em todos os casos em que a correlação PJ:Xoklég é ***a:a**, não ocorre contigüidade de ***a** com líquida. Nossa conclusão é pela hipótese de que vogais contíguas a consoantes nasais e vogais contíguas à líquida, em Proto-Jê, nasalizaram-se na passagem ao Proto-Jê Meridional, ou na passagem do PJM ao Xoklég.

Para concluir essa discussão, comparem-se, abaixo, os dois esquemas, que compõem o seguinte exercício: em (A), simulamos uma passagem do PJ ao PJ-Meridional, em que esse último

⁵¹ Aqui faço cotejo com o termo para “galho” (kɔ = pau, árvore + pã = braço) (ver Bublitz 1994:5).

⁵² As únicas exceções são: o dado 2, Apinayé cãm, e o dado 91, Apinayé tãm. O dado do Xavante em 108, ñaño (boca), poderia também sugerir suspeita de nasalidade na vogal “a”, pela contigüidade com as nasais palatais, mas o Xavante atual registra (ortograficamente) “dadzadawa” para esse termo, afastando a possibilidade de nasalização (cf. Hall et al. 1987).

é representado pelos dados do Xoklém, tomado como língua Jê Meridional mais conservadora; ao contrário disso, em (B) simulamos uma passagem do PJ ao PJ-Meridional, em que esse último é representado pelos dados do Kaingáng do Paraná, tomado – em (B) – como Jê Meridional mais conservador.

(A)			(B)		
PJ		PJ-Meridional	PJ		PJ-Meridional
*a	>	*ã (11 dados)	*a	>	*ẽ (10 dados)
	>	*a (6 dados)		>	*ã (7 dados)
	>	*ɔ (2 dados)		>	*a (2 dados)

Os contextos que justificariam, em (A), *a:*ã e *a:*a, seriam os mesmos que em (B) deveriam justificar *a:*ẽ e *a:*ã. No entanto, se assumirmos a hipótese de que Xoklém e Kaingáng do Paraná representam estágios subseqüentes de mudança fonológica no PJM (ou seja, se um dos dois assemelha-se ao estágio anterior do outro) seria mais plausível aceitar (A₁) do que (B₁) nas seqüências alternativas abaixo:

(A ₁)						
PJ		PJ-Merid.		Xoklém		Kaingáng PR
*a	>	*ã	>	ã	>	ẽ
	>	*a	>	a	>	ã
	>	*ã	>	ã	>	ã
	>	*ɔ	>	ɔ	>	a

(B ₁)						
PJ		PJ-Merid.		Kaingáng PR		Xoklém
*a	>	*ẽ	>	ẽ	>	ã
	>	*ã	>	ã	>	ã
	>	*ã	>	ã	>	a
	>	*a	>	a	>	ɔ

Em (B₁), *a passaria a *ẽ, que se conservaria em Kaingáng e, em outro estágio (no Xoklég), passaria a ã (isto é, voltaria à qualidade da vogal do PJ, porém nasal). Da mesma forma, *a nasalizaria em *ã, que se conservaria em Kaingáng, para depois, em Xoklég, voltar a ser oral a.

Em contrapartida, em (A₁), *a passaria a *ã (nos contextos descritos), conservando-se no Xoklég, e tornando-se ẽ no Kaingáng. E, nos demais contextos, *a conserva-se *a (do PJ ao PJM), que se mantém no Xoklég, e nasaliza em Kaingáng para ã. Desfavorável a essa alternativa são apenas os 2 dados em que *a passaria a *ɔ, conservando-se ɔ em Xoklég, para tornar a ser a no Kaingáng.

A análise alternativa a essa é a que assume caminhos distintos e independentes, do PJ-Meridional ao Xoklég e ao Kaingáng.

***o e *õ** – “*Em Ka *õ é muito freqüentemente refletido como ã (48, 65, 66, 83) ou ã (30, 57), enquanto *o tem tal variedade de reflexos que nenhuma conclusão pode ser esboçada*” (Davis, op. cit., p. 16).⁵³

***ɔ** – “*permanece inalterado, com muito poucas exceções, em cada uma das línguas, exceto Ka. Em Ka é mais freqüentemente refletido como ẽ*” (Idem, ibidem – destaque nosso).

Para concluir a resenha e discussão do importante trabalho de Irvine Davis de que temos tratado, resumimos aqui o tópico 2.5 do mencionado trabalho, iniciado por *The Kaingáng phonemes*, ao que se seguem efetivamente os quadros fonológicos de vogais e consoantes:

Consoantes				Vogais orais			Vogais nasais	
p	t	k	ʔ	i	ɨ	u	ĩ	ũ
m	n	ɲ	ŋ	e	ə	o		õ
f		ɟ	h	ɛ	a	ɔ	ẽ	ã

⁵³ Há um erro no original; o correto seria indicar, no segundo parênteses, os dados 39 e 57 (em lugar de 30 e 57).

Na primeira série consonantal, de *oclusivas surdas não-aspiradas*, destaque-se o seguinte comentário de Davis: “*A oclusiva glotal /ʔ/ é um desenvolvimento especial que aparentemente nunca reflete um fonema segmental Proto-Jê*” (Davis, op.cit., p. 20).

Na série soante nasal, “*m é regularmente um reflexo de *m, enquanto n pode ser um reflexo de *n, *t, *ñ, *r, *z e, possivelmente, *m. A nasal alveopalatal ñ, por outro lado, aparentemente, é sempre um reflexo de *c. A nasal velar ŋ pode ser um reflexo de *ŋ, *k, *m, *ñ e, possivelmente, *w.*” (Idem, ibidem).

Na terceira série das consoantes, “*/f/ é uma fricativa bilabial e reflete *z. /ʃ/ é uma fricativa alveopalatal côncava que não é representada no vocabulário comparativo. Sua derivação não é conhecida. /h/ é uma fricativa glotal que parece ser um raro reflexo de *z*” (Idem, ibidem).

Quanto às vogais, “*o sistema vocálico oral do Kaingáng é o típico sistema de nove vogais das línguas Jê. As vogais frontais e centrais, com exceção de /ə/, da qual há poucos dados, são geralmente derivadas das correspondentes vogais Proto. Existem, no entanto, vários exemplos de /a/ derivado de *o. As vogais posteriores /u/ e /ɔ/ são atestadas por muito poucos exemplos e não é possível estabelecer sua derivação, a não ser que são derivadas ou de suas correspondentes vogais Proto ou de proto-vogais adjacentes*” (Idem, ibidem).

Por sua vez, “*cada uma das cinco vogais nasais exibe mais de uma derivação. A vogal /ĩ/ é derivada mais freqüentemente de uma vogal frontal alta, mas, algumas vezes, de uma vogal central alta ou outra vogal. A vogal frontal mais baixa /ẽ/ é derivada mais freqüentemente de *a ou *ɔ, mas, algumas vezes, de *ẽ. A vogal central média /ë/ é geralmente derivada de *ã, enquanto a vogal central mais baixa /ã/ é derivada ou da correspondente vogal oral *a ou de qualquer um dos vários fonemas vocálicos da Proto-língua. Finalmente, Ka /ũ/ é derivado de *ũ ou de *õ*” (Idem, ibidem).

II. RELAÇÕES FONOLÓGICAS ENTRE AS LÍNGUAS JÊ MERIDIONAIS VIVAS

II.1. Procedimentos Metodológicos a respeito do *corpus*

Para produzir um estudo que permita propor uma reconstituição do sistema fonológico do Proto-Jê Meridional, primeiramente tratamos de constituir o *corpus* de comparação. Decidimos trabalhar, num primeiro momento, apenas com as línguas vivas daquele ramo da família Jê, e posteriormente analisar as relações das línguas vivas (Kaingáng e Xoklég) com o Ingain, língua morta registrada na Argentina.

Como há menor número de registros para a língua Xoklég, decidimos trabalhar com o maior vocabulário possível dessa língua, buscando os equivalentes no Kaingáng⁵⁴. Isso explica que nosso *corpus* reúna mais de 500 palavras, nele comparecendo inclusive alguns empréstimos⁵⁵ e algumas repetições em termos relacionados⁵⁶. A manutenção desses itens, no entanto, foi deliberada. Trata-se de uma proposta de reconstrução que permita igualmente traçar as relações internas no ramo meridional da família Jê, o que significa estabelecer também as relações entre os diferentes dialetos do Kaingáng. Para isso, toda informação é útil: o compartilhamento ou não de um empréstimo lexical *versus* neologismos (como *galinha*, *boi*, *Deus*, etc.), a adoção de neologismos distintos (como em *cidade*), o uso comum ou não de determinadas extensões de sentido (como *fruta* e *olho*, *cerne* e *miolo*), etc.

Outra decisão foi trabalhar inicialmente com a comparação do Xoklég em relação aos dialetos Kaingáng mais meridionais, ou seja, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. O motivo principal foi o fato de que são os dialetos dos quais possuímos dados próprios, de contato direto com falantes do Xapecó, Chimbanguê (SC), Nonoai, Inhacorá, Guarita, Votouro e Cacique Doble (RS)⁵⁷.

Haverá estranhamento quanto ao fato de, em uma mesma coluna, registrarmos juntos os “dialetos de SC e RS” quando, por exemplo, Wiesemann enxergaria ali 3 dialetos (Central,

⁵⁴ A principal fonte que tomamos para compor o *corpus* do Xoklég foi o Vocabulário de Gakran et al (1997).

⁵⁵ Ex.: dados 76 (*cachorro*) e 98 (*cavalo*).

⁵⁶ Ex.: dados 201 (*escrita*) e 294 (*livro*).

⁵⁷ Nossos contatos no Rio Grande do Sul não se restringem àquelas áreas, mas delas possuímos material de alguma extensão. No oeste catarinense, as aldeias de Pinhal e Condá não tem significação para esse estudo; a primeira porque constituída basicamente de descendentes de Kaingáng, com pouquíssimos ou nenhum falante, e a segunda porque constituída por famílias Kaingáng oriundas do Rio Grande do Sul, basicamente das áreas de Nonoai e Votouro.

Sudoeste e Sudeste)⁵⁸. Rigorosamente falando, há mais de três dialetos nessa vasta região, de modo que a separação didática de Wiesemann igualmente não representa a realidade. Uma separação diferente, igualmente didática, porém mais adequada, reuniria: (i) Xapecó (SC) com Palmas (PR); (ii) Inhacorá com Guarita (RS); (iii) Iraí, Nonoai, Rio da Várzea, Rio dos Índios, Serrinha, Votouro e Ventarra (RS)⁵⁹; (iv) Ligeiro, Carreteiro e Cacique Doble (RS). O Toldo Chimbanguê (Oeste de SC) dificilmente poderia ser enquadrado em qualquer um dos agrupamentos, uma vez que é uma aldeia iniciada por gente do grupo de Condá (natural de Guarapuava, mas que se fixou em Nonoai por alguns anos e, finalmente, viveu e morreu no Xapecó), à qual se agregou uma migração de um grupo da região do Campo do Meio (Nordeste do RS) no final do século XIX, recebendo posteriormente (no século XX) migração de Votouro e Nonoai (cf. D’Angelis 1984).

Mesmo essa maior distinção, no entanto, não faz jus à realidade lingüística. Por exemplo, Inhacorá, Nonoai e Cacique Doble (e Xapecó em menor escala) viveram processos históricos que levaram à incorporação, naquelas comunidades, de bom número de falantes Xoklêng. Por outro lado, as relações entre muitas dessas aldeias, que já era grande no passado, intensificou-se nos últimos 50 anos, por diversas razões (desde o esbulho de terras indígenas que obrigou a reunião de comunidades distintas no mesmo território até as novas relações possibilitadas ou facilitadas pelas articulações políticas e pelo incremento do transporte rodoviário).

Tudo isso torna, por um lado, bem mais complexa a realidade lingüística, mas por outro lado, nos permitiu ver o quanto há de comum entre esses distintos dialetos. Assim, uma aparente distinção dialetal, qual seja, entre o uso de uma variante vocálica nasal anterior [ẽ] em oposição a uma variante posterior [õ], em palavras como [ɲẽĩ] x [ɲõĩ] – *milho*⁶⁰, que superficialmente reconheceríamos como uma distinção entre o falar de Xapecó e o de Nonoai, revelou-se pouco produtiva para um exercício de reconstrução histórico-genética da língua uma vez que, em outro estudo, demonstramos o emprego produtivo da oposição entre [ẽ] e [õ] para expressão de uma distinção semântica classificatória de alta relevância cultural em Kaingáng (cf. D’Angelis 2002b). Tal distinção opera assim na fala Kaingáng tanto em Xapecó, como em Nonoai, mas também a atestamos em Inhacorá e nos foi reportada, por professores Kaingáng, para outras áreas do Rio Grande do Sul. Assim, o quadro fonológico desses dialetos é, apesar de tudo, o mesmo, razão pela qual podemos reuni-los. Não significa que, em momento posterior da pesquisa, um maior

⁵⁸ Cf. Wiesemann 1978, p. 199-200.

⁵⁹ Observe-se que Nonoai e Votouro situam-se em lados opostos do Rio Passo Fundo, rio que, para Wiesemann, seria o “divisor” entre os dialetos Sudoeste (ao qual pertenceria Nonoai) e Sudeste (ao qual pertenceria Votouro).

⁶⁰ Quando a vogal é anterior, pode-se encontrar oscilação na realização da consoante inicial: [ɲẽĩ] ~ [ɲĩẽ].

detalhamento não seja útil e necessário, porque somente um refinamento no tratamento dos dados (e a incorporação de informação gramatical) poderá então permitir a construção de hipóteses sobre a proximidade maior ou menor entre os falares das diferentes comunidades. Em nosso ‘programa’, portanto, decidimos cotejar, primeiramente, o Xoklég com os dialetos Kaingáng do Sul, e trabalhar a comparação com o dialeto do Paraná e o dialeto de São Paulo em um segundo momento da pesquisa. Essa decisão, como se dirá adiante, foi necessariamente revista no desenrolar do trabalho.

As tabelas nos anexos 1 e 2 sistematizam os dados em relação às correspondências encontradas, respectivamente, nas vogais (orais e nasais) e nas consoantes (em início e em final de sílaba). Os percentuais que se encontram nas tabelas não têm valor estatístico, mas podem facilitar a leitura comparativa dos números absolutos.

Uma vez construídas as tabelas de sistematização, passamos à análise dos contextos que, em cada caso, pudessem explicar as diferentes correspondências para uma mesma vogal, de uma língua para outra (por exemplo, por que **u** do Xoklég tem correspondências tão variadas como **u, ɔ, i, o, e** ?).

Houve dois casos, porém, que nos levaram a dar um passo além no programa inicial: a sistematização e interpretação das correspondências das vogais **a** e **ã** do Xoklég nos obrigaram a buscar sua comparação com o dialeto Kaingáng do Paraná⁶¹, o que se mostrou efetivamente produtivo, enquanto a comparação inicial, tentada com os dialetos de Sta Catarina e Rio Grande do Sul, não nos dava pistas para prosseguir formulando hipóteses explicativas. Esse resultado nos levou a concluir que o dialeto do Paraná apresenta maior proximidade com o Xoklég do que os dialetos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.⁶² Como, por outra parte, encontramos pontos de contato entre o Xoklég e o dialeto Kaingáng Paulista⁶³, optamos por proceder as nossas comparações e aproximações nessa ‘ordem’: Xoklég – Kaingáng PR – Kaingáng SP – Kaingáng Sul (i.e, SC e RS).⁶⁴

⁶¹ Em Wiesemann (1978:199), o *Dialeto do Paraná* distribui-se pelas áreas situadas entre os rios Paranapanema, ao Norte (divisa entre PR e SP) e Iguaçu, ao Sul. Temos razões para duvidar da homogeneidade lingüística de tão vasto território, mas por ora essa questão não vem ao caso.

⁶² Essa conclusão está de acordo, também, com recentes hipóteses sugeridas por D’Angelis e Veiga (2007) sobre as relações históricas e antropológicas entre Kaingáng e Xoklég.

⁶³ Basicamente o fato de que tanto Xoklég quanto o dialeto Kaingáng Paulista apresentam [tʃ] em lugar de [ʃ], e o fato de que, enquanto o Xoklég apresenta uma líquida [l], em seu lugar os dialetos Kaingáng do Paraná e do Sul apresentam a líquida [r], mas o Kaingáng Paulista apresenta a particular situação de distribuição complementar entre [l] – inicial de palavra – e [r] – em posição medial.

⁶⁴ É por essa razão que o *Vocabulário Comparado* – que compõe o principal anexo desse texto – apresenta uma tabela que se organiza nessa ordem.

O passo seguinte será determinar se é mais justificável propor uma Proto-Língua que seja mais próxima do atual Xoklég e do Kaingáng do Paraná (que seriam tomados por mais conservadores), da qual se derivem as formas do Kaingáng de SC e RS, ou o contrário. Ao mesmo tempo, promover a comparação com o dialeto Kaingáng de São Paulo (que apresenta alguns traços fonológicos comuns com o Xoklég) de modo a construir uma primeira hipótese sobre as relações entre essas línguas e seus dialetos: Xoklég, Kaingáng do Paraná, Kaingáng de São Paulo e Kaingáng de SC/RS.

II.2. Correspondências vocálicas Xoklég – Kaingáng

Há quatro vogais do Xoklég cujas correspondências no Kaingáng chamaram primeiro nossa atenção. Trata-se das vogais **u**, **ə**, **a**, **ã** pelo fato de que, na comparação do Xoklég com o Kaingáng, cada uma delas apresenta pelo menos duas correspondências distintas com participação expressiva no conjunto dos dados, como resumimos abaixo (a letra maiúscula corresponde à forma ortográfica nas duas línguas):

Á = [ə]	>	ə : ə = 24 dados	ə : i = 14 dados ⁶⁵
A = [a]	>	a : õ = 74 dados	a : ẽ = 24 dados ⁶⁶
Ã = [ã]	>	ã : ẽ = 45 dados	ã : õ = 18 dados ⁶⁷
U = [u]	>	u : u = 44 dados	u : ɔ = 26 dados ⁶⁸

Para as demais vogais, ainda que haja ocorrências distintas, um padrão consistente ou regular é facilmente identificável, como se vê nessa sistematização:

I = [i]	>	i : i = 22 dados	+ 2 outras correspondências = 2 dados
E = [e]	>	e : e = 31 dados	+ 2 outras correspondências = 3 dados
É = [ɛ]	>	ɛ : ɛ = 45 dados	+ 1 outra correspondência = 1 dado
Y = [i]	>	i : i = 33 dados	+ 2 outras correspondências = 2 dados
O = [o]	>	o : o = 20 dados	+ 1 outra correspondência = 1 dado
Ó = [ɔ]	>	ɔ : a = 52 dados	+ 3 outras correspondências = 5 dados
Ê = [ẽ]	>	ẽ : ĩ = 31 dados	+ 4 outras correspondências = 9 dados
Û = [ũ]	>	ũ : ũ = 18 dados	+ 1 outra correspondência = 1 dado
Õ = [õ]	>	õ : ə = 19 dados	

⁶⁵ Há ainda 5 dados que se distribuem por **ə**:**õ**, **ə**:**a** e **ə**:**u**.

⁶⁶ Há ainda 13 dados que se distribuem por **a**:**a**, **a**:**ɔ**, **a**:**i**, **a**:**ẽ**, **a**:**ɛ**, **a**:**o**.

⁶⁷ Há ainda 2 dados distintos, um para **ã**:**e**, outro para **ã**:**u**.

⁶⁸ Há ainda 7 dados que se distribuem por **u**:**i**, **u**:**o** e **u**:**ɛ**.

$$\tilde{Y} = [\text{i}] \quad > \quad \tilde{\text{a}} : \tilde{\text{a}} = 2 \text{ dados} \quad (\text{nenhuma outra correspondência})$$

Em todos os casos desse segundo grupo estamos assumindo a correspondência claramente dominante (todas com mais de 90% dos dados relativos àquela vogal no Xoklég⁶⁹) como sendo a correspondência em cada caso. Em outras palavras, assumimos que **i** do Xoklég corresponde a **i** do Kaingáng, **e** do Xoklég a **e** do Kaingáng, e assim com os demais. Adiante, porém, olharemos com mais detalhe para dois desses casos.

Tratemos inicialmente, pois, das quatro vogais do primeiro grupo.

II.2.1. Vogal **Á** = [ə] do Xoklég e suas correspondências no Kaingáng

Quanto à vogal ə, o contexto que se mostrou relevante para a distinção entre os casos de correspondência ə:ə e os casos de correspondência ə:i é o da posição em relação à sílaba tônica. Observando os dados nas tabelas do Anexo 3, verifica-se que ə:ə ocorre em 21 contextos de posição tônica e apenas 1 caso de pré-tônica (embora, sendo um composto, possa comportar dois acentos: dado 60). Já o contrário ocorre com a correlação ə:i, que comparece 13 vezes em posição pré-tônica e apenas 1 vez em posição tônica. Aliás, o dado que corresponde a esse último caso (n. 20) não é incontroverso ou pacífico, uma vez que para “porco do mato” encontra-se uma variação, às vezes no mesmo dialeto, entre *krɨŋ* e *krəŋ*. Em outras palavras, há uma variante que também apresenta a correspondência ə:ə, o que significa que todos os casos de posição tônica mantêm a qualidade da vogal.

A conclusão acima, a respeito dos contextos distintos em que se dão as distintas correspondências da vogal ə do Xoklég, permite formular hipóteses acerca da passagem do sistema fonológico da proto-língua para as línguas em apreço. Uma primeira hipótese possível é a de que a posição tônica garantiu a manutenção da qualidade da vogal central média, enquanto na posição pré-tônica, uma vogal ə da proto-língua teria alçado a **i** (vogal central alta não-arredondada) no Kaingáng.

Uma outra interpretação cabível (outra hipótese) é que a proto-língua possuía um fonema com os alofones [ə] e [i] em distribuição complementar (o primeiro fone em posição tônica, e o

⁶⁹ Há uma exceção: no caso de **ê**, a correspondência **ê:i** responde por pouco mais de 80% dos dados; porém, os outros 20% (8 dados) distribuem-se em 4 distintas correspondências (**ê:ê**, **ê:i**, **ê:ɔ**, **ê:ɨ**), revelando-se todas elas pouco significativas. A correspondência **ê:ê** ocupa a “2ª posição” com esses 3 dados: 44 – *kwēnkweł* : *kēnkēr* ; 257 – *zēndju* : *fēnju* ; 380 – *kagmē(g)* : *kēgmēg*. Ou seja, 3 casos que não têm um ponto de partida comum.

segundo em pré-tônica), que teriam se fundido em [ə] no Xoklég e permanecido separados em Kaingáng.

Os casos de correspondência **ə:a** (dados 427 e 460) são dois exemplos de sílaba tônica (em palavras monossilábicas). Não há nada que os distinga efetivamente das outras situações com posição tônica, a não ser, é claro, a correspondência particular, aí, de **ə:a**. Observa-se, pelo menos, que são dois casos de posição tônica, nos quais a vogal não sobe (na hipótese de um original **á** na proto-língua), mas abaixa. Em outras palavras, espera-se que a vogal se eleve apenas quando observar-se uma posição pré-tônica, e que se mantenha na posição tônica (ou, excepcionalmente, baixe nessa posição). Seria difícil explicar, por essa hipótese, um dado em que a vogal se elevasse na posição tônica, mas isso não ocorre nos dados.

Por fim, observemos os dados que mostram a correspondência **ə:ã** (na relação Xokleng:Kgg PR) ou a correspondência **ə:õ** (na relação Xokleng:Kgg Sul):

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG PR / SC, RS
11.	Alegria, ficar contente		wãŋkəŋze , wãŋkəgzeg	wẽŋ kãŋwi / wẽŋ kõŋwi
14.	Amadurecer		čán = [tʃədn]	rãŋ (ambos)
137.	Correr		lálá	rãm rãm ke (pl.) / ? ⁷⁰
331.	Morrer (pl.)		kántã	kãŋter / kõŋter

O que observamos de comum em 11 e 14 é a mudança (aparentemente fortuita) da qualidade da consoante contígua. Em 11, a consoante que fecha a sílaba no Xoklég é uma nasal velar, mas em Kaingáng é uma nasal palatal. Em 14, a consoante inicial da sílaba é uma obstruinte palato-alveolar no Xoklég, mas é uma soante alveolar em Kaingáng. Contextos semelhantes não acontecem em nenhum dos outros 40 dados com ocorrência de **ə** no Xoklég.⁷¹

Em 137 a circunstância distinta – e que, talvez, aproxime esse dado dos dois anteriores – é a mudança na estrutura da sílaba e, mais que isso, na rima, onde a vogal pode associar-se intimamente a uma consoante à sua direita. No Xoklég, a vogal em questão está em uma sílaba aberta, enquanto em Kaingáng aparece em sílaba travada pela nasal bilabial **m**.⁷² Por fim, não sabemos se é possível garantir que os termos em questão efetivamente se correspondem.

⁷⁰ Nos dialetos do Sul não conhecemos termo equivalente; para *correr*, o termo mais usual é **wẽwõ**.

⁷¹ Não estamos nos referindo – nem tomaremos em conta – aqui, às correspondências regulares entre consoantes das duas línguas, como **l:r** (ex.: dados 20, 77, 93), **č:f** (ex.: 144, 298), **ð:f**, etc.

⁷² A única circunstância que pode aproximar-se dessa, em dados nos quais foram observadas correspondências regulares de **ə:i** em pré-tônicas, estão nos dados 144 (*cotia*: Xo kləčuŋ Kgg kɪʃəŋ) e 328 (*morcego*: Xo kədəj Kgg krɪfej). No primeiro caso, uma sílaba CCV no Xoklég corresponde a uma sílaba CV no Kaingáng, enquanto no

Por fim, o dado 331 (*morrer pl.*) efetivamente apresenta uma particularidade: trata-se de dois morfemas, sendo que a raiz do verbo *morrer* é **tel** em Xoklég, que corresponde a **ter** no Kaingáng. Nesse, e em diversos outros verbos de uma mesma classe, o Xoklég acresce um morfema prefixal para produzir a forma do plural (em alguns dos mesmos verbos, o Kaingáng usa de recurso idêntico; em outros, emprega a reduplicação, como no último exemplo da tabela abaixo⁷³). Veja-se a pequena relação de exemplos abaixo, na qual, para melhor visualização, separamos os morfemas por um hífen:

PORTUGUÊS	SINGULAR		PLURAL		Obs.
	XOKLÉNG	KAINGÁNG PR	XOKLÉNG	KAINGÁNG PR	
a. Faminto	ku-jel	kɔ-kĩr	kaŋ-jel	kɔ-kĩr	v. dado 219
b. Sair	pɔ	pa	ka-pɔ		v. dado 453
c. Chorar	ðɔ	fĩ	kəŋ-ðɔ	kiŋ-fĩ	v. dados 112 e 113
d. Pagar	kɔ-jam	ka-jãm	kəŋ-jam	kiŋ-jãm	v. dados 361 e 362
e. Tecer fio	ðen	fen	kəŋ-ðen	ki-fen	v. dados 492 e 493
f. Morrer	Tel	ter	kəŋ-tã	kãŋ-ter	dados 330 e 331
g. Queimar	Pũn	pũn	kə-pũn	kuŋ-prũn	v. dado 430
h. Plantar	klan	krãn	kə-klan ⁷⁴	krãn-krãn	v. dados 403 e 404

A tabela acima mostra uma certa regularidade de correspondências nas formas morfológicas **kəŋ** e **kiŋ**, respectivamente, do Xoklég e do Kaingáng (exemplos **c**, **d**, **e**).

Nos dados **f** e **g**, porém, a estrutura básica do morfema é respeitada – a saber **{kVŋ-}** – mas a vogal não apresenta a esperada correspondência **ə:i** em posição átona, como observada nos casos acima. Em **f** vemos, então, ocorrer **ə:ã**, e em **g**, vemos **ə:u**. São, ao que parece, dois casos isolados, que não colocam dúvidas quanto à regularidade das correspondências estabelecidas por outros 37 dados (22 de **ə:ə** + 15 de **ə:i**), para os quais se determinou claramente os contextos de ocorrência.

segundo caso inverte-se, e uma sílaba CV no Xoklég corresponde a uma CCV do Kaingáng. Nos dois casos, porém, a mudança é no ataque silábico, geralmente menos intensamente ligado ao núcleo silábico do que uma consoante na rima. E nos dois casos, a consoante principal do onset não foi alterada.

⁷³ Por simplificação, vamos empregar aqui a expressão “*verbo no plural*”, “*plural dos verbos*” e equivalentes. Em outro trabalho já apontamos nossa compreensão de que há uma diferença entre concordância de plural e expressão de ação múltipla no verbo (cf. D’Angelis 2004). A reduplicação, como recurso para expressar ação múltipla, igualmente se emprega no Xoklég. Por exemplo: *Arrebeitar*, *furar*: *tum* (sg.) *tuŋ-tumi* (pl.) (cf. Gakran et. Al. 1997:51).

⁷⁴ É provável uma crase em razão da homorganicidade de fonemas (final do primeiro morfema e inicial do segundo), de modo que a forma fonológica completa desse termo poderia ser: **kəŋ-klan**.

II.2.2. Vogal A = [a] do Xoklém e suas correspondências no Kaingáng

As tabelas do Anexo 4 foram construídas, inicialmente, colocando-se lado a lado o termo Xoklém e o respectivo termo Kaingáng nas variantes faladas em Santa Catarina e Rio Grande do Sul (ver Anexo 4 - I). No entanto, um problema se colocou logo de início, quando observamos a simples enumeração dos exemplos no Quadro “*Distribuição dos Dados*” (ver Anexo referido): há um bom número deles que comparecem como exemplos da correlação **a : õ** e, ao mesmo tempo, como exemplos da correlação **a : ê** (vejam-se os números 19, 51, 104, 135, 166, 174, 182, 271, etc.). Essa repetição significa que o mesmo termo foi ouvido, na mesma comunidade (com frequência, pelo mesmo falante), ora com a vogal [õ], ora com a vogal [ê].

Wiesemann atribuiu isso, inconsistentemente, seja à idiossincrasia do falante ou à sua disposição de momento⁷⁵, seja ao contexto fonético imediato⁷⁶, seja ainda a uma distinção ou opção dialetal⁷⁷. O que escapou a Wiesemann, segundo nosso entendimento, foi a compreensão da importante distinção semântica operada, produtivamente, na língua, pela alternância entre [õ] e [ê]. Tratamos disso em um trabalho anterior (D’Angelis 2002b), mostrando que, ao menos nos dialetos falados no Oeste de Santa Catarina e parte do Rio Grande do Sul, opera “*um sistema de classificação nominal (cf. Aikhenvald 1994:144, 151) que emprega a categoria forma (exclusiva de línguas-classificadoras, segundo Allan 1977)*”. Sendo assim, é previsível que, em momentos distintos, por contextos distintos, um mesmo termo possa ser pronunciado, por um mesmo falante, ora com uma, ora com outra das vogais, dependendo das características semânticas assumidas pelo falante para aquele contexto.

Em uma oportunidade, almoçando com professores Kaingáng do Inhacorá, na área deles, fora da casa começou uma chuva mansa, miúda. Perguntei-lhes, então: *Como se deve falar, quando está uma chuva assim, miúda?* Um deles respondeu: *Ta ta kut[ê] nýtĩ*. Alguns dos outros disseram o mesmo, quase simultaneamente. Perguntei, então, em seguida: *Mas se estiver chovendo forte, grosso, como devo dizer?* Ao que o mesmo professor respondeu (outra vez, secundado por alguns outros): *Ta ta kut[õ] mag*. Naquele momento, tenho certeza que o próprio falante colocou a atenção

⁷⁵ “*pode se pronunciar à vontade, ou todos como (ê), ou todos como (ã) ou todos como (õ), dependendo da inclinação do falante*” (Wiesemann 1967:2).

⁷⁶ “*A pronúncia varia com o ambiente: ao lado de vogais anteriores... (etc.)*” (Idem, ibidem).

⁷⁷ “*No dialeto Sul existe apenas uma vogal baixa nasalizada /ã/, cuja região de alofonia abrange a vogal / æ / do dialeto Paraná. Essa vogal surge com frequência na fala, de modo que no dialeto Sul existe ainda bem mais homofonia do que no dialeto Paraná*” (Wiesemann 1972:40)

na última palavra, um intensificador que pode atuar sobre nomes ou sobre verbos: *mag* = [ˈmbaɡ] = “grande, muito”.⁷⁸ No entanto, o mais importante foi a confirmação de nossa intuição, ao formular os pedidos: que para uma chuva calma e miúda, o **verbo** recebeu uma marca fonológica que carrega a conotação semântica de delicado, difuso, etc, enquanto para uma chuva forte e grossa o mesmo **verbo** recebeu a marca que indica o forte, o compacto, etc.⁷⁹

Sendo assim, o fato de alguns termos comparecerem no *corpus* como exemplos com [ɔ] e também com [ẽ], enquanto outros comparecem apenas com uma ou outra forma, pode ser realmente gratuito, em função do caráter não sistemático dessa busca na produção ou busca dos dados⁸⁰. Portanto, ficaria bastante difícil, ou mesmo impossível, deixar de lado esse caráter fortuito do *corpus* nesse aspecto, e pretender tirar conclusões sobre contextos de relevância a partir dele. Optamos, pois, por refazer as tabelas, cotejando as formas do Xoklég com as formas do Dialeto do Paraná, conforme anotado por Wiesemann.⁸¹

Passamos, então, à análise das correspondências da vogal central baixa comparando Xoklég com o dialeto do Paraná, já mencionado. O Anexo 4 - II apresenta as tabelas que sistematizam as correspondências encontradas nessa comparação. O que fica evidente é a presença sistemática da correspondência **a : ã**. De um conjunto de 81 dados, 73 são casos de correspondência **a:ã** (ou seja, 90% dos casos). Dos restantes, 3 apresentam a correspondência **a:ẽ** (menos de 4%), 2 apresentam correspondência **a:a**, outros 2 a correspondência **a:ɔ**, e 1 a correspondência **a:a**.

Os 3 casos de **a : ẽ** no dialeto do Paraná não parecem apresentar uma sistematicidade ou uma característica contextual que os distingam, como grupo, dos demais dados. Menos ainda as correspondências com apenas 2 dados cada uma.

⁷⁸ Em geral ouvimos *məɡ* = [ˈmbəɡ] (com vogal central média) para o adjetivo “grande”, mas no Inhacorá, em seu uso como intensificador, ele admite uma distinção de grau, na qual a forma com vogal baixa (*mag*) carrega uma noção de maior intensidade e força que a forma com vogal média.

⁷⁹ Recentemente, já no curso da presente pesquisa, entrevistei um homem Kaingang do Rio Grande do Sul (nascido no oeste de Santa Catarina), de cerca de 50 anos de idade. Pedi sua ajuda para um pequeno vocabulário e, a certa altura, pedi-lhe para dizer o termo pelo qual uma pessoa se refere ao seu animal de estimação. Ele disse: [ijʃˈmɔŋ] (lit. *minha criação*), exemplificando com “um cachorro”, mas em seguida acrescentou, por sua iniciativa: [ijʃˈmẽŋ], “se for meu cachorrinho”.

⁸⁰ Atente-se a que não estamos corroborando Wiesemann em sua hipótese de uso *a la* idiosincrasia do falante; o que é fortuito, aqui, é o fato de que, em um *corpus* reunido em condições diversas de produção ou de elicitación de dados, não há registro ou controle das condições de contextualização que permitam saber porque, em uma circunstância, o falante pronunciou uma palavra usando a vogal [ẽ], e em algum outro momento, pronunciou o mesmo termo usando [ɔ].

⁸¹ Segundo Wiesemann, o dialeto Paraná é falado acima do Rio Iguaçu e abaixo do Paranapanema.

II.2.3. Vogal $\tilde{A}$ = [ã] do Xoklég e suas correspondências no Kaingáng

Como para o caso das correspondências $a : \tilde{õ}$ e $a : \tilde{ê}$, as tabelas no Anexo 5 - I não permitem conclusões sobre regularidades nas correspondências $\tilde{ã} : \tilde{õ}$ e $\tilde{ã} : \tilde{ê}$ entre o Xoklég e os dialetos Kaingáng de Sta Catarina e Rio Grande do Sul. Em outras palavras, não se encontra uma resposta razoável para a pergunta: quando é que ocorre a correspondência $a : \tilde{õ}$, e quando ocorre $a : \tilde{ê}$?

Entretanto, observemos as correspondências com o dialeto Kaingáng do Paraná (ver Anexo 5 – II). A maior parte das palavras em que há correspondência $\tilde{ã} : \tilde{ê}$ entre o Xoklég e os dialetos de SC e RS, apresenta uma correspondência semelhante entre Xoklég e o dialeto Kaingáng do PR⁸². Já a correspondência $\tilde{ã} : \tilde{õ}$ (Xoklég : Dialetos SC e RS) não se encontra quando a segunda língua é o dialeto Kaingáng do Paraná; sendo esse dialeto comparado com o Xoklég, encontramos, em 80% dos dados (ver Anexo 5 - II), a correspondência $\tilde{ã} : \tilde{ê}$, e na maior parte dos 20% restantes, a correspondência $\tilde{ã} : \tilde{ã}$.

O mais relevante é que, comparando Xoklég com o dialeto Kaingáng do Paraná é possível produzir uma resposta à pergunta: quando é que ocorre a correspondência $\tilde{ã} : \tilde{ã}$ e quando ocorre $\tilde{ã} : \tilde{ê}$?

As tabelas no Anexo 5 – II apresentam 44 dados para a correspondência $\tilde{ã} : \tilde{ê}$ e 10 dados para $\tilde{ã} : \tilde{ã}$.

A circunstância que se mostra comum aos dados da correspondência $\tilde{ã} : \tilde{ã}$ é a ocorrência na posição pré-tônica. Isso vale para 9 dos 10 dados: 25, 156, 228, 386, 391, 411, 436, 454 e 504. A aparente exceção é o dado 286, no qual a palavra resultante, em Kaingáng do Paraná é dissilábica, com a vogal $\tilde{ã}$ comparecendo na sílaba final. No entanto, em Xoklég o termo é trissilábico, com a vogal $\tilde{ã}$ comparecendo na sílaba medial, pré-tônica. Desse modo, se a forma do Xoklég for considerada mais próxima da forma da proto-língua, é nesse contexto que terá operado a passagem de uma língua a outra e, portanto, o dado 286 se conforma à condição geral de sílaba pré-tônica.

Seria de esperar, então, que o contexto da correspondência $\tilde{ã} : \tilde{ê}$ é o da ocorrência na posição tônica da palavra. De fato, é isso que ocorre sem margem a dúvidas em pelo menos 25 dos 41 dados⁸³. Resta avaliar os demais dados (cujos números estão destacados na primeira tabela do Anexo 5-II.. Ex: 61). Podemos distinguir quatro grupos de situações, a saber:

⁸² Para 2 dados não obtivemos o correspondente (em Wieseemann) para o dialeto do PR: os dados 78 e 172.

⁸³ Ver dados: 08, 21, 102, 119, 129, 186, 195, 200, 207, 229, 231, 245, 271, 291, 300, 324, 344, 351, 352, 354, 357, 375, 385, 468, 494.

1. Harmonização vocálica (4 casos)

	PORTUGUÊS	XOKLÉNG	KAINGÁNG PR
46.	Axila	jǎlǎ	jěřě
290.	Levantar	jǎgdǎ	jěgně
306.	Mandar	zǎnǎ , zǎnǎg	jěně
311.	Maracanã	kǎnkǎl	kěnkěř

Os quatro dados acima também estão incluídos no caso prototípico, esperado, de correspondência **ã:ẽ** em posição tônica, em razão de sua última sílaba. Mas são também destacados aqui em razão da sílaba pré-tônica em que aquela correspondência também ocorre.

Nos dados acima, vemos que em Xokleng as duas vogais da palavra são idênticas; logo, a vogal em posição tônica **ã** tem o esperado correspondente **ẽ** no Kaingáng do Centro do Paraná. Ademais disso, a harmonização igualmente ocorre no mencionado dialeto Kaingáng. Sendo assim, consideramos que, nessas palavras, a correspondência **ã : ẽ** na posição pré-tônica não contraria a hipótese acima sugerida, porque aqui se trata de harmonização vocálica.

2. Compostos (9 casos)

	PORTUGUÊS	XOKLÉNG	KAINGÁNG PR
11.	Alegria, ficar contente	vǎnhkágze , vǎnhkágzég	věnh kǎnhvy
145.	Cotovelo	pǎkǝnu	pěñ kanun
159.	Dançar	vǎnhglén	věnh grén
173.	Descansar	vǎnhkán	věnh kán
197.	Encostar	glǎn ke	grěñ ke
264.	Guerra	vǎnhgénh	věnh génh
294.	Livro, coisa escrita	vǎnhlál	věnh rán
442.	Remédio	vǎnhkógtó	věnh kagta
477.	Sonho	vǎnhbigti	věnh pétí (sg.), věnh pigti (pl.)

Os casos elencados na tabela acima aparentam apresentar a correspondência **ã : ẽ** em sílaba pré-tônica. No entanto, sugerimos que o falante toma tais termos como compostos, mantendo acento em cada um dos formantes. Sendo acentuados (mesmo que não seja o acento primário), atendem à condição acima proposta para ocorrência daquela correspondência. Observe-se, a

propósito, que Wiesemann escreve (e propõe que se escrevam) todas as palavras acima com separação dos dois elementos que entram na composição. Isso vale para **vēnh** em todos os casos que comparece, mas também para **grēn** no dado 197.

3. Vogal inicial de palavra (3 casos)

	PORTUGUÊS	XOKLÉNG	KAINGÁNG PR
75.	Caçar	ãklég	ěkrénh
79.	Caminho, estrada	ãměn	ěmĩn
389.	Pensar, lembrar	ãklén, ãklég, ãkle	ěkrén

Os três dados acima também são exceção à condição sugerida (qual seja, que a correspondência **ã : ã** acontece em posição pré-tônica, enquanto **ã : ě** deve ocorrer em posição tônica). O que apresentam em comum – no que diferem de todos os outros dados aqui analisados – é o fato de serem palavras iniciadas por vogal (ou seja, uma sílaba **V**). Tomaremos, por ora, esse fato como uma circunstância adicional que interfere na condição geral que regula as correspondências **ã : ã** e **ã : ě** nesse dialeto.⁸⁴

4. Exceções aparentemente não justificáveis (2 casos)

	PORTUGUÊS	XOKLÉNG	KAINGÁNG PR
61.	Boca	jãncy	jěncy
263.	Guabiroba	pãnvó	pěnva

Finalmente, para os dois dados acima não encontramos nenhuma circunstância específica que justifique sua ‘transgressão’ à condição sugerida para as correspondências em análise. Nos dois casos temos a correspondência **ã : ě** ocorrendo em uma sílaba pré-tônica, sem que esteja ocorrendo harmonização vocálica (como em 1), sem que se possa sugerir composição (como em 2) e sem que seja uma sílaba inicial sem onset (como os casos em 3).

Registre-se, porém, que Frei Mansueto de Val Floriania, pesquisando no baixo Tibagi, consignou, em seu Dicionário, tanto a forma *Jantkü*, quanto *Jentkü*, como tradução de “Boca”, em Português (p. 231). No entanto, na parte do dicionário com entradas em Kaingáng, registrou apenas *JANTKÜ* com a tradução “Boca” e vários exemplos usando a mesma forma (p. 120)⁸⁵. Em outras

⁸⁴ Não descartamos a possibilidade de realização como [ãmĩn] para o dado 79 no dialeto do Paraná.

⁸⁵ Wanda Hanke, que pesquisou em aldeia próxima, já na década de 1940, embora não tenha registrado a nasalidade da primeira sílaba, anotou *jedky* (Hanke 1950:127). No entanto, Telêmaco Borba, que igualmente registrou o dialeto

palavras, Val Floriana registrou, no Kaingáng do Paraná, uma forma idêntica ao Xoklég, de modo que a vogal **ã**, em sílaba pré-tônica, encontra correspondente em **ã**, na palavra em Kaingáng. E o mesmo se passa com a palavra *Guabiroba*, que aparece grafada, por Val Floriana, como *Pano-á* (p. 257), na tradução da palavra portuguesa, e como *PANOÁ* (p. 157), na entrada em Kaingáng. Nas duas vezes, com vogal central e não com vogal anterior, na primeira sílaba. Relacionando ao Xoklég, isso dá a correspondência **ã:ã**, como esperado em posição pré-tônica.

De todo modo, consideramos esses dois últimos dados (e apenas esses) como exceções, de maneira que entendemos que a hipótese sugerida se sustenta: a correspondência **ã : ê**, entre Xoklég e Kaingáng do Paraná, ocorre em sílaba tônica, enquanto a correspondência **ã : ã** ocorre em sílaba pré-tônica.

II.2.4. Vogal U = [u] do Xoklég e suas correspondências no Kaingáng

Finalmente, no caso da vogal u, o levantamento exaustivo (ver Anexo 6) dos contextos em que se dão as correspondências **u:u**, **u:ɔ**, **u:i**, **u:o** e **u:ε** não nos permitiu concluir por nenhum condicionamento específico para explicar tais diferenças. O mais relevante, certamente, é buscar explicar as duas correspondências responsáveis pelo maior conjunto de dados: **u:u** e **u:ɔ**, juntas, são responsáveis por mais de 90% dos dados (70 em 77). Como **u:u** responde por mais de 55% das ocorrências de **u** no Xoklég, buscamos primeiramente descobrir se havia um contexto favorável ou determinante para o desenvolvimento da correspondência **u:ɔ** (com 33,7% dos dados).

Nos casos de correspondência **u : ɔ** podemos verificar, por exemplo⁸⁶:

1. Posição na palavra:

- a. Sílaba inicial: 12 dados
 - a.1) sem onset: 3 dados (23, 284, 489)
 - a.2) com onset: 9 dados (34, 219, 251, 253, 276, 296, 405, 478, 515)
- b. Sílaba final: 6 dados
 - b.1) sem coda: 2 dados (225, 398)
 - b.2) com coda: 4 dados (144, 228, 321, 499)
- c. Monossílabos: 9 dados (69, 99, 205, 281, 343, 363, 433, 461, 462)

Esse critério não mostra nenhum privilégio ou situação favorecida por qualquer posição.

Kaingáng do norte paranaense (tendo atuado, primeiramente, na região onde Val Floriana veio a pesquisar e, posteriormente, mais ao sul, na região do médio Tibagi), anotou, em seu Vocabulário, *Iântque* (Borba 1908:95).

⁸⁶ Os dados referentes a cada correspondência encontram-se organizados em tabelas próprias no **Anexo 6**.

2. Contexto da tonicidade⁸⁷:

- a. Posição pré-tônica: 12 dados (23, 34, 219, 251, 253, 276, 284, 296, 405, 478, 489, 515)
- b. Posição tônica: 15 dados (69, 99, 144, 205, 225, 228, 281, 321, 343, 363, 398, 433, 461, 462, 499)

A tonicidade se mostra igualmente irrelevante.

3. Contexto segmental imediato, segundo o ponto de articulação:

- a. **Silêncio**: 7 dados
 - a.1) Precedida de silêncio: 3 dados (23, 284, 489)
 - a.2) Seguida por silêncio: 4 dados (99, 205, 225, 398)
- b. Consoante **Labial**: 7 dados
 - b.1) Precedida por consoante labial: 6 dados (99, 205, 228, 281, 296, 343)
 - b.2) Seguida por consoante labial: 1 dado (515)
- c. Consoante **Coronal**: 19 dados
 - c.1) Precedida por consoante coronal: 9 dados (144, 225, 253, 321, 363, 433, 461, 462, 499)
 - c.2) Seguida por consoante coronal: 10 dados (23, 219, 228, 281, 284, 321, 433, 462, 478, 499)
- d. Consoante **Velar**: 21 dados
 - d.1) Precedida por consoante velar: 11 dados (34, 69, 219, 251, 253, 276, 398, 405, 478, 499, 515)
 - d.2) Seguida por consoante velar: 10 dados (69, 144, 251, 253, 296, 343, 363, 405, 461, 489)
- e. Consoante **Glotal**: 3 dados
 - e.1) Precedida por consoante glotal: nenhum dado.⁸⁸
 - e.2) Seguida por consoante glotal: 3 dados (34, 276, 462)

⁸⁷ Como as palavras Kaingáng são, por regra, acentuadas na sílaba final (o acento é apenas delimitativo), não existe a posição Pós-Tônica.

⁸⁸ Embora não possamos ainda afirmar com segurança que na proto-língua palavras como dos dados 23 e 284 não começavam por oclusiva glotal.

Sozinho, nenhum dos contextos acima apresenta qualquer relevância. Alguma relevância talvez se possa ver no fato de que, somadas as posições antes e depois da vogal em análise, os casos relacionados a silêncio totalizam apenas 7, os casos com consoantes labiais igualmente não passam de 7 e os casos com consoantes glotais se restringem a 3, enquanto os casos com consoantes coronais chegam a 18, e os casos com consoantes velares (antes ou depois) totalizam 20 exemplos.

Observemos, porém, de uma outra perspectiva, assumindo não os pontos de articulação, mas os articuladores. Consoantes Coronais Posteriores mobilizam um articulador Dorsal, do mesmo modo que as consoantes Velares. Se redistribuirmos os dados do quadro acima pelos articuladores Labial, Coronal, Dorsal e Glotal, teremos uma nova configuração:

4. Contexto segmental imediato, segundo os articuladores:

- a. **Silêncio:** 7 dados
 - a.1) Precedida de silêncio: 3 dados (23, 284, 489)
 - a.2) Seguida por silêncio: 4 dados (99, 205, 225, 398)
- b. **Labial:** 7 dados
 - b.1) Precedida por labial: 6 dados (99, 205, 228, 281, 296, 343)
 - b.2) Seguida por labial: 1 dado (515)
- c. **Coronal:** 6 dados
 - c.1) Precedida por coronal: 3 dados (225, 461, 462)⁸⁹
 - c.2) Seguida por coronal: 4 dados (219, 321, 433, 478)⁹⁰
- d. **Dorsal:** 26 dados
 - d.1) Precedida por dorsal: 15 dados (34, 69, 144, 219, 251, 253, 276, 321, 363, 398, 405, 433, 478, 499, 515)
 - d.2) Seguida por dorsal: 11 dados (69, 144, 251, 253, 296, 343, 363, 405, 461, 489, 499)
- e. **Glotal:** 3 dados

⁸⁹ Desses 3 dados, note-se que em 225 - /laŋlu/, a sílaba efetivamente é /ŋlu/, de modo que um articulador dorsal também se encontra antes da vogal, na mesma sílaba; e no dado 461, /tuŋ/, embora precedida por um articulador coronal, a vogal é também contígua, à direita, com um articulador dorsal.

⁹⁰ Dos 4 dados em questão, em 219 - /kujel/, embora exista o articulador coronal à direita, a vogal é precedida por um articulador dorsal; em 321 - /pun/ e em 433 - /čul/ a situação se repete; e em 478 - /kulam/, a situação é aparentemente a mesma, com o agravante que a dorsal contígua à vogal pertence à mesma sílaba dela, o que não é o caso da consoante coronal seguinte.

e.1) Precedida por glotal: nenhum dado.⁹¹

e.2) Seguida por glotal: 3 dados (34, 276, 462)

Encontramos, agora, uma certa preponderância ou situação aparentemente favorecedora, uma vez que 26 casos ocorrem na contiguidade de consoante com articulador *dorsal*,⁹² enquanto outros 16 dados se distribuem entre *labial* (7), *coronal* (6) e *glotal* (3).

Considerando-se apenas um contexto de relevância para a ocorrência da correlação **u:ɔ**, o total de ocorrências são os 27 dados (da segunda tabela do Anexo 6), dos quais 21 são ocorrências em que um dos segmentos contíguos (ou ambos) é um articulador dorsal.⁹³ Os 21 casos representam, então, mais de 75% do total, mas ainda assim não se pode tirar conclusões sobre isso. O maior problema com essa sugestão é o fato de que, nos 44 dados em que ocorre a correspondência **u:u**, também há mais de 35 deles em que a vogal está contígua a uma consoante com articulador *dorsal*. Logo, também essa hipótese deve ser descartada.

Se observamos os contextos em que se dá a correlação **u:u** (primeira tabela do Anexo 6), igualmente não encontramos um fator significativo. Em 44 dados encontramos, com respeito à posição na palavra, 1 caso de sílaba inicial sem onset, 20 casos de sílaba inicial (pré-tônica) com onset, 6 casos de sílaba final sem coda, 5 de sílaba final com coda e 8 casos de sílaba única; quanto à tonicidade, são 22 casos de sílaba tônica e 23 de sílaba pré-tônica. E quanto ao contexto segmental imediato, contamos 23 casos de contigüidade com consoante velar, mas 31 casos de contigüidade com consoante coronal e 8 casos de contigüidade com consoante labial. Em resumo, nada que se mostre relevante, por falta de sistematicidade.

Não há, igualmente, qualquer padrão nas correlações **u:i**. E qualquer uma que se encontre na correlação **u:o**, com apenas dois dados, não pode ser considerada distinta de mera coincidência.

Dessa forma, os dados pedem alguma interpretação alternativa. A mais plausível, quando não se podem descrever contextos que justifiquem uma divisão de um fonema, é a que sugere que tenha ocorrido uma fusão, em Xokleng, das vogais ou proto-fonemas **u** e **ɔ** da proto-língua.

⁹¹ Embora não possamos ainda afirmar com segurança que na proto-língua palavras como dos dados 23 e 284 não começavam por oclusiva glotal.

⁹² Note-se que 7 dados são computados duas vezes, porque neles, a vogal é tanto precedida quanto seguida de consoante com articulador dorsal: 69, 144, 251, 253, 363, 405, 499.

⁹³ Só não se incluem nessa situação os dados 99, 205, 228, 281, 284 e 462.

II.2.5. As outras vogais Xoklég e suas correspondências no Kaingáng

Voltemos, porém, aos casos em que identificamos um padrão consistente e regular nas correspondências. Como seria esperado, não há repetição do primeiro membro de cada correspondência nas sistematizações acima. No primeiro grupo, as quatro vogais Xoklég que mereceram demorada análise (com um Anexo dedicado às correspondências de cada uma) foram: **u, ə, a, ã**. No segundo grupo, aquele dos padrões regulares, os primeiros membros de cada correspondência (as vogais relativas às formas do Xoklég) foram: **i, e, ɛ, i, o, ɔ, ê, ũ, õ, ã**. Se olharmos, porém, ao segundo membro de cada correspondência (ou seja, as correspondentes vogais Kaingáng), iremos observar:

- (i) tanto **ê** quanto **õ** ocorrem duas vezes (**a : ê, ã : ê**) (**a : õ, ã : õ**), mas esses casos estão entre os analisados em II.2.2 (e Anexo 4) e em II.2.3 (e Anexo 5).
- (ii) **i** ocorre como segundo membro em duas correspondências: **ə : i, i : i** (a primeira delas foi analisada em II.2.1 (e Anexo 3), mas a segunda delas é parte do grupo dito de “padrão regular”).
- (iii) **ã** ocorre como segundo membro de duas correspondências (**õ : ã, ã : ã**), ambas no grupo de “padrão regular”.

Pelo número de ocorrências, chama a atenção a situação de **i** como a vogal correspondente, em Kaingáng, ora a **ə** (14 dados), ora a **i** (33 dados) do Xoklég. As correspondências **ə:i** e **ə:ə** foram analisadas cuidadosamente em II.2.1 (e Anexo 3), levando à conclusão de que a correspondência **ə : i** se dá em posição pré-tônica, enquanto **ə:ə** restringe-se à posição tônica. Se olharmos, então, à correspondência regular **i:i**, nos surpreendemos ao encontrar, em todos os 33 dados, a vogal em questão situada na sílaba tônica.⁹⁴ E se observamos as ocorrências de **ə** em Kaingáng do Paraná, encontramos apenas dois dados em que essa vogal ocorre em posição pré-tônica: 35 – *nəgnəm* “arrebentar (pl.)” (uma reduplicação) e 60 – *jənhnɛ* - “bexiga” (em que Wiesemann destaca, ortograficamente, o caráter de composição: *jánh nê*). No Kaingáng do Sul a

⁹⁴ Há três aparentes exceções a registrar: o dado 347 (*jji nome*), em que a correspondência se dá nas duas sílabas (tônica e pré-tônica), mas que é um caso de reduplicação; e o dado 475 (*ji?in solução*), onde também temos a correspondência nas duas sílabas, e que parece ser um caso de onomatopéia. O terceiro caso é a aproximação feita entre os termos “*enjôo*”, em Xoklég (dado 198: *hike*), e “*puxar fôlego*”, em Kaingáng (dado 425: *himke*). A aproximação, que já parecia mal estabelecida pela semântica, definitivamente não se sustenta, considerando as circunstâncias das demais ocorrências de **i:i**.

situação é semelhante, só acrescentando mais um termo: 406 – *mejtənhthu* – “pomba preta” (um evidente composto em Kaingáng, dado o número de sílabas⁹⁵).

Isso tudo pode ser sistematizado no seguinte quadro de correspondências:

XOKLÉNG		KAINGÁNG	
ə = em posição tônica	:	ə = em posição tônica	
ə = em posição pré-tônica	:	ĩ = em posição pré-tônica	
ĩ = em posição tônica	:	ĩ = em posição tônica	

Entendemos que há duas interpretações mais prováveis para esse quadro:

(1) a Proto-Língua distinguia fonologicamente /ə/ e /ĩ/ em posição tônica, mas essa oposição era neutralizada, em posição átona, em favor de /ə/ (o que provavelmente significaria, fonologicamente, não um abaixamento – embora, foneticamente, também o seja – mas um distensionamento da vogal). Segundo essa interpretação, o Xoklég, nesse caso, manteve-se mais conservador, enquanto o Kaingáng teria generalizado o emprego da vogal alta /ĩ/, mantendo a oposição desta com a central média na posição tônica.

(2) a Proto-língua teria desenvolvido uma oposição entre central alta e central média apenas na posição tônica, sendo o quadro vocálico reduzido nas posições átonas, onde não ocorreriam vogais médias. O Kaingáng, mais conservador, teria conservado esse quadro, enquanto o Xoklég teria tomado a posição átona como posição de neutralização, em favor da vogal média.

Quanto às correspondências *ẽ* : *ẽ̃* e *ẽ̃* : *ẽ̃*, não há contexto restritivo, uma vez que todas as ocorrências de *ẽ̃* e de *ẽ* em Xoklég têm, por correspondente, uma vogal *ẽ̃* em Kaingáng do Paraná (ver Anexo 7)⁹⁶. Não há algo em comum, de contexto, que seja exclusivo da correspondência *ẽ̃* : *ẽ̃*, que explique a distinção das situações. Portanto, um caso de desarredondamento da vogal posterior e fusão no Xoklég, ou um caso de arredondamento da vogal média no Kaingáng, em contextos não verificáveis, a depender da análise global que se fará adiante.

⁹⁵ Baldus (1947:154) registra, entre as aves de seu Vocabulário Zoológico Kaingang: “*begty’gn* – pomba preta (espécie?)”, que corresponde às primeiras duas sílabas do dado 406, colocando *ə* numa sílaba tônica.

⁹⁶ Nesse caso, a correspondência é a mesma nos dialetos Kaingang de SC e RS.

II.3. Correspondências consonantais Xoklég – Kaingáng

A sistematização dos dados – apresentada nas tabelas do Anexo 2 – permite verificar diretamente as correspondências entre Xoklég e Kaingáng no que respeita às consoantes. Para um bom número delas, a correspondência se dá em 100% dos casos encontrados, em outras tantas se observa uma correspondência predominante com número superior a 90% das ocorrências. Cabe observar que o número de dados do Kaingang paulista é bastante mais reduzido, de modo que as correspondências encontradas, nesse caso, contam com menor número de ocorrências (igualmente registradas, em separado, no Anexo 2).

Iniciamos, pois, com as correspondências que se mostram fortemente consistentes e que dispensam considerações acerca de contexto de ocorrência. Distribuímos a apresentação, agrupando primeiramente aquelas observadas no ataque silábico silábico e, em seguida, as observadas em posição final de sílaba.

II.3.1. Ataque Silábico

OBSTRUENTES

Xokleng : Kaingang PR e Sul **p : p t : t č : š k : k ʔ : ʔ h : h**

Xokleng : Kaingang SP **p : p t : t č : č k : k ʔ : ʔ h : h**

SOANTES NASAIS

Xokleng : Kaingang (todos) **m : m n : n ŋ : ŋ**

SOANTES NÃO-NASAIS

Xokleng : Kaingang PR e Sul **l : r** (1ª posição: C(C)V) **l : r** (2ª posição: CCV)

Xokleng : Kaingang SP **l : r** (1ª posiç.: C(C)V) **l : l** (1ª posiç.pós #: #C(C)V)

l : r (2ª posição: CCV)

Xokleng : Kaingang (todos) **w : w j : j**

Referente a todo o conjunto acima, os dados discrepantes são mínimos e, em geral constituem exceções isoladas. São eles:

- a) Nas 25 correspondências de **č**, um caso de **č : ɲ** = 28. *Apagar*: Xo činɲil Kgg ɲin-ɲin⁹⁷
- b) Nas 134 correspondências de **k**, 2 exceções:
- (i) **k : ŋ** = 34. *Argila, barro branco*: Xo kuhol PR ŋoʔor Sul ŋoʔor
- (ii) **k : kr** = 215. *Estrela*: Xo kəŋzāl Kgg krĩŋ⁹⁸
- c) Nas 10 ocorrências de **h** em Xokleng, contam-se 9 correspondências **h:h** e uma exceção: **h : ʔ** = 34. *Argila, barro branco*: Xo kuhol PR ŋoʔor Sul ŋoʔor.
- d) Nas 32 ocorrências de **m**, uma exceção: **m:p** = 477. *Sonho*: Xo wāmiŋti = [wājmbikʰti] Kgg wē peti (sg.) = [wēɲpɛʰti], wē piŋti (pl.) = [wēɲpikʰti].
- e) Nas 33 ocorrências de **ŋ**, uma exceção: **ŋ:k** = 276. *Jacu*: Xo ŋuʔi = [ŋguʔi] SP e Sul kɔʔi = [kɔʔi].
- f) Nas 67 ocorrências de **l** como segunda consoante inicial de sílaba, há um caso de correspondência **l:Ø** (ver nota em **b (ii)** acima): 144. *Cotia*: Xo kləčuŋ = [kləʔʃuŋɳ] Kgg kiʃɔŋ = [kiʃɔŋɳ].
- g) Nas 47 ocorrências de **j** no Xokleng, apenas um caso não apresenta a correspondência **j:j**, mas **j:f**. No entanto, trata-se de um caso em que os dados mostram variação de registro, no Xokleng, entre **j** e **z** (a correspondência **z:f** será tratada abaixo): 393. *Perna*: Xo jɔ ~ zɔ Kgg fa.
- h) Nas 44 ocorrências de **w**, somente um dado é exceção à correspondência **w:w**, apresentando **w:m**: 483. *Sucuri*: Xo wijuj = [wiʰjuju] Kgg miju = [mbiʰjujɳ].
- i) **kw : kr** - um último destaque precisa ser feito com relação às consoantes encontradas no Xokleng em posição de ataque silábico. Trata-se de uma única ocorrência registrada de uma sequência **kw** ou consoante complexa **kʷ** (ver Anexo 2). O dado em questão, n. 44, encontra-se em *Vocabulário* publicado por Gakran et al. (1997):

⁹⁷ Não vale para o Kaingang de São Paulo, para o qual não se registrou o dado correspondente.

⁹⁸ Há também registros distintos para “estrela”, em Xokleng, tanto por Bublitz (1994), kləkθāñā, como por Gensch (1908), gliksáne. Esse caso talvez nem devesse ser considerado aqui, porque talvez os termos não sejam de fato correspondentes. Se o forem, será o único registro de uma sílaba CVC em Xokleng que tem, por correspondente, uma sílaba CCVC em Kaingang (ou, mais especificamente, uma sílaba **kV** correspondendo a uma sílaba **krV**). Existe um caso inverso, em que uma sílaba CCV do Xokleng (especificamente, uma sílaba **klV**) corresponde a uma sílaba CV do Kaingang (no caso, **kV**), que será registrado adiante, como ocorrência **l:Ø**.

$k^w\tilde{e}nk^w\tilde{e}l = [k^w\tilde{e}nt^w k^w\tilde{e}l\tilde{e}]$.⁹⁹

No *Vocabulário* em que aparece (Gakran et al. 1997:49), o termo é glosado apenas como “*Nome de ave*”. Pela correspondência, no Kaingang (PR), com $krĩnkrĩr = [kĩrĩnt^w kĩrĩr]$, sabemos tratar-se do nome indígena para o pássaro (papagaio) *Araguaí*¹⁰⁰. Não parece haver justificativa para a sobrevivência tão excepcional da correspondência **kw:kr**, mas talvez tenha se mantido, foneticamente, por questões de homofonia (evitando a forma $[klẽnt^w klẽlẽ]$).

Há, ainda um registro único de **Gw**, na palavra “*Gwin*” glosada como “*Grito, choro de onça*” (Gakran et al. 1997:48), para a qual o melhor candidato, em Kaingáng, como termo correspondente, é “*Kyr*” = $[kĩr]$ = canto, ronco¹⁰¹. Se forem mesmo termos de origem comum, a correspondência verificada é **ɲw : k**, sendo apenas um outro fato isolado.

Deve-se consignar, por fim, que o *corpus* apresenta apenas 4 registros da consoante oclusiva glotal. Em 3 deles não há ou não se obteve o correspondente no dialeto paulista (43, 106 e 475), e em 2 deles não temos correspondente no dialeto do Paraná (279 e 475)¹⁰². São esses os dados:

	PORTUGUÊS	XOKLÉNG	KAINGÁNG
43.	Assustar	$kaʔuŋ = [kaʔugŋ^]$	$kãʔu = [kãʔu]$
106.	Chefe, autoridade	$paʔi = [paʔi]$	$pãʔi = [pãʔi]$
276.	Jacu	$ŋuʔi = [ŋguʔi]$	$kɔʔi = [kɔʔi]$
475.	Soluçar	$jĩʔin = [jĩʔidn^]$	$jĩʔin = [jĩʔidn^]$

Ainda que poucos, eles são consistentes para garantir a ocorrência daquela consoante nas duas línguas em estudo. Para o Kaingáng existem outros dados, ainda que não numerosos. No próprio *corpus* encontra-se, por exemplo, o dado 34, em que o termo Xoklêng para “*argila, barro branco*” é **kuhol**, e tem por correspondente, no Kaingáng, **ɲoʔor** (PR) e **ɲoʔor** (Sul).¹⁰³

⁹⁹ Bublitz (194:24) agrega um segundo exemplo: $/yak^w a/$ ‘nome de homem’.

¹⁰⁰ *Aratinga leucophthalmus* (Frisch & Frisch 2005:120).

¹⁰¹ Existe, porém, o termo “*kĩ*”, em Xoklêng, glosado por “*Gritar, chamar*” (ver dado 261).

¹⁰² Em 276 e 475 coteja-se com Kgg do Sul.

¹⁰³ Uma importante palavra Kaingáng que contém essa consoante é o termo para *batata* = $pɛnʔɔ$, em desuso em alguns lugares, mas conhecido tanto no dialeto do PR quanto do Sul. Sua pronúncia é $[pɛt^w ʔɔ]$, e sua importância reside no fato de apresentar o mesmo processo fonológico que ocorre com qualquer outra consoante soante nasal quando seguida de uma obstruinte surda; com isso, essa palavra atesta a classe natural a que pertence a consoante $/ʔ/$. Essa palavra

II.3.2. Final de sílaba

SOANTES NASAIS

Xokleng : Kaingang (todos) **m : m n : n ɲ : ɲ**

SOANTES NÃO-NASAIS

Xokleng : Kaingang (todos) **l : r j : j**

No conjunto acima, referente à posição final de sílaba, também se registram umas poucas exceções, a saber:

- a) Das 63 ocorrências de **n** em coda silábica, nos dados do Xokleng, 60 resultam na correspondência **n:n** com Kaingang. As exceções são: (i) 2 correspondências **n:Ø**; e (ii) uma correspondência **n:ɲ**; conforme abaixo:

(i) 60. *Bexiga*: *Xo jánen* = [jəjɲndɛdn] *Kgg já-ne* = [jəjɲndɛ] ; 65. *Borboleta*: *Xo tuton Kgg toto*.

(ii) 491. *Tatu do rabo mole*: *Xo hinwo Kgg hiɲ*

- b) Ao lado de 47 correspondências **ɲ:ɲ**, ocorrem:

(i) 3 casos de **ɲ:j** : 241. *Folha (da árvore)*: *Xo koðɛɲ Kgg kafej* ; 296. *Lontra*: *Xo zuɲzɛɲ Kgg fɔɲfej* ; 470. *Sereno, nevoeiro, serração*: *Xo klũũ Kgg krũj*. Este último, de fato, não se deve considerar aqui, mas tomar como um caso a mais de correspondência **j:j**. Ocorre, com sabemos, que em contexto de vogal nasal, a aproximante palatal nasaliza-se, ouvindo-se algo semelhante a **ɲ**; ademais, a forma fonológica da palavra Xokléng (apesar do registro ortográfico feito pelos índios) certamente é /klũj/, que recebe, foneticamente, uma cópia da vogal após a coda (como na palavra Kaingang), e nasaliza a coda como já dito.

também é importante por uma variante registrada por Mansur Guérios em Palmas (PR): **pāt-hó-i(n)ârê** (o destaque em negrito é nosso). Observa-se, ali, um [h] onde, antes, vimos [ʔ]. E nisso se assemelha ao que vimos com **kuhol** (n.34).

- (ii) 1 correspondência **ɲ:ŋ** : 89. *Capivara*: Xo klẽɲu = [klẽ'ndʒujɻ̃] *PR e Sul* kɾiŋniŋ = [kɾig̃'ndiŋɻ̃] *SP* kɾĩ-ŋriŋ-kofár = [kɾĩŋŋgrik̃'ko'fəɾə].

Observando atentamente esse último caso, verificamos a seguinte macro-correspondência (entre seqüências de fonemas heterossilábicos): Xo [Ṽ.ɲV] *PR e Sul* [Vɲ.nV] *SP* [Ṽɲ.ŋɻV]. A existência de duas consoantes em todos os dialetos Kaingáng, e com pontos de articulação bem distintos, sugere que o Xokleng operou uma redução a partir de uma proto-forma mais complexa. É interessante observar, a propósito, que a consoante que permanece em Xokleng não se encontra nos dialetos do PR e do Sul, mas apenas no dialeto de São Paulo (onde também a vogal da primeira sílaba é nasal, como no Xokleng, diferente dos outros dialetos).

- c) Em 42 dados em que ocorre **l** em final de sílaba, no Xokleng, 41 apresentam a correspondência **l:r** com o Kaingang, e apenas um dado, **l:n** : 294. *Livro, coisa escrita*: Xo wâləl Kgg wẽ-rən. No entanto, é possível alguma falha de registro no Xokleng, uma vez que ambas as línguas apresentam uma alternância produtiva de formas verbais, pela qual, a forma terminada pelo morfema **n** é uma forma verbal ativa (ex: pũn = *queimar*), enquanto a forma terminada pelo morfema **r** é uma forma participial ou nominal do verbo (ex.: pũr = *queimado*).
- d) Em 15 dados de ocorrências de **j** na coda silábica do Xokleng, apenas um apresenta a correspondência **j:ɲ** (os demais, todos, **j:j**): 483. *Sucuri*: Xo wijuj = [wi'juju] Kgg miju = [mbi'jujɻ̃].

Indicadas (e, algumas vezes, justificadas) as exceções às regulares correspondências acima resumidas, passemos às correspondências que não se mostraram unívocas, no sentido de apontarem em uma única direção. As correspondências que parecem exigir alguma atenção são aquelas destacadas (no Anexo 2) em posição de onset, relativas às consoantes **ɲ** e **ð** (a saber: **ɲ:ɲ** e **ɲ:j**, **ð:f** e **ð:j**). Em posição de coda silábica, as correspondências relativas à consoante nasal velar **ŋ** (**ŋ:ŋ**, **ŋ:Ø** e **ŋ:ɲ**) e à aproximante lábio-velar **w** (**w:w** e **w:Ø**).

II.3.3. Fonemas com mais de uma correspondência

II.3.3.a) Ataque silábico

a.1) Fonema /ɲ/

Na análise fonológica de Bublitz (1994:30) o som [ɲdʒ] – que ela registra [ɲdj] – é interpretado como alofone em distribuição complementar com “[ɲ]” e “[j]”. Portanto, é uma das realizações de um fonema /ɲ/. Por essa razão, ele não comparece no quadro fonológico das consoantes, à pg. 33, daquele trabalho.

No Vocabulário de Gakran et al. (1997), **dj** é um dígrafo ortográfico, tem quatro entradas iniciadas por ele (djín, djún, djukuklé e djyl), comparecendo também, em posição medial, em outras 14 entradas lexicais. O mesmo vocabulário adota o dígrafo **nh** para outro alofone do mesmo fonema, quando precede vogal nasal ou quando se encontra travando sílaba (ex: **nhũ**, **klũnhũ**, **kónhgág**, **jánh**)¹⁰⁴.

Assumimos a análise de Bublitz (e do Vocabulário), consignando toda ocorrência de **dj** no Vocabulário de Gakran et al. (1997) como uma ocorrência do fonema /ɲ/ (ver Anexo 2). Observamos, mesmo, os seguintes contrastes (com base nas formas ortográficas), que confirmam a distinção entre as soantes /ɲ/ e /j/:

	Português	Xokleng ¹⁰⁵
27 x 347	Apagar x Nome	djyl , djyn x jyjy
28 x 347	Apagar (pl.)	txyndjyl
141 x 230	Costas x Filho/a	djin x ji
251 x 363	Gambá x Pai	djukuklé x jug
101 x 304	Cerne de Madeira x Magro	kadjo x kájo
182 x 03	Direita x Abelha Suor	pagdjó x kajó
257 x 163	Coró de coqueiro x Dedo Indicador	zëndju x nējújó
321 x 107	Minhoca x Chegar	djun x jul
447 x 446	Rir, risada de contente x Rir, gozar de	vãdjyg x dyg

¹⁰⁴ A ortografia do Xokleng é, de fato, bastante fonética. Cada fonema da série soante descontínua é representada, ali, por um par de letras distintas (ou uma letra e um dígrafo), a saber: /m/ = **m, b** ; /n/ = **n, d** ; /ɲ/ = **nh, dj** . A exceção é /ɲ/, representado, em todos os casos, por **g**.

¹⁰⁵ Considere-se também demonstrável a oposição com /ð/, nos termos 59 (*beirada* = ðil), 421b (*pronome 3a ps feminino* = ði), 343 (*não-índio* = ðun), 47 (*azedar* = ðul), 467 (*separado, fora* = kaðil), 305 (*mamar* = peðo).

As 9 ocorrências de **j** em nosso *corpus* dividem-se quase ao meio, com 4 correspondências **d₃:j** (101, 182, 257, 321), 4 correspondências **d₃:j̃** (27, 28, 141, 251) e duas correspondências **d₃:n**, conforme o quadro abaixo¹⁰⁶:

	Português	Xoklég ¹⁰⁷	Xoklég Ortográfico ¹⁰⁸	Kaingáng
101.	Cerne de Madeira	kaɲo = [ka'dʒo]	kadjɔ	kujo = [ku'jo]
182.	Direita	paŋɲɔ = [paŋ'ndʒɔ]	pagdjo	pɛŋja = [pɛŋ'ja]
257.	Coró de coqueiro	zɛŋɲu = [ðɛ'ndʒu]	zɛndju	fɛŋju = [fɛn'ju] ¹⁰⁹
321.	Minhoca	ɲun = ['ndʒudn]	djun	jɔŋjɔn = [jɔdn'jɔdn]
27.	Apagar	ɲil, ɲin = ['ndʒili]	djyl, djyn	ir = ['ɲiri] ~ ['ndʒirɔ]
28.	Apagar (pl.)	čɲil = [tʃid'ndʒili]	txyndjyl	in-in = [ndʒidn'ndʒidn]
141.	Costas	ɲin = ['ndʒidn]	djin	in = [ɲidn] = (<i>espinha</i>)
251.	Gambá	ɲukukle = [ndʒuku'kle]	djukuklé	ɔrkɔkre = [ndʒɔrkɔ'kre] ¹¹⁰
251.	Gambá	ɲukukle = [ndʒuku'kle]	djukuklé	ner kɔkre = [nderkɔ'kre] ¹¹¹
447.	Rir, risada de contente	wãɲiŋ = [wã'ndʒigŋ]	vãdjyg	wɛ niŋ = [wɛŋ'ndigŋ]

Não fora o dado 321, seria facilmente demarcável uma distribuição entre os oito primeiros dados com base no critério de posição da sílaba na palavra. Em sílabas iniciais de palavra, **dj:j̃** (ou seja, **[d₃]: [ɲ̃]**) e em sílabas mediais, **dj:j** (**[d₃]: [j]**). O último exemplo também não se enquadraria nessa hipótese, por apresentar uma correspondência distinta: **dj:n** (**[d₃]: [nd]**).

Consideremos, no entanto, as distintas correspondências do dado 251 do Xoklég para o Kaingáng do PR e para o Kaingáng do Sul. Se trabalharmos com a correspondência do dialeto paranaense (**/d₃/: /nd/**), o dado 251 fica fora da análise comparativa entre as correspondências **d₃:j** e **d₃:j̃**. Nesse caso, um outro critério pode organizar os dados: a correspondência **d₃:j̃**

¹⁰⁶ A soma não confere (4 + 4 + 2 = 10) porque o dado 251 apresenta uma forma que se agrupa com **d₃:j̃** e uma que se agrupa com **d₃:n**, como o texto a seguir esclarece.

¹⁰⁷ Forma da entrada em nosso Vocabulário Comparado

¹⁰⁸ Forma da entrada no Vocabulário de Gakran et al. (1997)

¹⁰⁹ Dialeto do Sul. Não obtivemos o item nas fontes do dialeto do PR.

¹¹⁰ Dialeto do Sul.

¹¹¹ Dialeto do PR.

acontece nas sílabas com vogal alta não-arredondada (**i** , **i**), enquanto a correspondência **d3:j** ocorre nas demais sílabas (com as demais vogais).

Há uma outra solução, porém, que em lugar de separar o dado 251, justifica seu agrupamento com as demais ocorrências da correspondência **d3:n**. Ocorre que o termo sob o número 251 é um autêntico composto (o fato de ser trissílabo, em Kaingáng, já evidencia isso). Na forma como está nas ortografias das respectivas línguas, podemos escandi-lo em :

Xoklég : **dju + kuklé**

Kaingáng : **nér + kókré** ou **nɔr + kókré**

Ocorre que **kuklé**, em Xoklég – e **kókré**, em Kaingáng – é glosado por "*podre, carniça, fedido*". Para **dju** não encontramos um termo em Xoklég atual (apenas **djun** = minhoca), mas existe **ndji** = *costas*. Em Kaingáng, **nhin** também significa *costas*, e parece razoável considerar que a semântica do termo em questão, que designa o *gambá*, possa ser algo como "*costas (ou traseiro) fedidas*". O que nos parece é que o Xoklég pode ter arredondado a vogal da primeira sílaba, em algum momento, em harmonização com a sílaba seguinte. Já o Kaingáng do Paraná teria, em algum momento, reinterpretado aquela construção semântica para "*quadris fedidos*", o que deu **nér kókré**. Em suma, a hipótese é que a vogal original no Xoklég não fosse /u/ (que tem reflexos em /u/ e em /ɔ/ no Kaingáng), mas fosse /i/ (cujo reflexo padrão é também /i/ em Kaingáng, mas apresenta um caso – bastante consistente – de variação /i/ com /i/ - dado 347). Com isso, seria justificada a correspondência **d3:n** no dado 251, e a hipótese pode ser mantida: essa correspondência ocorre nos contextos de vogal alta não-arredondada.

a.2) Fonema ð

De 46 ocorrências desse fonema em Xoklég, 36 apresentam a correspondência **ð:f** (considerando os dialetos do PR e do Sul¹¹²) e 8 apresentam a correspondência **ð:j** (um desses, apresenta variação com **j:j**). Há ainda duas exceções: **ð:w** e **ð:j**.

Correspondência **ð : f**

	Português	Xokleng	Kaingang PR
--	-----------	---------	-------------

¹¹² No dialeto paulista, como se disse, o número de dados disponíveis é menor, mas a relação dos itens correspondentes também é dada na tabela do Anexo 2.

15.	Amargar	zaŋ = [ðagŋʷ]	fãŋ
16.	Amargo	zɔ = [ðɔ]	fa
59.	Beirada, canto	zɪl = [ðɪli]	fɪr = [ˈfiri]
81.	Canela da perna	zɔ = [ðɔ]	fa = [fa]
99.	Cedro	zu = [ðu]	fɔ = [fɔ]
112.	Chorar	zɔ̃ = [ðɔ̃], plāl	fɪ = [ˈfɔ̃]
113.	Chorar (pl.)	káŋzɔ̃ = [kəŋˈðɔ̃]	kiŋfɪ = [kiŋˈfɔ̃]
128.	Colocar deitado, pôr	zi , ziŋ	fi
129.	Colocar em pé	zãŋ	kafɛŋ , jãŋ
136.	Coração	ze	fe
174.	Descascar	káŋzan	kuŋfɛn
178.	Despedaçar, cortar	zin	fin (<i>dividir</i>), fi (<i>cortar</i>)
224.	Fechar	nɛze	nife
234.	Fio de costura, corda	waze	wãfi
237.	Flor	kɔzej	kafej
240.	Folha	zej	fej
241.	Folha (da árvore)	kɔze	kafej
257.	Coró de Coqueiro	zɛŋju = [ðɛˈndʒu]	fɛŋju = [fɛnˈju] ¹¹³
281.	Jogar fora	zun	fɔn
288.	Lavar roupa	zɔ, zán	fa, kiŋfa
296.	Lontra	zuŋze	fɔŋfe
305.	Mamar	pezɔ ~ peŋza ¹¹⁴	piŋfa, pafa
328.	Morcego	káŋzej	kiŋfej
343.	Não-índio	zuŋ = [ðugŋʷ]	fɔŋ = [ˈfɔgŋʷ]
356.	Outro lado	kɔza	kafã (<i>margem oposta</i>)
383.	Pele, casca, couro	zál = [ðələ]	fár = [ˈfərə]
385.	Pena de asa	zāl	fɛr = [ˈfɛrɛ]
391.	Perdido	wãzol = [wãˈðolo]	wãfor = [wãˈforo]
395.	Pesado	kuzi	kufiŋ (<i>pesar</i>)
402.	Pinheiro	zán	fán
464.	Semente	zi	fi
490.	Tatu	zazan	fãfã
492.	Tecer fio	zen	fɛn (<i>filar</i>)

¹¹³ Dialeto do Sul. Não obtivemos o item nas fontes do dialeto do PR.

¹¹⁴ A primeira forma está no Vocabulário (Gakran et al. 1997) e a segunda aparece em Bublitz (1994:30), com a transcrição: [pekˈθa]

504.	Trançar	zi, wāzi	fi, wāfi
512.	Vagina	zu	fu
514.	Velho	či , čin, kuzo	kofa

Correspondência **ð : j**

	Português	Xokleng	Kaingang PR
09.	Afiar (ferramenta)	zāken = [ðã'kɛdn̩]	juken = [ju'kɛdn̩]
158.	Pontudo, apontado	zul̩r	jur̩r
211.	Esquerda	joka (v. zo'ka)	jakāp
238.	Focinho de animal	zul̩n	jur̩n
306.	Mandar	zānã , zānãŋ	jēnē
386.	Pendurado	zāŋjəl	jōŋjər
411.	Porta, janela	zānka	jānkā
479.	Soprar	zakə , kizakə	ki jākə, ki jāka

A observação atenta aos dois conjuntos de dados acima mostra que a correspondência **ð:f** acontece apenas em sílaba tônica e, ao contrário, a correspondência **ð:j** só ocorre em sílaba átona. Há uma exceção, no dado 257 (zēŋpu = [ðẽ'ndʒu] : fēnju = [fẽn'ju]), mas não deixa de chamar a atenção o fato de que não encontramos uma palavra equivalente nas fontes do dialeto PR, e o dado Kaingang usado para comparar ao Xokleng provém dos dialetos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Tudo indica que devemos, efetivamente, tomar o dado como excepcional, pois tudo o mais garante uma consistente distribuição de contextos para explicar as diferentes correspondências de **ð**.

Os dados que não se enquadram nas tabelas acima constituem exceções isoladas, e são:

11. *Alegria, ficar contente*: Xo wākəŋze = [wãŋkəg'de] Kgg wē kãwi = [wẽkã'wi]

157. *Cuspir*: Xo zuŋzug = [ðug̃'dugŋ] Kgg fuŋfuŋ = [fug̃'fugŋ]

Em 11, observa-se a correspondência isolada **ð:w**, e em 157, a também isolada, **ð:f**.

II.3.3.b) Final de sílaba

b.1) Fonema **ŋ**

Das 75 ocorrências do fonema **ŋ** em posição final de sílaba no Xokleng, 67 resultam na correspondência **ŋ:ŋ** com o Kaingang.¹¹⁵ Das 8 restantes, 4 se agrupam em uma outra correspondência, **ŋ:Ø**, que abaixo relacionamos. Da outra metade, 2 apresentam a correspondência **ŋ:p**, e 2, a correspondência **ŋ:n**, e as apresentamos logo abaixo.

Correspondência **ŋ : Ø**

	Português	Xokleng	Kaingang PR
43.	Assustar	kaʔuŋ = [kaʔuŋʔ]	kâʔu = [kâʔu]
180.	Dia	kulaŋ	kurã
212.	Estar doente, doença, dor	kɔŋŋɔ	kaŋa ¹¹⁶
324.	Morder, mastigar	kaŋjã	kajẽ
329.	Morder	pɭŋ, plaŋ	pra

Correspondência **ŋ : p**

	Português	Xokleng	Kaingang PR
11.	Alegria, ficar contente	wãkəŋze = [wãŋkəgʔde]	wẽ kãwi = [wẽkãʔwi]
75.	Caçar	akleŋ	ẽkre, ẽko

Correspondência **ŋ : n**

	Português	Xokleng	Kaingang PR
29.	Apanhar, carregar	wa, waŋ	wa, wãn (<i>carregando coisa comprida</i>)
145.	Cotovelo (dentro)	paŋnu = [paŋʔndu]	pẽn kanun = [pẽntʔkaʔndudnʔ]

Como se pode observar, não há nenhuma regularidade, padrão ou previsibilidade para qualquer das três últimas correspondências (**ŋ : Ø**, **ŋ : p**, **ŋ : n**), de modo que são assumidas como fortuitas, sobretudo diante da avassaladora evidência a favor de uma correspondência geral do Xokleng **ŋ** com o Kaingáng **ŋ** no mesmo contexto de coda silábica.

b.1) Fonema w

¹¹⁵ Os 66 dados (no Anexo 2) são: 1, 15, 20, 21, 22, 30, 49, 51, 54, 69, 95, 113, 118, 129, 144, 153, 154, 157, 174, 182, 191, 196, 200, 203, 208, 210, 213, 247, 253, 256, 259, 265, 270, 290, 296, 301, 307, 317, 328, 331, 338, 343, 348, 351, 353, 354, 362, 363, 380, 384, 386, 399, 402, 442, 448, 461, 463, 473, 476, 489, 494, 516, 517, 519, 520, 4 c/ 279.

¹¹⁶ Há falantes, no Sul, que preferem grafar *kagga*, o que equivale a reconhecerem consoantes idênticas em sequência.

Na posição final de sílaba foram encontrados 3 exemplos do fonema **w** em palavras Xokleng, sendo que em 2 deles há correspondência com idêntico fonema em Kaingang do Paraná, e no terceiro dado, a correspondência no Kaingáng é **Ø**. Os dados são os que seguem:

Correspondência **w : **w****

	Português	Xokleng	Kaingang PR
399.	Pica-pau pequeno	klinjew	krinjew (<i>carijó</i>)
478.	Sopa, fazer sopa	kulaw	kɔrãw (<i>farinha no caldo de carne</i>)

Correspondência **w : **Ø****

	Português	Xokleng	Kaingang PR
05.	Abóbora	pehow	peho

O número bastante limitado de dados parece mostrar a pouca produtividade desse tipo de coda silábica, e os itens elencados possivelmente são resquícios de um tempo em que **w** tinha tanta possibilidade de travar sílabas quanto **j** e **r**, fonemas que com ele formam uma classe natural, de soantes não-nasais. Em contrapartida aos dados acima, há pelo menos um caso, no *corpus*, em que uma palavra Kaingáng é terminada por **w**, mas sua correspondência (se, de fato, os termos estão relacionados pela origem) em Xokleng é **Ø**. Trata-se dos dados 55 e 485, cotejados = 55. *Barro: Kgg ʃɔw* 485. *taipa: Xo čɔ*.

II.4. Empréstimos: palavras que podem dar pistas importantes

Não há línguas em que não se encontrem empréstimos, palavras de origem em outras línguas que acabam incorporadas ao acervo lexical da comunidade lingüística em questão. Os empréstimos podem provir de línguas com sistemas fonológicos distintos, com padrões silábicos não totalmente congruentes com os da língua de recepção ou, ainda, padrões acentuais diversos. Razões de ordem sociolingüística determinam o grau de aceitabilidade de empréstimos de uma ou

outra língua de origem, e o grau de modelamento do novo termo aos padrões fonológicos da língua que os recebe.¹¹⁷

Nas palavras de Hock e Joseph (1996:259), existem muitos tipos de ajuste que acompanham os empréstimos: *“O que é comum a todos eles é que eles NATIVIZAM o empréstimo, integrando-o mais firmemente na estrutura lingüística da língua que o empresta. Os processos mais importantes de nativização claramente envolvem a fonologia. Mesmo que não façamos mais nada, temos que cuidar para que a palavra emprestada se torne pronunciável na nossa língua”*.

Os empréstimos são particularmente valiosos no estudo da fonologia de uma língua, pelo que podem revelar a respeito dos traços ou distinções fonológicas relevantes em seu sistema. Assim, por exemplo, encontramos línguas indígenas que emprestaram, para designar o “gato”, o termo português *“bixano”*, que resultou na palavra **mbixânũ** em uma determinada língua, mas resultou na palavra **psano** em outra, e **pitʃanê** em uma terceira. Cada um desses diferentes resultados nos diz algo sobre o sistema fonológico de cada uma das línguas que os produziu.

Além das necessárias substituições de fonemas estrangeiros desconhecidos, por fonemas do sistema da língua, Hock e Joseph (citados acima) lembram que a *“nativização fonológica pode também ser sensível à ESTRUTURA fonológica. Muitas línguas nativizam empréstimos estrangeiros tornando-os conformes às restrições nativas com respeito à estrutura da palavra e da sílaba”* (Hock e Joseph 1996:262).

Por esse motivo, selecionamos alguns empréstimos seculares e bastante difundidos no Kaingáng (e dois deles, igualmente presentes no Xoklég), para verificar em que medida podem nos trazer alguma luz sobre os processos vividos por essas línguas no passado.

II.4.1. Pandére

PANDÉRE = vocábulo que aparece com o significado de PADRE.

Pe. Parés, jesuíta (1848), registrou **pandara**, em Guarita (RS).¹¹⁸

¹¹⁷ O contexto sociolingüístico pode explicar porque, na maioria das vezes, as palavras emprestadas são totalmente conformadas ou ajustadas aos padrões fonológicos da língua, mas também porque, em muitos casos, uma língua tem alguns de seus padrões afetados pela aceitação de um número muito grande de empréstimos e pelo grau de intensidade das relações bilíngües de seus falantes nativos. No Kaingáng, por exemplo, os **empréstimos** introduzidos até a primeira metade do século XX eram sempre ajustados ao padrão acentual demarcatório dessa língua, tornando-se, todos eles, oxítonas. Já nos últimos 40 ou 50 anos, os Kaingang tem adotado palavras paroxítonas do Português, sem alterar-lhes a posição de sílaba tônica, de modo que, atualmente, a língua admite duas posições de proeminência na palavra: a última e a penúltima sílaba. Ainda que seja fato que as paroxítonas são, todas elas, palavras emprestadas, o mesmo não se dá com as oxítonas (podem ser nativas ou não) e, de toda maneira, as primeiras são hoje parte do léxico Kaingáng.

¹¹⁸ Cf. Teschauer 1905, p. 131, 132 e 149.

Hégréville (1857 – 04/11, p.3), anotou **pandarés**, no Xapecó (SC).

Pe. Gay (aprox. 1858), **pandará** (RS, provavelmente de Guarita).

Teschauer (1891), registrou **pandére**, em Nonoai (RS)¹¹⁹.

Em Quadros (1892:257), vemos **pandére** (provavelmente norte do Paraná).

Ambrosetti (1894) registrou **pandére** em Misiones (Argentina)¹²⁰.

Vogt (1904:357) igualmente anotou **pandére** em Misiones (Argentina).

Em Ostlender (1914), algo como **pandére**, no Ivaí (centro do Paraná).

Val Floriania (1920) registrou também **pandére** no baixo Tibagi (PR)¹²¹.

Em áreas Kaingáng atuais, de SC e RS, a pronúncia é [pã'ndɛɾ]; no Paraná, [pã'ndere]. Ortograficamente: *pãnder*. Não há registro da palavra em Xoklég.

O que chama a atenção é a forma como foi adaptado à língua Kaingáng esse vocábulo que foi atestado, há mais de um século, independentemente, pelo menos nos 3 estados do Sul.

PA	+	DRE
PÃ	+	NDÉR ^E
(pan)	+	(dére)

Na segunda sílaba é evidente a transposição de um **D** para **ND** (o que implicava a interpretação da vogal como oral, nunca nasal). Assumindo o ponto coronal da consoante nessa sílaba, ficava interdito ao Kaingáng um encontro consonantal [**ndɾ**], inaceitável na língua (que não admite licenciar duas consoantes de mesmo ponto de articulação em uma sílaba, só admitindo onsets complexos quando a primeira consoante é labial ou velar, e a segunda uma líquida: /mɾ/ = [mɾ] e [mbr]; /pɾ/; /ŋɾ/ = [ŋɾ] ou [ŋgr]; /kɾ/). A solução foi uma metástase, transformando NDRE em NDER. A vogal anotada ao final, é cópia da vogal da sílaba, processo comum (sobretudo no dialeto do Paraná, do Kaingáng, mas também no Xoklég) em palavras terminadas em J ou R (gojo, féje, gãra, etc.)¹²².

Há que observar, é verdade, o fato de que a vogal dessa sílaba, em Português, é uma vogal médio fechada [e], enquanto em Kaingáng foi assimilada ou mudada em [ɛ], médio aberta. E não

¹¹⁹ Teschauer 1905, p. 165. Em *Cazeros*, para “padre” o mesmo autor anotou *koffá* (Idem, ibidem).

¹²⁰ Ambrosetti sugeriu que *pandére* “quer dizer **rabo de cobra**, seguramente em razão do uso que fazem delas para seus sortilégios” (Ambrosetti [1894] 2006:109 – nota 30).

¹²¹ Wanda Hanke registrou, no final da década de 1940, *pandere* no Apucarana (baixo Tibagi), PR (Hanke 1950:125).

¹²² Aryon Rodrigues sugere que o processo seja, antes, de anaptixe, ou seja, inserção de vogal para dissolução do encontro consonantal: PADRE > PANDÉRE, sendo que a vogal final, depois, seria analisada como “cópia”, por analogia com palavras de estrutura semelhante, como por exemplo: [ka'ndɛɾɛ] = /kanɛɾ/ “liso” (Rodrigues – comunicação pessoal). A “cópia” ou “reduplicação” da vogal em sílabas finais terminadas em /w/, /ɾ/ e /j/ fora registrada por Wiesemann (1972:95) e Kindell (1972:204).

há impedimento, na língua, para sílabas com rima ER (por exemplo: [mber], [ŋger], [ter]). Não há histórico dessa passagem ($e > \epsilon$) no comportamento geral da língua, que se conheça. E entre Xoklég e Kaingáng (tanto de SC e RS, quanto de SP), as correlações são, consistentemente, **e : e**, **é : é**. As hipóteses possíveis são: (i) que terão ouvido pronunciar um [e] forte e seu padrão tenha sido claramente mais aberto que o /e/ de sua língua; (ii) que o abaixamento da vogal final se deu por alguma razão ortoépica ou prosódica. Para a primeira hipótese talvez a melhor explicação seja a que sugere que a palavra PADRE tenha sido introduzida muito cedo, já pelos jesuítas espanhóis do século XVII que missionaram o Guairá (Paraná) e o Tape (Rio Grande do Sul)¹²³. Como sabemos, o espanhol não distingue fonologicamente [e] e [ɛ], de modo que sua única vogal frontal baixa /e/ tem um espaço de realização mais amplo – limitado apenas pelas frequências mais baixas do primeiro formante (F₁) para manter a distinção com o fonema alto /i/; logo, o espaço de realização de /e/ compreende uma faixa maior – e mais alta de frequências de F₁ – o que significa que tende a variar para baixo ($e > \epsilon$).

A favor dessa hipótese está, aliás, o registro de Hégréville (1857). Entrevistando um velho Kaingáng na aldeia de Xapécó (acompanhado do Cacique Viri, de Palmas), o engenheiro soube que ele nascera no Campo do *Cavarú culhá* que, segundo Hégréville indagou, situava-se no atual território argentino da província de Misiones, cerca de 130 km a W-NW do Xapécó. A respeito dos cavalos existentes no tal campo, travou-se o seguinte diálogo entre o engenheiro e o velho índio:

“Eu – Podeis dizer-me se os cavalos que vistes nesses campos apareceram ali naturalmente, ou consta pela tradição de vossos antepassados, que alguns homens civilizados levassem para eles algum casal desses animais com o fim de multiplicar a espécie?”

Ele – Não conheci os primeiros possuidores desses cavalos. Sei unicamente que meus avós diziam que Tupá (Deus) punia aqueles que matavam os cavalos dos pandarés (padres). Os padres já não existiam quando eu nasci” (Hégréville 1857, 04/nov., p.3).

Hégréville havia descrito o velho *Kanha-fé*, seu interlocutor, como um “*homem octogenário*”. Abstraindo da possibilidade de esta ser uma avaliação errônea¹²⁴, o velho *Kanha-fé* teria nascido pelo menos na década de 1770, e os jesuítas foram expulsos dos territórios de Espanha exatamente em 1767. Logo, não será de outros padres que o velho falava, nem teriam sido

¹²³ Ainda que o espanhol possua, como o Português, os termos *padre*, *cura* e *sacerdote*, nas famosas Cartas Anuas dos missionários do século XVII, o termo mais recorrente, na pena dos jesuítas espanhóis que missionaram o Sul do Brasil, dentre os três acima, é mesmo *padre*.

¹²⁴ A experiência mostra que, quando se erra a avaliação da idade de um indígena, o erro é para menos; em outras palavras, com frequência os não-índios atribuem menos idade a um indígena adulto do que ele efetivamente possa ter.

outros os *pandarés* responsáveis pela introdução desse termo (e os outros termos que veremos a seguir) na língua Kaingáng.

Mas o que interessa, sobretudo, destacar aqui é a primeira sílaba de PÃNDÉR: por que o Kaingáng interpretaria como *Ã* uma clara vogal *A*, oral, se ele também tinha uma vogal oral central aberta em sua língua?

Desde já apontemos que, em empréstimos mais recentes, que se estabeleceram a partir de meados do século XX aproximadamente, tal não acontece. Palavras como PAI e PAPEL, do Português, entraram no vocabulário Kaingang, já nativizadas, como PANH (= ['paj̃]) e PAPÉ (= [pa'pe]), ou seja, com *A* no lugar de *Ã*.

Também destaquemos que a passagem de *A* > *Ã*, no empréstimo em questão, pode não ter ocorrido no momento do empréstimo (diferente da transformação, acima demonstrada, da sílaba final DRE em DÉR^E). Em outras palavras, mudanças na própria língua indígena podem ter ocorrido depois da incorporação desse (e de outros) empréstimos.

A pergunta acima (por que o Kaingáng interpretaria como *Ã* uma clara vogal *A* ... ?) remete a um outro empréstimo, também bastante registrado já no século XIX:

II.4.2. Kãvãru

O termo emprestado, “cavalo” aparece registrado no centro do Paraná na primeira metade do século XIX pelo Pe. Chagas Lima, que anotou QUEVERU, mas também CAVARU.¹²⁵ O termo foi registrado igualmente como KAVARU por Ostlender (Ivaí, 1914) e KAVARÚ pelo Frei Val Florianiana (baixo Tibagi, 1920).

No Oeste de Santa Catarina foi anotado por Hégréville em meados do século (1857, como vimos acima), perguntando a um velho índio sobre onde teria nascido e obtendo por resposta, o campo grande do “*Cavarú culhá*” (31/10, p.3; 04/11, p.3).

Entre os Xoklêng, Hugo Gensch registrou, em 1908, a forma *kavalú*. José Maria de Paula (1924:135) igualmente anotou *Cavalú* no dialeto dos Xoklêng do aldeamento de Palmas. Ambos,

¹²⁵ Referimo-nos ao “*Vocabulário da Língua Bugre*”, que veio à luz apenas em 1888, publicado como “Anônimo” na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sua autoria foi atribuída por nós, ao Pe Chagas Lima, em confronto com as anotações lingüísticas sobre Kaingáng, do mesmo padre, em outros textos publicados (cf. D’Angelis 2005).

pois, sem registro da nasalidade.¹²⁶ No Vocabulário de Gakran et al. (1997) igualmente aparece a forma *kavalu*, sem qualquer acento gráfico.¹²⁷

Nos dialetos Kaingáng de Santa Catarina e Rio Grande do Sul a pronúncia atualmente é [kɔwɔ'ru].¹²⁸

A mudança da posição tônica (passando a oxítone nas duas línguas e vários dialetos) atendia ao padrão de acento fixo (delimitador) tanto em Xoklém como em Kaingáng. Para empréstimos mais recentes, a partir de meados do século XX, o crescente bilingüismo das comunidades tem levado à admissão de palavras paroxítonas com manutenção desse acento.

Nesse empréstimo, enquanto o Xoklém guarda uma forma próxima à do Português, no que diz respeito à qualidade das vogais baixas das duas primeiras sílabas, o Kaingáng promove a mesma ‘equivalência’ vista no empréstimo anterior (*pândere*), onde um /a/ do português tem, por correspondência, um /ã/ na língua indígena.

Sugerem-se duas hipóteses possíveis:

1ª) que o empréstimo possa ter sido introduzido no Proto-Jê Meridional ou nas duas línguas (Xoklém e Kaingáng), independentemente, à mesma época remota e, separadas as duas línguas, o Kaingang experimentou depois disso um processo de transformação de /a/ em /ã/, mas igual processo não ocorreu no Xoklém.

2ª) que o empréstimo foi introduzido no Kaingáng e no Xoklém, independentemente, e no Xoklém essa introdução foi bastante mais recente, quando seu sistema fonológico já estava estabilizado nos padrões atuais ou muito próximos.

Ainda é o Relatório do Engenheiro Hégréville, de 1857, quem nos dá o critério para decidir a antiguidade da presença desse empréstimo, ao menos em uma das duas línguas, Kaingáng ou Xoklém. Como vimos, no século XVIII já havia um campo povoado de cavalos, ditos “*dos pandere*”, ou seja, dos Padres Jesuítas, que os introduziram ali. Isso nos leva a concluir que o empréstimo é anterior ao século XIX. Notar, também, que Hégréville registrou “*cavarú*”, sem ter indicado qualquer nasalização (ainda que isso pudesse ser apenas falha de sua transcrição a la escrita do Português).

Os fatos acima descritos permitem formular as seguintes hipóteses (considerando-se os indígenas do Xapécó, avistados por Hégréville, como Kaingáng e não-Xoklém):

¹²⁶ A bem da verdade, registremos que o Dr. Gensch não era particularmente atento a marcas de nasalidade em sua escrita do Xoklém.

¹²⁷ No entanto, em Gakran 2005, em vários exemplos a forma escrita adotada foi *kavãlu* (p. 58, 59 e 93).

¹²⁸ Em razão do arredondamento das vogais, separadas por um glide arredondado, no dialeto de Cacique Doble (NE do RS) o termo passou a [kɔru].

1ª) que a passagem de vogais **a** > **ã**, de um estágio anterior ao estágio atual na língua Kaingang, é um fato posterior à metade do século XIX, e não se deu processo semelhante no Xoklêng.

2ª) que a palavra “cavalo” tenha sido introduzida no Proto-Jê Meridional, antes do cisma, depois do qual o Kaingáng desenvolveu uma mudança importante no seu sistema fonológico, levando a vogal **a** a **ã**.

3ª) o “cisma” Xoklêng-Kaingáng deu-se, então, no máximo perto da metade do século XIX, e no mínimo ao final do século XVIII.

Um terceiro empréstimo pode trazer mais elementos à análise.

II.4.3. Topê

TUPÊ ~ TOPÊ, para “*Deus*”, proveniente de **Tupã** (Tupi ou Guarani) introduzido por missionários.

Sugere-se que o termo poderia ter sido introduzido pelos jesuítas, no Paraná e no Rio Grande do Sul, o que significaria um empréstimo de quase 400 anos. As missões ou reduções dos jesuítas no Guairá – que corresponde a toda porção oeste do Paraná, entre os rios Tibagi, Paranapanema, Iguaçu e Paraná – tiveram início em 1609, e encerraram-se em 1631, após anos de ataques bandeirantes. No Tape, ou seja, no Rio Grande do Sul, as fundações iniciaram em meados da década de 1620. Entretanto, a maior parte daquelas fundadas antes de 1635 teve vida efêmera (mais de 15 desapareceram, em razão de ataques bandeirantes). Das sete que floresceram ali (os “Sete Povos”), cinco foram fundadas depois de 1680. A presença jesuítica encerra-se, no Rio Grande do Sul, em 1759, com a expulsão da Companhia de Jesus dos territórios portugueses, e igualmente se encerra na porção ocidental do Rio Uruguai e a oeste do Rio Paraná (Paraguai) em 1767, com a expulsão da Companhia de Jesus também dos territórios de Espanha. Embora a população majoritária das reduções, no seu conjunto, tenha sido de língua Guarani, é bem atestada a participação de grupos Jê Meridionais em diversas delas, sendo que em algumas daquelas do Guairá eram efetivamente a população principal, motivo da própria fundação da missão. Entre essas, mencione-se principalmente San Xavier, no baixo Tibagi (norte do Paraná); Concepción de Nuestra Señora de Guañanas ou Concepción de los Gualachos, nos Campos de Guarapuava; Nuestra Señora de Encarnación, no médio Tibagi e, possivelmente, Los Angeles (no centro do Paraná). No Rio Grande do Sul, seguramente houve população Kaingáng em Santa Tereza de los

Pinares e em San Carlos de Caapi, ambas de vida breve, na região das atuais cidades de Passo Fundo e Carazinho.¹²⁹

Há vários registros do empréstimo, ao longo do século XIX e início do século XX, mas é novamente aquele registro de Hégréville o mais relevante para atribuímos aos jesuítas dos séculos XVII e XVIII sua introdução entre os Kaingáng. No diálogo que já transcrevemos acima, um Kaingáng do Xapecó, oriundo de Misiones, já empregava o termo, justamente associado aos jesuítas: “*Sei unicamente que meus avós diziam que Tupá (Deus) punia aqueles que matavam os cavalos dos pandarés (padres). Os padres já não existiam quando eu nasci*” (Hégréville 1857, 04/nov., p.3). Ali lemos a forma **Tupá**, caso não tenha ocorrido uma falha na transposição do original manuscrito.

Praticamente contemporâneo do registro de Hégréville (na verdade, ligeiramente anteriores) são os registros dos jesuítas que atuaram no norte do Rio Grande do Sul entre 1848 e 1852. Entre eles há uma anotação da fala de um Kaingáng de Guarita que, em visita a Porto Alegre, acompanhado do Padre Parés (superior da missão dos jesuítas), afirmou “*que haviam de levantar um **Tape-in**, uma casa de Deus como as de Porto Alegre*” (Teschauer 1905, p.134). Não há dúvida que, nesse caso, houve uma falha na transcrição do manuscrito, de modo que uma vogal **o** ou **u** foi entendida como **a**; o correto terá sido **Tope-in** ou **Tupe-in**.¹³⁰ Na mesma documentação, ao tratar da missão entre os Kaingáng de Votouro (separados dos de Nonoai pelo Rio Passo Fundo), registram os jesuítas que o velho Cacique Votouro “*pedira-nos diversas vezes o batismo, dizendo que queria ir ver a **Tupé** (Deus) no céu*” (Teschauer 1905:154), mas isso não permite concluir se o termo era já conhecido e incorporado por Votouro e sua gente, antes da presença do Padre Parés e companheiros, ou se deve-se justamente a esses jesuítas do século XIX sua introdução ali.

Possivelmente no mesmo ano do Relatório de Hégréville, e poucos anos depois da informação do Padre Parés sobre os Kaingáng do norte do Rio Grande do Sul, o Padre João Pedro Gay registrou, de falantes Kaingáng de Guarita, a forma **Tupé**.¹³¹

No final do mesmo século XIX, Ewerton Quadros registrou a forma **Topém** (1892:256). Ambrosetti registrou, no final do século ([1894] 206:109), a forma **Tupên** entre os Kaingáng de

¹²⁹ Temos levantado dados da presença Kaingáng até mesmo na famosa São Miguel (um dos Sete Povos).

¹³⁰ O senso comum levaria a concluir rapidamente pela presença de um **o** no original, transposto para **a**, dadas as semelhanças gráficas das duas vogais. No entanto, trabalhando há décadas com manuscritos do século XIX e com fontes impressas a partir deles, nossa experiência mostra que, muitas vezes, uma letra **u** manuscrita, em letra corrida, deitada, algumas vezes é confundida com um **a** “mal fechado”, e vice-versa.

¹³¹ O *Petit Vocabulaire de la langue de Bougres Couronnés*, manuscrito autógrafa do Padre Gay arquivado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi por nós datado de 1857-1858, e a ele atribuímos, com base em diversas evidências, uma fonte indígena da gente do Cacique Fongue, de Guarita (cf. D’Angelis 2007).

Misiones (Argentina), os mesmos entre os quais o Padre Vogt (1904) registrou **Tupé**, no início do século XX. No começo da década de 1910, Frei Mansueto de Val Florianiana registrou igualmente **Topén** no norte do Paraná, na região do baixo Tibagi. E na década de 1940, Hanke registrou a forma **Topé, Toupé** entre os Kaingang do Chagú (Laranjeiras, Sudoeste do Paraná).

O primeiro registro do termo, no entanto, da boca de um falante Kaingáng, foi feito por Saint-Hilaire com um Kaingáng “paulista”, em 1820. Na forma **Tupé** (traduzido por *Deus*), foi anotado por Auguste de Saint-Hilaire no vocabulário colhido com um jovem Kaingáng “*que havia sido aprisionado fazia dois anos e tinha sido comprado por um fazendeiro das vizinhanças*” de Itapeva, no Estado de São Paulo (Saint-Hilaire [1851] 1976:226). A segurança de tratar-se de um falante do dialeto “Kaingáng paulista” vem de outros termos no mesmo vocabulário: (i) para “*anta*”, Saint-Hilaire anotou *Cojuru*, forma muito particular que se distingue dos outros dialetos Kaingáng (em que se fala *ɔjor* ou *ɔjoro*, sem “k” inicial), mas corresponde à do Kaingáng paulista atual: *kɔjoro*; (ii) para “*Sol*” registrou *Leve*, com [l], o que só pode ocorrer, atualmente, no dialeto Kaingáng Paulista, e não nos demais dialetos dessa língua; (iii) os termos registrados como *Clingué* (“estrelas”) e *Clingloforce* (“lambari”), nos quais comparece o encontro [kl], igualmente impossível nos dialetos Kaingáng atuais que não o Paulista (cf. Saint-Hilaire, op.cit., p. 226-227).¹³²

Na primeira metade do século XIX, ainda, entre os Kaingáng de Guarapuava o Padre Chagas Lima registrou a forma *TUPEN*.¹³³

Como se pode ver, à exceção do Relatório de Hégréville, em que aparece *Tupá*, em todos os outros registros encontramos, como vogal final, um É = [ɛ] ou EN = [ɛ̃]. A pergunta é: por que o termo TUPÃ foi assimilado, pelos Kaingáng, como TUPÊ ou TOPÊ? Ou quando foi modificado para essa forma?

Quanto ao compartilhamento desse empréstimo pelos diferentes dialetos Kaingáng e pelo Xoklég, Wieseemann (1978:211-212) já havia sugerido que a introdução do termo *Topê* fora pelos jesuítas no século XVII, e sublinhara que o termo não ocorreria no Xoklég (X) de Santa Catarina, nem no dialeto Kaingáng paulista (SP). Segundo aquela autora, “*se de fato Topê foi introduzido em 1626, SP e X não tinham mais contato com os outros grupos depois desse acontecimento, visto que lá não se conhece esta palavra*” (idem, p. 215).

¹³² O vocabulário de Charles Dulley, colhido em 1903 no “Rio São Mateus”, no Estado de São Paulo, registra o termo “*Deus = Tupê*”, mas o mais provável é que o grupo em questão fosse de Kaingáng do Paraná, uma vez que os Kaingáng paulistas mantiveram-se hostis à penetração brasileira até depois de 1910.

¹³³ *Vocabulário da língua bugre*, p. 61 e 6. Ver Nota 71, neste trabalho.

Temos, porém, razões para discordar de Wiesemann nesse aspecto, seja porque há evidência da ocorrência do termo *Topê* no Kaingang de São Paulo já no início do século XIX, seja porque há evidência da ocorrência de termo correspondente também no Xokleng de Santa Catarina. No Kaingáng paulista, como já apontamos acima, o termo foi registrado por Saint-Hilaire em 1820, da boca de um jovem aprisionado e comprado por um fazendeiro (indicamos, na passagem respectiva, as razões para aceitar que o jovem em questão fosse efetivamente falante do dialeto Kaingáng de São Paulo). Quanto ao Xokleng, veja-se esse importantíssimo registro de Wanda Hanke (1947a:53-54):

“Nada de cierto y exacto pude averiguar sobre su creencia en un ser supremo, em Diós. Cuando truena, dicen, que es ‘Toupá’, el omnipotente”.

Wanda Hanke realizara pesquisa junto aos Xokleng do então chamado Posto Indígena Duque de Caxias, no Norte-Nordeste catarinense (atual Terra Indígena Ibirama), em meados da década de 1940. Fazia, então, cerca de 30 anos que os Xokleng, naquela área, haviam aceitado fazer contato pacífico com os funcionários do SPI, liderados por Eduardo Hoerhann de Lima e Silva, e até a época da pesquisa de Hanke, em razão da própria postura do SPI, não haviam tido contato com qualquer tipo de missão ou empreendimento religioso. Em razão disso, devemos concluir que o termo *Toupá* (que Wanda Hanke obviamente suspeitou ser de origem Guarani¹³⁴) era, sim, conhecido dos Xokleng desde antes do século XX.¹³⁵

Só não podemos confiar na transcrição de Hanke, como indício de ausência de nasalidade. A razão está em um outro registro dela (do termo *Topé* entre os Kaingang do Chagú, PR), ao qual agrega uma informação lingüística: *“Topé, toupé (del Guarani, donde se llama Tupá)”* (Hanke 1947c, p.101). É indiscutível que, em Guarani, o termo é nasalizado (em geral, aliás, nas duas vogais): [tũ'pã]. Donde se conclui que o registro, em Kaingang, possivelmente também ser de uma palavra com vogal nasal.

Além dos empréstimos acima, observem-se também os possíveis empréstimos tomados ao Guarani, que analisamos a seguir.

¹³⁴ Hanke escreveu: *‘Tupá’ es el Diós supremo de los Guarani y la igualdad del nombre hace sospechar, que haya influencias ajenas.* (Hanke 1947a:54).

¹³⁵ Aparentemente o dado de Hanke poderia trazer outro complicador: a forma **Toupá**, completamente oral, exigiria novas hipóteses para essa derivação. Vamos assumir que esse não é o caso, pelo fato de que Wanda Hanke não anotava a nasalidade na vogal. Vejam-se esses outros exemplos: *cielo* = *kuiká* (para um esperado **kɔŋkã**); *oreja* = *ninrá ~ ningrá* (para **nĩnglã**); *língua* = *ngnunná* (para **nunã**); *pé* = *ipán, pán* (para **pãñ**) (Cf. Hanke 1947b:64, 65). O que vamos reter de *Toupá* – independente da nasalidade – é a qualidade da vogal [a], em lugar de [ɛ].

II.4.4. Pã'i

PÃ'I é pronunciado (sem nasal) [pa'ʔi] no Xoklêng, mas [pã'ʔi] no Kaingáng do PR e [pã'ʔi] no Kaingáng de SC, RS, em todos glosado como “*chefe*”. Em Guaraní registra-se a forma [pa'ʔi].¹³⁶

Observe-se que o termo PAHY comparece já em um registro de 1772, da expedição dirigida por Afonso Botelho de Sampaio de Souza aos Campos de Guarapuava, onde encontraram, segundo seu registro, a gente do *gentio Xaklan*. Na primeira das passagens em que o termo ocorre, lê-se: “*Logo chegaram os dous, que tinham ido conduzir aos mais, que haviam ficado no mato, que eram oito (...) e os recebemos, e vestimos como aos mais; entre estes vinha um, a que chamavam Pahy, e mostrava mais madureza, e todos entraram a tratar ao dito tenente-coronel por Pahy*” (SOUSA [1772] 1962:33). Queremos entender que o uso de “h” na transcrição da palavra indica exatamente a ocorrência da oclusiva glotal naquela posição.¹³⁷

O termo igualmente comparece no documento intitulado *Estado Actual da Conquista de Guarapuava no fim do ano de 1821*, escrito pelo Padre Chagas Lima. Ali, o capelão da Expedição Militar de Conquista de Guarapuava registrou: “*inviando (sic) o Comandante em chefe da Expedição, Tente (sic) Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, de propósito, hua Escolta de Soldados aos seus próprios Alojamentos, esta Escolta capturou por surpresa, e trouxe para a Atalaya hum Índio de nome Pahy*” (LIMA [1821] 1943, p. 236).

Borba (1908:105) igualmente anotou *Pahi*,¹³⁸ com o sentido de “chefe”, dando o equivalente em Guaraní como *Tubixá*. Ambrosetti, em *Misiones* (1894), anotou o termo sem registrar a glotal: *Paí*, que traduziu por *Cacique* e também por *Homem* (cf. Ambrosetti 2006:108, 109).

Se *pa'i* for emprestado ao Guaraní, permaneceu ‘intacto’ no Xoklêng (ou no Proto-Jê Meridional, se importado por ele antes do ‘cisma’ Xoklêng-Kaingáng). Se não for empréstimo, de igual modo se pode sugerir uma forma *pa'i* no PJM, mantida em um dialeto conservador que resultou no Xoklêng, e alterando a > ã no dialeto Kaingáng do Paraná, à semelhança dos empréstimos *pãndére* e *kãvãrú*.

¹³⁶ Em Guaraní, *pa'i* = “*médico, hechicero, chamán*” (Cadogan 1992:138). O mesmo autor dá a seguinte glosa para *tuvicha* = “*grande, es grande; che ruvicha mi jefe*” (Idem, p. 182).

¹³⁷ Mas não devemos descartar a possibilidade de ter sido, efetivamente, uma fricativa glotal ou velar nessa posição, ou anterior a um ʔ ou em variação com ela (há outros exemplos de Kaingáng que sugerem isso).

¹³⁸ Borba informa que seu “h”, nas palavras indígenas, é “sempre aspirado”.

Contra ser um empréstimo está o fato de que a mesma palavra, sem oclusão glotal, encontra-se no Apinayé, significando *chefe* = pai (cf. Nimuendaju 1983:16)¹³⁹.

Registre-se, por fim, que o empréstimo não se verifica no Kaingáng paulista¹⁴⁰. Em uma etnografia sobre eles, Horta Barbosa menciona o termo *rekakê*: “*A autoridade em cada grupo, reside num chefe apelidado rekakê*” (Barbosa [1913] 1947:52).¹⁴¹

II.4.5. Pirã

PIRÃ = [pĩrã] (PR), [pĩrõ] (SC, RS) = *peixe*. Em Guaraní: [pĩra].

Nos dialetos do Sul, além de *pirã*, como termo genérico (embora alguns conservem o que parece ser mais antigo: *krẽŋkufər* - generalização do nome “lambari” para significar “peixe”), encontramos também *pirõju* para “dourado”, evidente empréstimo a *piraju*, do Guaraní, e igualmente o nome da armadilha para peixes, o “*pari*” (termo de origem Tupi¹⁴²) que os Kaingáng denominam *pãri* (no Sul, *põri*).

Nesse caso, em que o empréstimo vindo do Guaraní é mais provável que o anterior, não temos um equivalente em Xoklég, revelando-se, assim, um empréstimo “pós-cisma”. O mesmo se pode dizer com relação ao dialeto Kaingáng paulista, ainda que Dulley (1903) tenha registrado o termo, e também Nimuendajú, com a índia Mariana em 1912. No caso de Dulley, já sugerimos que seu vocabulário não foi colhido com falantes do Kaingáng paulista (à época totalmente arredios a contatos), e no caso de Nimuendajú, como ele mesmo informou, a índia Mariana, de quem tomou os dados, já vivia há vários anos entre os Kaingáng do Paraná. Dessa forma, esse vocábulo parece nos informar, apenas: (i) que o empréstimo foi anterior às transformações (possivelmente na proto-língua) que levaram a /a/ > /ã/ ; (ii) que, via de regra, ocorre uma correspondência /ã:/õ/ entre o Kaingáng do PR para o Kaingáng de SC e RS.

A propósito do ponto (ii), no parágrafo acima, pode-se dizer que os dados não são completamente conclusivos, mas há fortes evidências a favor da seguinte hipótese: o proto-fonema vocálico *ã passou a /õ/ nas sílabas pré-tônicas no Kaingáng, enquanto nas tônicas experimenta um uso distintivo de /ẽ/ x /õ/, distinguindo os mesmos elementos, pragmaticamente, conforme se

¹³⁹ E há o fato, no mínimo curioso, de que em Xerente ocorra um termo *pahi* que, como verbo, significa “*amedrontar, temer*”, e como substantivo, “*medo*” (Krieger & Krieger 1994:30).

¹⁴⁰ O único vocabulário ‘paulista’ que traz o termo *pa-i*, significando “capitão”, é o de Dulley (1903), que muito provavelmente não é de falantes do dialeto paulista.

¹⁴¹ Não deixa de ser interessante comparar esse termo (*rekakê*) com a forma *kake*, no Xoklég, para “*amigo íntimo*”, mas cognata de *kãke* (PR) e *kêke* ~ *kõke* (Sul), para “*irmão mais velho*”. Ver dados 19 e 274.

¹⁴² Cf. Cunha 1999:229; Barbosa 1967:121; Cadogan 1992:139; Navarro 1999:613.

apresentem de forma longa ou breve, difusa ou compacta, fina ou grossa (ou, também contextualmente, se é apresentada de forma delicada ou não)¹⁴³. No contexto de sílaba tônica, as formas com /ɜ/ parecem também gozar da preferência como não-marcadas, na ausência de contexto pragmático.

¹⁴³ Referimo-nos a isso, e a nossa publicação sobre a questão, no tópico II.2.2, acima.

III. O PROTO-JÊ MERIDIONAL

Trabalhando com dados e análises fonológicas das línguas Apinayé, Canela, Suyá, Xavante e Kaingáng, Irvine Davis postulou um sistema fonológico para o Proto-Jê, em um trabalho pioneiro (*Comparative Jê Phonology*), sobre o qual discorreremos anteriormente (ver I.5). A respeito dos sistemas vocálicos, escreveu:

“In spite of numerous examples of seeming random reflexes, as well as unexplained cases of the development or loss of nasalization, the data taken as a whole indicate a fair degree of regularity in the vowels” (Davis 1966:16).

O sistema vocálico do Proto-Jê, segundo proposto por Davis (1966:13) é o seguinte:

i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
e	ə	o	ẽ	ã	õ
ɛ	a	ɔ			

Para as consoantes, é esse o quadro que Davis (1966) apresenta:

p	t	c	k
m	n	ñ	ŋ
v	r	z	

Nossa tarefa, agora, é sugerir uma configuração para o sistema fonológico do Proto-Jê Meridional, e esclarecer de que forma se relacionam, esse sistema e aquele do Proto-Jê proposto por Davis.

III.1. Vogais

III.1.1. Sistemas vocálicos das línguas Jê Meridionais vivas

Retomaremos, a seguir, nossas conclusões a respeito das correspondências observadas no cotejamento do Xoklég com os dialetos Kaingang, para estabelecer a configuração sincrônica dos sistemas vocálicos nas duas línguas e respectivos dialetos Kaingáng.

III.1.1.a. Vogais Orais

O minucioso trabalho de cotejamento que realizamos em II.2 (com seus Anexos 1 e 3-7) permitiu-nos concluir pelas correspondências abaixo resumidas.

Xkl : Kg PR

VOGAIS ORAIS		
ANTERIORES	CENTRAIS	POSTERIORES
i : i	i : i	u : u u : ɯ
e : e	ə : ə [tônicas] ə : i [pré-tônicas]	o : o
ɛ : ɛ	a : ã	ɔ : a

Do Quadro acima depreendem-se os seguintes sistemas vocálicos orais para o Xoklég e para o Kaingáng do Paraná e do Sul (SC, RS):

Xoklég			Kaingáng		
i	i	u	i	i	u
e	ə	o	e	ə	o
ɛ	a	ɔ	ɛ	a	ɔ

As figuras destacam que o fonema /ɔ/ do Xoklémng corresponde ao fonema /a/ do Kaingáng; o fonema /u/ Xoklémng, aos fonemas /u/ e /ɔ/ em Kaingáng; etc. Entretanto, o objetivo é chamar a atenção ao contrário disso, ou seja, que apesar das mudanças, e apesar das diferenças lexicais que essas mudanças produzem, o Xoklémng e o Kaingáng atuais possuem sistemas vocálicos orais iguais, organizados sob os mesmos princípios opositivos. Por sua vez, tal sistema é idêntico ao proto-sistema Jê proposto por Davis, conforme mostramos pouco acima. Seria, pois, absolutamente anti-econômico se propuséssemos que o Proto-Jê Meridional possuía algum sistema vocálico oral que não fosse idêntico a esse. Resta eleger a melhor hipótese sobre os caminhos seguidos por esse sistema vocálico oral, do Proto-Jê às línguas Jê Meridionais atuais, esclarecendo suas relações internas. A isso nos dedicaremos mais adiante.

Dos dialetos Kaingáng considerados nesse estudo, o de São Paulo se distancia ligeiramente da configuração acima, segundo os dados de que dispomos. Marita Cavalcante (1987:8), em sua análise fonológica do Kaingáng paulista, concluiu por um quadro vocálico oral exatamente idêntico ao dos dialetos acima (i i̥ u e ə o ɛ a ɔ). Em nossos dados encontramos grande variação de pronúncia nas vogais centrais (excetuando a vogal baixa), de modo que não poderíamos assumir uma distinção fonológica entre [ɐ] , [ə] e [i̥].¹⁴⁴ Com base naqueles dados, deveríamos propor que o quadro fonológico de vogais orais do Kaingáng paulista fosse este, representado abaixo, em confronto com o Xoklémng:

Xoklémng			Kaingáng SP		
i	i̥	u	i	i̥	u
e	ə	o	e		o
ɛ	a	ɔ	ɛ	a	ɔ

Observando as correspondências que se distinguem (as demais são diretas: i:i, e:e, ɛ:ɛ etc.), podendo-se concluir que, nesse aspecto, o Kaingáng de São Paulo equivale aos demais dialetos da língua na relação com as vogais Xoklémng. A exceção seria a correspondência ə:ə, observada nos

¹⁴⁴ Recorrendo, aqui, à numeração original de um *corpus* representativo do dialeto paulista, colhido por nós mesmos (D'Angelis 1999-2000), exemplificamos com os seguintes dados:

- a) "Grande" = ['mik̚] (n. 128, 130, 156, 166, 181, 209, 210, 298) ~ ['mbik̚] (n. 93) ~ ['mæk̚] (n. 49, 125, 266, 331) ~ ['mbæk̚] (n.201) ~ ['bæk̚] (n.291) ~ ['mbæk̚] (n. 38, 39, 180) ~ ['mæk̚] (n. 52) ~ ['mbæg̚] (n. 29) ~ ['mæk̚] (n.332).
- b) "Porco (do mato)" = ['kræk̚] (n. 86, 141, 156, 277) ~ ['kræg̚] (n. 156, 288) ~ ['krík̚] (n. 277).
- c) "Lua" = [kə̃t̚jɛ̃] (n. 208) ~ [k̚ĩt̚jɛ̃] (n. 208) ~ [kə̃t̚jɛ̃] (n. 209).

outros dialetos com respeito ao Xoklém, mas aparentemente ausente no dialeto paulista. No entanto, dada a limitação dos nossos dados, vamos assumir a análise proposta por Cavalcante, embora os dados em seu trabalho não ilustrem suficientemente suas conclusões.

Quanto aos sistemas de vogais nasais, eles não são idênticos nas duas línguas meridionais. Abaixo, vemos o quadro das correspondências sistematizadas:

III.1.1.b. Vogais Nasais

Xkl : Kg PR

VOGAIS NASAIS		
ANTERIORES	CENTRAIS	POSTERIORES
ẽ : ĩ	ã : ǣ	ũ : ũ
	ã : ẽ [tônicas] ã : ǣ [pré-tônicas]	õ : ǫ

O quadro permite depreender os seguintes sistemas de vogais nasais, em Xoklém e Kaingáng do Paraná:

Xoklém		Kaingáng	
	ũ	ĩ	ũ
ẽ	ǣ		ǣ
ã	õ	ẽ	ã

Como no caso das vogais orais, o quadro acima destaca que **ẽ** do Xoklém corresponde ao **ĩ** do Kaingáng; tanto **ǣ** quanto **õ** do Xoklém correspondem a **ǣ** do Kaingáng; etc. Registre-se que, para a vogal /**ǣ**/ em Xoklém os dados são muito limitados (3 dados – cf. Anexo 7).

Na representação acima, no entanto, preserva-se informação fonética acerca da altura da realização física das vogais e outras coisas semelhantes¹⁴⁵. Como sistema fonológico (jogo de oposições), os sistemas em questão parecem compor-se opondo, basicamente, duas alturas e duas ‘posições’ (anteriores x posteriores). Seguindo Trubetzkoy ([1939] 2008), assumimos que *ə̃* é uma vogal indeterminada, que não participa diretamente das oposições mencionadas:

Xoklég		Kaingáng PR	
<i>ẽ</i>	<i>ũ</i>	<i>ĩ</i>	<i>ũ</i>
<i>ə̃</i>		<i>ə̃</i>	
<i>ã</i>	<i>õ</i>	<i>ẽ</i>	<i>ã</i>

Como já destacado, um sistema lingüístico é um jogo de relações opositivas, de modo que nele os valores não são absolutos, mas sempre relativos a outros elementos do sistema. Observando os dois quadros vocálicos acima, percebe-se que uma vogal /*ã*/ no Xoklég é representada como vogal “anterior”, enquanto no Kaingáng do Paraná o /*ã*/ é interpretada como vogal “posterior”. Isso significa que não há identidade entre elas (mesmo que sejam foneticamente muito semelhantes). O que os quadros mostram é que no sistema vocálico nasal do Xoklég existe uma relação de oposição de duas alturas (a vogal representada na porção medial é indeterminada, sendo que sua altura – inclusive em sua realização fonética – não é relevante para o falante/ouvinte reconhecê-la) e, em cada uma delas, uma oposição entre vogais arredondadas e não arredondadas. Assim, pode-se dizer que em Xoklég o que caracteriza um /*ã*/ é ser uma **vogal nasal baixa não-arredondada**. Já em Kaingáng do Paraná, o traço de arredondamento não é relevante (donde que, ali, a vogal /*ã*/ possa variar, foneticamente, entre [ã] e [õ]¹⁴⁶), mas o de localização (ou *timbre*) sim: /*ã*/ é caracterizada, nesse dialeto Kaingáng, como uma **vogal nasal baixa posterior**.

Para os dialetos de São Paulo e do Sul (SC, RS) os dados levam a uma configuração ligeiramente diferente:

¹⁴⁵ É óbvio que, mesmo isso, representa uma grande simplificação. Qualquer pesquisa fonética revela que uma determinada vogal, em uma língua determinada, possui uma espécie de zona de realização, dentro da qual costumam variar seus parâmetros físicos de realização, sendo mais evidentes, mensuráveis e comparáveis as variações, em Hertz, dos primeiros três formantes.

¹⁴⁶ Escreveu Gloria Kindell, autora da análise fonológica do Kaingáng assumida por Wiesemann: “/ã/ varia de um vocóide nasalizado vozeado central bem aberto não-arredondado [ã] a um vocóide nasalizado vozeado posterior pouco fechado arredondado [õ]” (Kindell 1972:204-205).

Kaingáng SP		Kaingáng Sul	
ĩ	ũ	ĩ	ũ
õ		õ	
ẽ	õ	ẽ	õ

No caso do sistema vocálico nasal das duas línguas (e distintos dialetos), os esquemas acima diferem do que foi proposto por Davis (1966) com três vogais altas e três vogais baixas:

ĩ	ĩ	ũ
ẽ	ã	õ

Das configurações acima, referentes aos distintos dialetos Kaingáng e do Xoklég, as que parecem mais se aproximar da formulação do Proto-Jê de Davis são aquelas dos dialetos Kaingáng de São Paulo e do Sul (SC, RS). Esses sistemas divergem daquele do PJ apenas pela ausência de um elemento: uma vogal central (ou, posterior) baixa não-arredondada, o que implica também na ausência da oposição de altura entre vogais centrais. Por outro lado, isso não impede que eles partilhem, com o PJ, dois traços primordiais de seu sistema vocálico nasal: a distinção de duas alturas e a oposição de arredondamento. Por esses motivos, seria razoável eleger os sistemas vocálicos nasais dos dialetos Kaingáng de São Paulo e do Sul como modelo para reconstrução do equivalente sistema do Proto-Jê Meridional. Isso nos exigiria derivar o dialeto do Paraná daquele, e também o Xoklég – ou então, derivar, depois, o Xoklég do Kaingáng paranaense. Essa última relação (isto é, a proximidade do Xoklég com o Kaingáng do Paraná) parece ser muito clara e fortemente estabelecida ao longo dessa pesquisa. Mas todos os demais elementos que aproximam o Paraná dos outros dialetos Kaingáng, e o separam do Xoklég, nos levam à sugestão de que o sistema vocálico nasal do Proto-Jê Meridional era idêntico ao do Proto-Jê (acima).

A passagem desse sistema aos sistemas de 5 vogais nasais, seja nos vários dialetos Kaingáng, seja no Xoklég, será objeto de discussão do próximo tópico. Para encerrar a presente seção, porém, vamos antes apresentar uma tabela síntese de aproximações e diferenças, com base nas correspondências já apresentadas do Xoklég com dialetos Kaingáng.

VOGAIS – QUADRO COMPARATIVO: XOKLÉNG E MACRO-DIALETOS KAINGÁNG

XOKLÉNG	KGG SP	KGG PR	KGG Sul
i	i	i	i
e	e	e	e
ɛ	ɛ	ɛ	ɛ
o	o	o	o
ɨ	ɨ	ɨ	ɨ
ə	ə	ə ɪ	ə ɪ
u	u ɔ	u ɔ	u ɔ
ɔ	a	a	a
a	ẽ ə	ã	õ ē
ẽ	ĩ	ĩ	ĩ
õ	ə	ə	ə
ã	ẽ õ	ẽ ã	ẽ õ
ũ	ũ õ	ũ õ	ũ

III.1.2. As vogais do Proto-Jê Meridional – Tentativa 1

Para a reconstrução de uma proto-língua, mesmo que apenas em seu aspecto fonológico, são muitíssimos os elementos intervenientes, quanto mais conhecimentos e dados se tenham das línguas ou dialetos sob análise. Por esse motivo, julgamos que o melhor caminho é proceder por *tentativas*, que correspondam a sistematizações cada vez mais abrangentes dos fatos e informações relevantes ao esclarecimento do processo histórico pelo qual foram derivadas, de uma língua comum, as línguas Jê Meridionais. No presente trabalho, portanto, nos ocupamos de produzir uma **Tentativa 1**, que certamente será revisitada e poderá ser alvo de revisões na seqüência do trabalho com essa temática.¹⁴⁷

Adiante (ver **Conclusão**) retomamos a questão da (necessária) continuidade da presente pesquisa, bem como, da relevância do trabalho feito nessa etapa para informar e direcionar o avanço futuro dessa investigação.

Julgamos coerente balizar nossas conclusões e propostas a respeito do sistema vocálico do Proto-Jê Meridional pelas seguintes proposições:

1. No sistema de vogais orais, o Xoklég distanciou-se – pelos mesmos aspectos, nos três casos – de todos os dialetos Kaingáng considerados (São Paulo, Paraná e Sul: SC, RS). Parece plausível admitir, portanto, que Xoklég separou-se dos demais Jê Meridionais, antes que se constituíssem distinções entre os dialetos Kaingáng.

2. No sistema de vogais nasais, é igualmente o Xoklég que mais se diferencia dos outros. Considerando que, dos quatro sistemas avaliados, a configuração das vogais nasais dos dialetos Kaingáng de São Paulo e do Sul é a que mais se aproxima do Proto-Jê proposto por Davis (1966), assumimos que os dialetos Kaingáng devem ser a base da reconstrução do proto-sistema Jê Meridional. Entretanto, não assumiremos que o Proto-Jê Meridional contava com um sistema vocálico nasal de 5 fonemas, mas que sua configuração era, ainda, idêntica ao Proto-Jê de Davis. Por essa interpretação, não derivaremos um dialeto Kaingáng (no caso, o do Paraná) de outros, mas todos de uma mesma configuração da proto-língua, como representamos abaixo:

¹⁴⁷ Certamente, da mesma forma devem ser tomadas em consideração as propostas anteriores, de outros pesquisadores, acerca do problema.

PROTO JÊ MERIDIONAL		
não-arred		arred
*ĩ	*ã	*ũ
*ẽ	*ã	*õ

XOKLÉNG		
não-arred		arred
ẽ		ũ
	ã	
ã		õ

KAINGÁNG PARANÁ		
não-arred		arred
ĩ		ũ
	ã	
ẽ		õ

KAINGÁNG SP e SUL		
não-arred		arred
ĩ		ũ
	ã	
ẽ		õ

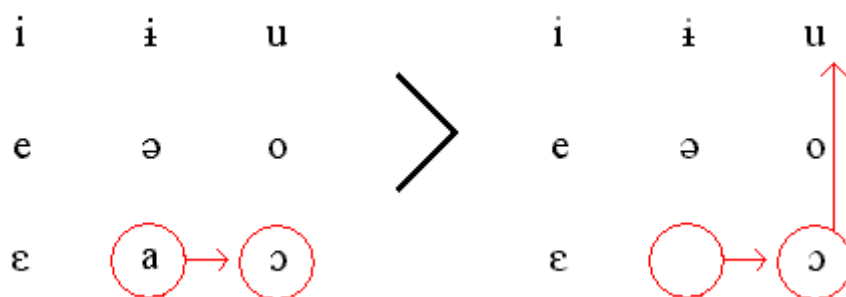
A representação acima pretende destacar que o dialeto do Paraná simplificou o sistema vocálico do Proto-Jê Meridional eliminando completamente a oposição de arredondamento, e fundindo *ã com *õ, em favor do primeiro; e, em contrapartida, que os dialetos de São Paulo e do Sul simplificaram o sistema eliminando a oposição de arredondamento apenas nas vogais posteriores (ou, nas vogais centrais), fundindo *ã com *õ em favor do segundo.¹⁴⁸

Quanto ao Xoklêng, não fossem as correspondências já demonstradas, poder-se-ia pensar que essa língua simplificara o sistema fundindo *ã com *ẽ. Isso, porém, fica interditado, por exemplo, pelo fato de que, nesse caso, /õ/ do Xoklêng seria correspondente de /ã/ do dialeto PR e de /õ/ nos dialetos de SP e Sul. Mas isso não ocorre; sabemos que /õ/ Xoklêng corresponde a /ã/ em todos os dialetos Kaingáng. Assim, adiante apresentamos nossa conclusão sobre a derivação do sistema vocálico nasal do Xoklêng.

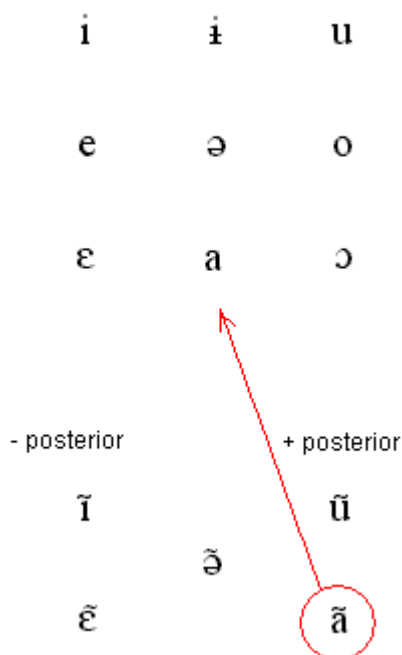
3. Diante da impossibilidade de se construir hipóteses para uma divisão das correspondências de /u/ do Xoklêng, em **u:u** e **u:ɔ**, com relação ao Kaingáng, sugerimos que apenas uma *fusão*, ocorrida, então, no Xoklêng, pode explicar os fatos. Dessa forma, sugere-se que no Xoklêng, separado do Kaingáng, verificou-se a fusão de antigos fonemas *ɔ e *u, em favor desse último.

¹⁴⁸ Os dados de que dispomos não permitem descartar, com segurança, a possibilidade de que, no dialeto paulista, a configuração seja mais semelhante à do dialeto do Paraná. Uma investigação de campo cuidadosa merece ser realizada para esse fim, e para um registro cabal do dialeto de São Paulo pela boca de seus pouquíssimos falantes. Os dados que colhemos, em 1999-2000, atendiam a um pedido da comunidade indígena, mas a pesquisa de então foi interrompida por razões que não é relevante aqui detalhar, mas que a deixaram incompleta. Uma continuidade do presente projeto não deixará de contemplar essa investigação detalhada, em campo, do que for possível recolher desse dialeto.

4. Consequência da proposição acima, somente uma pressão sobre o espaço da vogal baixa /ɔ/ pode explicar a *fusão* ocorrida no Xoklég, uma vez que não se trata de um processo simétrico (dado que, nas vogais orais anteriores, nenhum movimento ou mudança se observa nos três fonemas, em três alturas: /i , e , ε /). Assumimos, por isso, que a correspondência **a:ɔ**, observada na relação do Xoklég com o Kaingáng, resulta de um movimento **a > ɔ** acontecido no Xoklég. As proposições (1) e (2), portanto, configuram as seguintes mudanças no Xoklég, a partir da proto-língua (ou do dialeto Kaingáng do qual tenha derivado):



5. Nosso entendimento é que o fato que explica o início desses movimentos de mudança nas vogais orais do Xoklég é a entrada, na posição da vogal baixa /a/, de um outro fonema. Ou seja, assumimos que a correspondência **a:ã** observada na relação do Xoklég com os dialetos Kaingáng resulta de uma desnasalização de um /ã/ no Xoklég (onde, então, **ã > a**). Isso é o que se representa no esquema abaixo:

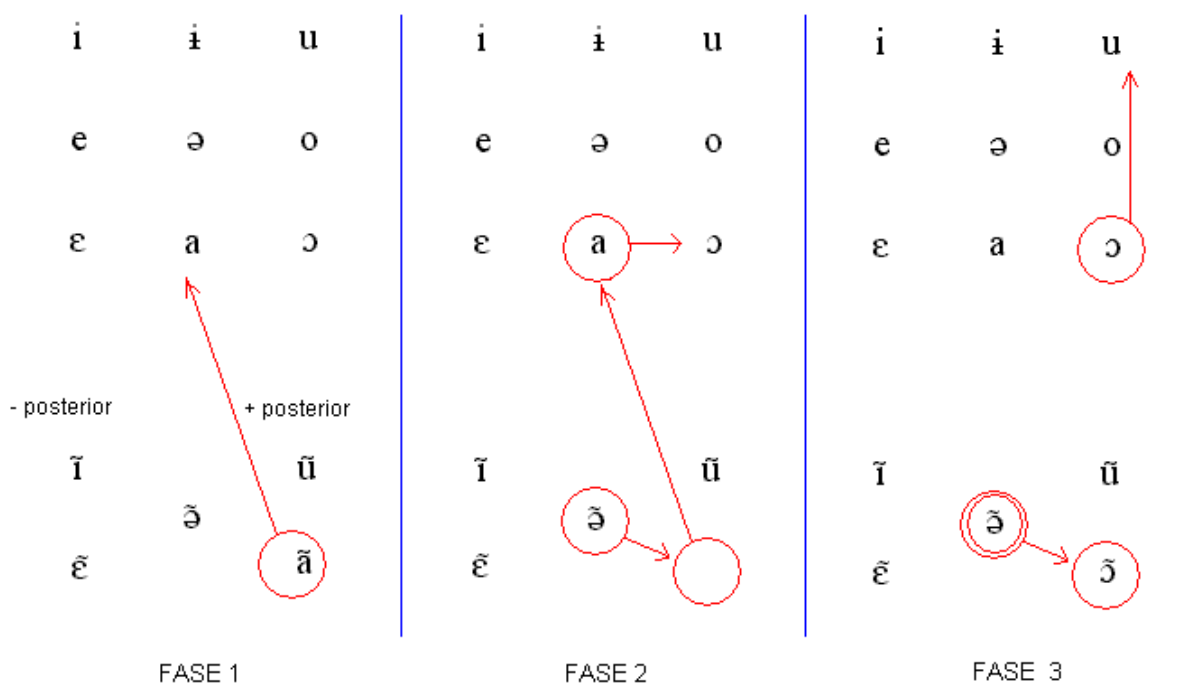


É importante chamar a atenção para o sistema de vogais nasais aqui representado. Não é, obviamente, a atual configuração de vogais nasais Xoklém, mas a configuração que sugerimos ter assumido o Xoklém, em um primeiro momento, a partir da proto-língua. Se confrontado com o esquema mais acima, dos sistemas vocálicos nasais em relação ao sistema equivalente do Proto-Jê Meridional, esse ‘momento’ do Xoklém revela-se idêntico ao sistema de vogais nasais do Dialeto Kaingáng do Paraná. Em ambos, perdeu-se a correlação de nasalidade. Isso poderia significar que Xoklém e Kaingang do Paraná conformam, geneticamente, um sub-grupo entre os Jê Meridionais, sendo o Xoklém uma derivação de um momento comum apenas aos dois. A hipótese é tentadora por muitos aspectos, inclusive histórico-geográficos, mas a análise das consoantes (adiante) parece interditar esse ‘cisma’ que reuniria Xoklém e Kaingáng do Paraná em um mesmo sub-ramo.

Assumindo, pois, as proposições acima – de (3) a (5), apresentamos a seguir, graficamente, o que teriam sido as mudanças no sistema vocálico do Xoklém, a partir de sua separação dos demais Kaingáng:

DO PROTO-JÊ MERIDIONAL AO XOKLÉM

(A)



A primeira parte do diagrama (**A** – acima) ilustra, em visão de conjunto, o que já foi descrito antes com respeito às vogais orais e, com respeito às vogais nasais, o que se havia dito sobre a passagem **ã > a**. Mas, além disso, o diagrama mostra as primeiras conseqüências do deslocamento da vogal /**ã**/, que gerou uma ‘posição’ vazia no quadro das nasais. Isso levou a que a vogal central indiferenciada /**ẽ**/ fosse recuada e arredondada para compor uma nova situação de oposição entre vogais arredondadas e não-arredondadas. E é bom destacar, desde já, que isso não representa qualquer movimento de ‘retorno’ a alguma posição ou situação pretérita da língua (como vimos, nossa análise propôs um conjunto de vogais nasais no PJM semelhante ao PJ de Davis); trata-se de um novo momento histórico, com suas razões próprias (sobre as quais, especularemos adiante), e não de ‘memória’ da língua.

Por fim, ainda sobre o diagrama acima, os círculos duplos em torno de **ẽ** indicam que nem todo /**ẽ**/ desapareceu da língua ou se tornou /**õ**/. Como vimos, ainda que de número reduzidíssimo (consequimos obter 3 dados apenas), existem palavras no Xoklég atual às quais se atribui uma vogal nasal /**õ**/. Não há como sugerir contexto que justifique que a grande maioria das ocorrências de /**õ**/ tenha passado a /**õ**/ e uns poucos termos tenham preservado a vogal central. Somos tentados a sugerir que tais termos correspondem a empréstimos recentes tomados ao Kaingáng. É importante não esquecer que, para os trabalhos da chamada “pacificação” dos Xoklég, o SPI levou, para Santa Catarina, famílias de falantes Kaingáng do Paraná que, depois disso, permaneceram ali, convivendo e micigenando-se com os Xoklég (nos últimos 90 anos). E também pode representar alguma influência o fato de que, na busca de formar professores e de recuperar sua própria língua – processo de que muitos se ocupam nos últimos 15 a 20 anos –, os Xoklég têm estreitado contatos com professores Kaingáng, seus trabalhos de educação e sua literatura nascente.

Damos seguimento, no diagrama abaixo (**B**), à ilustração dos processos de mudança experimentados no Xoklég – segundo nossa interpretação – que levaram à configuração atual de seu quadro de vogais nasais (por desnecessário, omitimos aqui as vogais orais):

abandonadas) de demarcação do masculino e feminino no corpo da pessoa: os meninos passavam por um ritual de perfuração dos lábios, e a partir daí, usavam botoque; as meninas passavam por um ritual de tatuagem na altura da coxa. O botoque, aliás, é marca que permitiu distinguir, no linguajar dos portugueses dos séculos XVIII e XIX, os “bugres” e “botocudos”. Ao que parece, também - se isso não se deve a limitação de nossas fontes etnográficas – entre os Xoklég (mas nunca entre os Kaingáng) havia a prática de cremação de mortos.

Não existissem outros, esses dois elementos – por sua significação simbólica e sua relação íntima com concepções cosmogônicas e de organização social – são suficientes para firmar a convicção de que estamos diante de sociedades com características bastante particulares e distintas entre si. Sendo ambas estreitamente aparentadas lingüísticamente, convivendo em espaços e habitats próximos e assemelhados, e desenvolvendo entre si relações belicosas fundadas em valores e elementos culturais compartilhados, parece-nos que somente a interveniência de uma outra sociedade e cultura, integrando-se a uma dessas, pode explicar as diferenças que aí se desenvolveram. Entre os Xoklég, aliás, registra-se desde os mitos cosmogônicos, a relação de um povo da serra com um povo do mar (cf. Hanke 1947a:54-59; 1947b:86-93)¹⁵¹.

Como se disse, informações desse tipo, e outras relacionadas, serão tratadas em outro contexto. Entretanto, desconhecer a possibilidade da hipótese levantada acima pode trazer grandes dificuldades, talvez insuperáveis, quando se tenta uma abordagem explicativa dos fenômenos de mudança lingüística de cunho histórico.

¹⁵¹ A mesma informação, até mais claramente formulada, ouvimos diretamente de um Laklânô (Xoklég).

III.2. Consoantes

III.2.1. Sistemas consonantais das línguas Jê Meridionais vivas

O cotejamento que realizamos em II.3 (e Anexo 2) permitiu-nos concluir pelas correspondências abaixo resumidas.

	CONSOANTES OBSTRUÍNTES		
Xkl : Kg PR e Sul (SC,RS)	p : p t : t k : k	ʔ : ʔ	
	ð : f č : š	h : h	
Xkl : Kg SP	p : p t : t č : č k : k	ʔ : ʔ	
	ð : φ	h : h	

	CONSOANTES SOANTES			
Xkl : Kg PR e Sul (SC,RS)	m : m n : n ɲ : ɲ ŋ : ŋ			
		ɲ : j		
	w : w l / ɾ : ɾ j : j			
		ð : j		
Xkl : Kg SP	m : m n : n ɲ : ɲ ŋ : ŋ			
		ɲ : j		
	w : w l : l / ɾ j : j			

As tabelas acima estão bipartidas, apresentando, em uma linha, as correspondências do Xoklêng com os dialetos do Paraná e do Sul, e na outra linha, as correspondências com o Dialeto São Paulo, em razão de algumas particularidades desse último dialeto, com respeito aos demais, no componente consonantal.

III.2.1.a. Obstruintes

Como se pode ver, na tabela síntese das correspondências consonantais (acima), nas obstruintes as diferenças são duas: uma, de alguma consequência fonológica, e outra, sem repercussão nesse nível, mas de alguma contribuição histórica. Essa última é a que se observa na qualidade da consoante obstruinte contínua labial, um /f/ nos dialetos do Paraná e do Sul, e /ɸ/ no dialeto paulista. A diferença parece ser apenas fonética (entre lábio-dental e bilabial), mas não fonológica (ambas são obstruintes contínuas, ambas podem ser vistas como labiais¹⁵², ou também, ambas são não-coronais anteriores). Justamente por essa proximidade, no entanto, contribuem para se pensar as relações inter-dialetais e inter-línguas no sub-conjunto Jê Meridional. Essa informação coloca o Kaingáng de São Paulo mais proximamente relacionado aos demais dialetos Kaingáng do que ao Xoklég.

A outra diferença, de alguma consequência fonológica, como se disse, é aquela observada nas correspondências distintas de /č/ : igualmente /č/ (ou **tʃ**) no Kaingáng paulista, mas /š/ (ou **ʃ**) nos dialetos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Isso implica que, no Xoklég e no Kaingáng de São Paulo, há uma série obstruinte descontínua (ditas oclusivas) com 4 pontos de articulação (**p – t – č – k**)¹⁵³ em paralelo com uma série soante descontínua (as nasais) sobre os mesmos 4 pontos (**m – n – ɲ – ŋ**).

Em contrapartida, nos demais dialetos Kaingang, em correspondência à obstruinte descontínua /č/ vê-se uma obstruinte contínua, uma fricativa, ou seja, /ʃ/. Pode-se interpretar o fato como uma consolidação, no Kaingáng do Paraná e do Sul, de uma série obstruinte contínua. Em outras palavras, significa que tais dialetos passaram a eleger a oposição [$\pm$ contínuo] como um traço relevante em sua fonologia. Isso se verifica pela existência neles, hoje, de três fricativas: /f - ʃ - h/. Mais que isso, seu quadro de obstruintes pode ter sido reinterpretado (pelo próprio sistema), na busca de alguma simetria que o torna um sistema mais equilibrado. Veja-se o quadro abaixo:

¹⁵² Quando dizemos que “podem ser vistas como” não estamos propondo que seja uma escolha idiossincrática do analista, mas estamos referindo ao fato de que, o que importa e é relevante, é o sistema fonológico da língua em questão e seu funcionamento; a depender de qual papel esse sistema reserva à consoante, de que oposições ela participa, pode ser relevante que ela seja labial ou, em outra configuração ou língua, que o mesmo elemento fonético “seja visto” (isto é, o sistema lhe atribua tal característica) como “não-coronal” (x “coronal” ð, por exemplo).

¹⁵³ Por algumas particularidades, e o pequeno número de suas ocorrências, tratamos as glotais como uma série à parte.

	OBSTRUENTES DESCONTÍNUAS x CONTÍNUAS		
Kaingáng PR e Sul (SC,RS)	p	t	k
	f	š	h (x)
			?

Nesse quadro, as obstruintes supraglotais estão dispostas em pares de oposição, segundo os articuladores *labial*, *coronal* e *dorsal*. Como se vê, /h/ é reinterpretado como /x/, mas isso não é crucial.¹⁵⁴ Se pensarmos em traços de lugar como os de SPE, podemos distribuir as fricativas conforme 4 combinações possíveis:

	ϕ / f		č / ʃ	h
coronal	–	+	+	–
anterior	+	+	–	–

Nessa forma de interpretar os dados, a fricativa /h/ não é, necessariamente, uma glotal, nem é, necessariamente, uma velar: qualquer uma dessas opções satisfaz a combinação de traços e valores [- coronal, - anterior].

Como se vê, reorganizado o sistema nessas bases, descobre-se que há, inclusive, espaço para desenvolvimento futuro de outra fricativa.¹⁵⁵

III.2.1.b. Soantes

No conjunto das soantes, duas coisas chamam a atenção: as correspondências de /l/ e as consoantes do Xoklém que têm, por correspondente, o /j/.

No caso de /l/ já vimos que no Xoklém ocorre alguma variação com /ɾ/ (depois de consoante oclusiva surda, segundo Bublitz, e entre vogais não nasalizadas, segundo Jules Henry).

¹⁵⁴ Manizer, em suas anotações do Kaingáng paulista (feitas em 1914 e 1915), emprega o símbolo χ , que no alfabeto fonético internacional representa uma fricativa uvular surda (Manizer [1930] 2006).

¹⁵⁵ Dada a intensidade do bilingüismo em grande parte das comunidades Kaingáng, é previsível que mais palavras do Português sejam incorporadas, como empréstimo, na língua indígena, e que aquelas com o fonema “s” venham a integrar-se sem outra acomodação fonológica (diferente do que ocorreu, no passado, com palavras como “*sabão*”, que em Kaingáng é [ja'bmũ]).

Sua correspondência, nos dialetos Kaingang, é sempre /r/ , seja em onset (como primeira ou segunda consoante), seja em coda silábica. A exceção é o dialeto de São Paulo, onde ocorre uma distribuição complementar entre os fones [l] (em início de palavra) e [r] (nos demais contextos). Dizendo em outras palavras, nesse aspecto (como no caso de č) o dialeto paulista se mostra mais próximo do Xoklég.

Quanto ao **j** (em ataque silábico) dos dialetos Kaingáng, embora perto de 80% deles correspondam também a **j** do Xoklég, há perto de 14% que têm **ǰ** como fonema correspondente, e outros 7% cuja correspondência é **ɲ**.¹⁵⁶ O que não deixa de chamar a atenção é o fato de que suas origens (em uma ou outra língua) são várias: ora em uma aproximante idêntica (a maioria dos casos), ora em uma consoante nasal, ora em uma soante contínua.

Chama mais atenção, ainda, o fato de que a obstruinte contínua do Xoklég, /ǰ/, apresente correspondência tanto com uma outra obstruinte (/f/ no PR e Sul, /ϕ/ em SP), quanto com uma soante (/j/, nos dialetos PR e do Sul). No primeiro caso, a correspondência ocorre em posição tônica, e no segundo caso, em posição átona. Não se trata, propriamente, de distribuição complementar (a não ser e somente dos contextos que parecem ter gerado a diferenciação), porque as (poucas) ocorrências de /j/ no Kaingang que correspondem ao /ǰ/ Xoklég somam-se a um grande número de ocorrências de /j/ que correspondem a /j/, fundindo-se a esse fonema.

Parece que podemos concluir, nesse caso, estar diante de um processo de refonologização parcial (pelo qual, um /ǰ/ da proto-língua, em posição tônica, passa a /f/, ou seja, não perde seu caráter de obstruinte contínua) e, ao mesmo tempo, de defonologização parcial, uma vez que as ocorrências de /ǰ/ na posição átona passam a /j/ e, com isso, se fundem com o fonema idêntico, pré-existente¹⁵⁷. A ‘motivação’ fonológica desencadeadora desse processo terá sido, possivelmente, a transformação de /č/ em /š/, consolidando uma série obstruinte contínua (fricativa) nos dialetos Kaingáng (de que tratamos acima).

¹⁵⁶ Os percentuais não se referem, obviamente, a um valor estatístico rigoroso em base de levantamento de todo o léxico, mas apenas representa a distribuição das ocorrências em nosso *corpus* no que se refere às correspondências do Xoklég com o dialeto do Paraná. No dialeto de São Paulo não encontramos casos de **j** cuja correspondência seja com **ǰ** do Xoklég.

¹⁵⁷ Os termos *fonologização* (“*surgimento de uma distinção fonológica*”) e *defonologização* (“*supressão de uma distinção fonológica*”) foram introduzidos por Roman Jakobson, em *Prinzipien der historischen Phonologie* (1931). V. Jakobson 2008.

III.2.2. As Consoantes do Proto-Jê Meridional – Tentativa 1

À semelhança do que fizemos com as correspondências vocálicas, abaixo apresentamos um quadro que favorece a percepção dos pontos de contato e diferenças entre os sistemas consonantais das duas línguas e dialetos.

CONSOANTES - QUADRO COMPARATIVO: XOKLÉNG E MACRO-DIALETOS KAINGÁNG

XOKLÉNG	KGG SP	KGG PR	KGG Sul
p	p	p	p
t	t	t	t
k	k	k	k
ʔ	ʔ	ʔ	ʔ
h	h	h	h
č	č	f	f
ð	ϕ	f j	f j
w	ʋ ~ w	w ~ ʋ	w ~ ʋ
l ~ r	r ~ l	r	r
j	j	j	j
b ~ m	m ¹⁵⁸	mb ~ m	mb ~ m
d ~ n	n	n ~ nd	n ~ nd
dʒ ~ ɲ	ɲ j	ɲʃ ~ ɲ j	ɲʃ ~ ɲ j

Com base nessas informações, e nas análises feitas ao longo da discussão dos dados, propomos a seguinte configuração para o sistema consonantal fonológico do Proto-Jê Meridional :

¹⁵⁸ Algumas vezes também se observa, no Kaingáng paulista, a variação de [m] com [mb] (idem nos demais pontos de articulação) em contexto de vogal oral.

Consoantes do Proto-Jê Meridional

Obstruintes	p	f	t	č	k	ʔ
Soantes nasais	m		n	ɲ	ŋ	
Soantes não-nasais	w		r	j		h

Como no Proto-Jê, reconhecem-se ali uma oposição principal, entre obstruintes e soantes, e no conjunto dessas últimas, uma distinção entre nasais e orais.

Na série das obstruintes, duas coisas devem ser destacadas:

a) assume-se que ***č** (e não **ʃ**) é o proto-fonema (o que significa que, nesse aspecto, o dialeto de São Paulo e o Xoklég separaram-se dos demais Kaingáng na vigência do sistema assim proposto, e se mantiveram mais conservadores que os demais). É mais razoável essa solução, porque admite a proto-língua, no caso, com um sistema mais econômico (com menos séries e, portanto, menos traços opositivos) que é rompido posteriormente nos diferentes dialetos.

b) a partir de um ***z** do Proto-Jê desenvolve-se, no Proto-Jê Meridional, um desdobramento em uma soante contínua palatal (**j**) e uma obstruinte contínua. No entanto, o PJM não reconhece o traço [$\pm$ contínuo] como distintivo, de modo que não reconhece distinção entre oclusivas e fricativas, fonologicamente. O desenvolvimento de ***z**, nas obstruintes, buscou um espaço (ponto) de articulação não ocupado, e elegemos ***f** como o ponto de ancoragem da nova obstruinte, que tem realizações ligeiramente distintas nas línguas que se desenvolveram daí.¹⁵⁹

Os dialetos do Paraná e do Sul introduzirão uma série fricativa (rigorosamente falando: obstruinte contínua) a partir da passagem de ***č** > **ʃ** e sua associação com **f**, com o conseqüente reconhecimento da oposição entre contínuas e descontínuas. Nesse rearranjo do sistema, ***h** passa a ser incluído nas obstruintes e compartilhar, nesses dialetos, dos processos de que elas participam. No dialeto de São Paulo e no Xoklég, o traço [$\pm$ contínuo] segue sendo irrelevante nas obstruintes.¹⁶⁰

¹⁵⁹ Em cada língua ou dialeto em particular, depois, isso foi acomodando-se aos demais desenvolvimentos. No Kaingáng do Paraná e do Sul fixou-se a principal realização em [f], mas em alguns casos registra-se [ɸw]; no Kaingáng de São Paulo a principal realização é [ɸ], mas observa-se variação com [v] com alguma frequência; no Xoklég registram-se alternâncias de [ð] com [θ].

¹⁶⁰ Efetivamente não há ainda, sequer nos dialetos do Paraná e Sul, algum processo fonológico que opere sobre ou a partir apenas de uma parte das obstruintes (as contínuas ou as descontínuas); todos os processos que envolvem obstruintes, abarcam todas elas.

Também se admite que o Proto-Jê Meridional distinguia e operava com duas consoantes glotais, uma delas obstruente e a outra soante. Davis (1966), como vimos em **I.5.1**, não reconstrói nenhum proto-fonema glotal, e não dá pistas de como teriam se desenvolvido nas línguas da família. Há elementos que parecem indicar origem comum de palavras com [h] e com [ʔ] em línguas Jê do Sul e em línguas Jê Centrais e Setentrionais, o que implicaria um compartilhamento de consoantes glotais no Proto-Jê, anterior à separação do ramo Jê Meridional. Alguns poucos exemplos, colhidos sem uma busca realmente sistemática, podem ser lembrados:

Português	Jê do Sul (Xoklég)	Jê Central ou Setentrional
<i>Assobiar</i>	hup	Xerente: hõrõ
<i>Cacique, chefe</i>	paʔi	Apinayé: paʔiti ; Xerente: pahi (<i>amedrontar, temer</i>)
<i>Cãimbra</i>	hur	Xerente: dasihutu
<i>Chupar, sorver</i>	kahun	Canela: kaho [Davis reconstrói para PJ: *ka-zo]

Não precisamos, por ora, responder a essa questão, mas certamente será importante desenvolvê-la para o esclarecimento da passagem do Proto-Jê a um Proto-Jê Meridional, podendo até levar-nos a rever a configuração do PJ. Será relevante, a propósito, analisar todos os casos em que for possível vincular um reflexo **h**, em línguas Jê, de um ***z** da proto-língua (há vários, um dos quais o último elemento da tabela acima). Também será importante atentar a relações entre as próprias glotais (no caso de alternâncias, entre línguas, de **h** por **ʔ**, ou vice-versa, como é o caso, talvez, do segundo termo na tabela acima¹⁶¹). E, por fim, a relações entre fricativas nas próprias línguas¹⁶². Como dito, aqui não é necessário que tenhamos uma resposta a isso, mas o *corpus* e as correspondências observadas exigem que postulemos tanto um ***h** quanto um ***ʔ** no PJM.

Quanto à série das soantes nasais, ela manteve os pontos de articulação da série pré-existente no Proto-Jê, quase em paralelo às obstruientes (à exceção da glotal, obviamente, mas agora também da lábio-dental¹⁶³). Assumimos que já no Proto-Jê Meridional essa série era alvo de um processo fonológico, disparado a partir das vogais, que gera duas séries paralelas de variantes¹⁶⁴:

¹⁶¹ Lembrar que no próprio Kaingang (ou Xoklég), no século XVIII registrou-se o termo para *cacique* como **pahi**, sem que possamos estar completamente seguros, hoje, do valor fonético emprestado à letra **h** nesse registro.

¹⁶² Para o termo *farinha*, temos registrado, no Kaingáng, tanto a forma **mên-hu** quanto **mên-fu** (e também há registros de fontes publicadas, dessas duas formas).

¹⁶³ Jules Henry registrou, no entanto, como “*a true and stable phoneme*”, uma consoante nasal lábio-dental **ɱ** (Henry 1935:173). Parece-nos, porém, ser mais provavelmente a realização nasalizada de /w/.

¹⁶⁴ Evitei, deliberadamente, o termo *alofones*, para destacar o caráter processual e dinâmico dessas realizações.

uma série (fonética) de nasais plenas, que ocorre em sílabas com vogais nasais, e duas séries (fonéticas) de pré- e de pós-nasalizadas, que ocorrem em sílabas com vogais orais. Portanto, para o PJM assumimos um quadro de consoantes como o da ilustração abaixo, com as respectivas variantes¹⁶⁵:

p	f ~ ɸ ~ ʋ	t	č ~ c ~ ʃ	k	ʔ
m ~ mb ~ bm	n ~ nd ~ dn	ɲ ~ ɲɸ ~ ɲʃ	ŋ ~ ŋg ~ gŋ		
ʋ ~ w	l ~ r	j ~ ɲ		h	

Em pesquisa anterior, demonstrei que os processos fonológicos responsáveis pelos resultados esquematizados no quadro acima eram comuns a línguas Jê e Macro-Jê (cf. D'Angelis 1998). Entre as línguas setentrionais da família o Apinayé é um caso exemplar e evidente de tais processos. O processo é bastante mais restrito no dialeto de São Paulo (em parte, inclusive, pelo fato da língua não ser quase mais falada ali).

O quadro acima ilustra igualmente as variações (contextualmente condicionadas) na realização fonética da série de soantes orais. Também nesse caso, por compartilharem as alofonias de **r / l**, o Kaingáng paulista e o Xoklém se mostram mais conservadores e espelham o que se está propondo para a proto-língua.

¹⁶⁵ Chamo a atenção ao procedimento aqui adotado, que se pauta pela mesma compreensão pragueana dos sistemas lingüísticos. Veja-se, a propósito, a seguinte passagem de Jakobson: “As diferentes funções da linguagem estão intimamente ligadas, e a troca de funções é constante. Por isso, o sentido de equilíbrio e a simultânea tendência para sua ruptura constituem propriedades indispensáveis de tudo o que compõe a língua. A interrelação do estático e do dinâmico é uma das antinomias dialéticas mais fundamentais que caracterizam a idéia de língua. Não se pode conceber a dialética do desenvolvimento lingüístico sem reportar-se a essa antinomia. As tentativas de identificar *sincronia* com *estático* e com o domínio de aplicação da *teleologia* por um lado, e por outro, *diacronia* com *dinâmico* e com a esfera da *causalidade mecânica*, restringe ilegitimamente o quadro da sincronia, faz da lingüística histórica um aglomerado de fatos isolados e cria a ilusão, superficial e nociva, de um abismo entre os problemas da sincronia e da diacronia” (Jakobson [1931:267] 2008 – a sair).

III.3. Conclusão Provisória sobre o Proto-Jê Meridional

Reapresentamos, aqui, para resumir e concluir, os quadros vocálico e consonantal de um reconstruído sistema fonológico Proto-Jê Meridional:

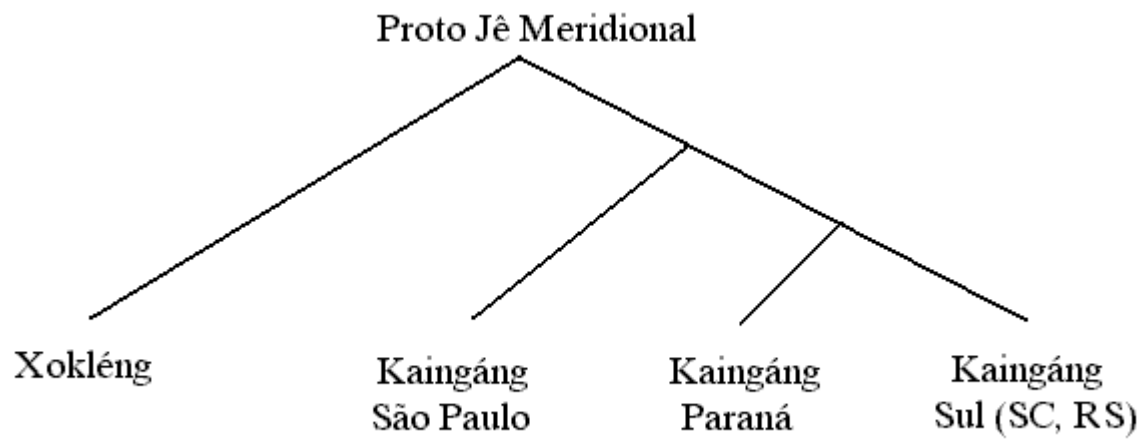
PROTO JÊ MERIDIONAL

*i	*ĩ	*u	*ĩ	*õ	*ũ
*e	*ə	*o	*ẽ	*ã	*õ
*ɛ	*a	*ɔ			

PROTO JÊ MERIDIONAL

Obstruintes	p	f	t	č	k	ʔ
Soantes nasais	m		n	ɲ	ŋ	
Soantes não-nasais	w		r	j		h

As informações que processamos (especialmente aquelas condensadas nos dois **Quadros Comparativos** – de Vogais e de Consoantes, respectivamente, às pgs. 77 e 89) nos levam, finalmente, a formular um ordenamento ou classificação interna das línguas vivas – e dialetos – Jê Meridionais, que apresentamos no esquema gráfico a seguir.



IV. CONCLUSÃO

Se, a qualquer momento dado, a língua constitui um 'sistema onde todos os seus elementos são solidários', a passagem de um estado da língua a outro não pode ser efetuada através de mudanças isoladas desprovidas de todo sentido. Uma vez que um sistema fonológico não é a soma mecânica de fonemas isolados, mas um todo orgânico, do qual os fonemas constituem os membros e cuja estrutura se acha submetida a leis, a 'fonologia histórica' não pode se limitar à história dos fonemas isolados, mas deve encarar o sistema fonológico como uma entidade orgânica em vias de desenvolvimento. Vistas deste ponto de vista, as mudanças fonológicas e fonéticas adquirem um sentido e uma razão de ser. (Trubetzkoy [1930] 1981:26-27)

O presente trabalho conclui a primeira etapa de uma pesquisa que se mostra, necessariamente, inconclusa e, ao mesmo tempo, mais instigante ainda do que o foi em seu início.

Parte fundamental de sua motivação inicial diz respeito à perspectiva claramente delineada na passagem de Trubetzkoy, em epígrafe, com eco em um texto valioso de Jakobson, *Princípios de Fonologia Histórica*¹⁶⁶:

*Na Fonética Histórica tradicional, tipicamente as mudanças fonéticas eram tratadas isoladamente, ou seja, sem tomar em conta o sistema que sofria essas modificações. Esse tipo de metodologia era comum na visão de mundo que dominava naquela época: o empiricismo rasteiro dos neogramáticos, que via qualquer sistema, e em particular o sistema lingüístico, como a soma mecânica de suas partes (Und-Verbindung) e jamais como uma unidade formal (Gestaltseinheit), para usar os termos da moderna psicologia.*¹⁶⁷

O leitor habituado à área terá observado, por isso, uma organização diferente, nesse trabalho. O cotejamento de cognatos entre uma e outra língua, e entre dialetos do Kaingáng, foi feito, necessariamente, mas suas demonstrações, na maior parte, ficam reservadas aos anexos 1 a 7, que remetem ao *corpus* (também anexo, como *Vocabulário Comparado*). Ao texto, trouxemos as conclusões daquela tarefa (ora mais, ora menos detalhadamente, conforme a necessidade da demonstração) para sustentar a argumentação que buscava interpretar as correspondências observadas como movimentos entre sistemas fonológicos distintos: aquele, a reconstruir, do Proto-Jê Meridional, e aqueles, contemporâneos, do Xoklég e dos dialetos Kaingáng.

¹⁶⁶ Na verdade, Trubetzkoy rende homenagem a Jakobson, creditando-lhe precedência na obra *Remarque sur l'évolution phonologique du russe* (1929).

¹⁶⁷ R. Jakobson [1931:247] 2008 – a sair.

O trabalho todo, porém, mostrou-se mais desafiador e complexo do que se imaginou. Como dissemos, acima, para a reconstrução de uma proto-língua, mesmo que apenas em seu aspecto fonológico, são muitíssimos os elementos intervenientes, quanto mais conhecimentos e dados se tenham das línguas ou dialetos sob análise. A isso, somam-se a nossa inexperiência, até então, na área, e a perspectiva adotada, de cunho interpretativo-explicativo, que busca compreender ou entrever, nas distintas fontes de dados, os sistemas fonológicos (o jogo de oposições e de traços distintivos) subjacentes aos inventários de fonemas, e articular os distintos sistemas entre si, de modo a construir hipóteses plausíveis sobre o desenvolvimento de cada um a partir de um proto-sistema comum. Enfim, atentos aos ensinamentos da Escola de Praga, buscamos relacionar e reconstruir sistemas, em lugar de fonemas isolados. O desafio, por isso, apresenta-se maior. E em parte – é interessante observar – uma das razões pelas quais o desafio é maior reside exatamente o fato de que, por almejar uma adequação explicativa, qualquer resultado alcançado permite ao leitor um maior exercício crítico, e a própria abordagem do texto torna a leitura mais crítica. Diferente é o caso dos estudos ‘atomistas’ (usando uma expressão dos pragueanos), como aqueles resenhados sobre o Proto-Kaingáng (cap. I), para os quais se tolera, facilmente, discrepâncias e incongruências.

Como já dito, em razão da multiplicidade de informações e fatores intervenientes, a levar-se em conta numa abordagem desse tipo, consideramos o melhor caminho proceder por *tentativas*, que correspondam a sistematizações cada vez mais abrangentes dos elementos relevantes ao esclarecimento do processo histórico pelo qual foram derivadas, de uma língua comum, as línguas Jê Meridionais. O presente texto trouxe, assim, o que denominamos de *Tentativa 1*, que será revisitada e, possivelmente, será alvo de revisões na seqüência do trabalho com essa temática, a que pretendemos dar seguimento.

Também ficará, para uma etapa posterior, o cotejamento do material disponível para as línguas vivas, com o material existente acerca do Ingain, língua morta registrada na Argentina no século XIX. Consideramos que, para esse próximo passo, é importante refinar a interpretação até aqui produzida para o Proto-Jê Meridional a partir das línguas atuais.

Deixaremos também, para as próximas etapas dessa pesquisa, o detalhamento e estudo aprofundado dos – chamemos provisoriamente – "sub-dialetos" do Kaingang, ou seja, os falares particulares de cada área indígena que se destacam do conjunto do macro-dialeto a que os estamos

afiliando aqui¹⁶⁸. Igualmente, apenas na seqüência e aprofundamento dessa pesquisa, com trabalho de campo especificamente direcionado a isso, poderemos lançar luz a muitas dúvidas surgidas a respeito da fidedignidade de vários registros e, igualmente, buscar informação sobre conseqüências de alianças, uniões ou co-habitação de remanescentes Xoklêng em comunidades hoje identificadas como Kaingáng (por exemplo: Inhacorá, Nonoai¹⁶⁹ e Cacique Doble). Mais que isso, as pesquisas de campo, que a continuidade desta pesquisa exige, permitirão reunir informações e dados de qualidade para estudos mais seguros, e deverão abranger, necessariamente, os aspectos morfológicos e sintáticos.¹⁷⁰

Por fim, dado o volume de tarefas que a pesquisa nos colocou, o presente trabalho não pode chegar a um tópico final apontado no título do projeto de pesquisa, que é: *revisitar o Proto-Jê*.¹⁷¹ Seria, de fato, arriscado e inútil fazê-lo sem uma sólida convicção a respeito da configuração e desenvolvimentos do Proto-Jê Meridional que, como vimos, demanda ainda aprofundamentos e reavaliações. Apesar disso, cremos que os resultados que obtivemos já podem ser compartilhados com outros pesquisadores e ser-lhes úteis em suas investigações a respeito.

¹⁶⁸ Lembrando que, para efeitos desse trabalho, reconhecemos 3 macro-dialetos no Kaingáng – a saber: São Paulo, Paraná e Sul (SC e RS) – e as razões disso, as apresentamos no tópico **II.1**.

¹⁶⁹ No presente trabalho, por exemplo, não consideramos, para análise, o estudo de José Baltazar Teixeira, intitulado *Contribuição para a Fonologia do Dialeto Kaingáng de Nonoai* (1988), pelo fato de que os informantes daquele pesquisador foram Luís S. Emílio e Setembrino P. Braga, ambos “monitores bilíngües” formados por Úrsula Wiesemann. A razão de não levar em conta aquele estudo é o fato de que o falar de nenhum dos dois informantes reflete o dialeto de Nonoai: Luis Emílio é natural de Guarita (RS) e Setembrino é natural de Ligeiro (RS). Ambos só viveram em Nonoai, por alguns anos, já na condição de professores (funcionários da FUNAI).

¹⁷⁰ Ainda que não seja condição para tal aprofundamento, destacamos que nossa proposta inclui a formação e o envolvimento de pesquisadores indígenas Kaingáng e Xoklêng, de suas próprias línguas. Registre-se que, sob nossa orientação, aliás, o primeiro indígena brasileiro a obter o grau de Mestre em Lingüística foi um falante do Xoklêng, Nanblá Gakran (em 2005).

¹⁷¹ O título do Projeto é: “*Pensar o Proto-Jê Meridional e revisar o Proto-Jê, numa abordagem pragueana*”. À pg. 13 do mencionado Projeto havíamos consignado: “O presente projeto de pesquisa pretende, pois, retomar a compreensão da Escola de Praga acerca da Fonologia Histórica e aplicá-la aos fatos das línguas Jê-Meridionais e, a seguir, do conjunto das línguas Jê, na perspectiva de se poder avançar, com base em uma abordagem teórica consistente, o conhecimento e o tratamento da diacronia dos sistemas fonológicos dessas línguas indígenas” (sem grifos no original).

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges (Org.). (2007a). **Apinaje kamã nũm mẽ mry apỹnhã wa harẽnh – Matemática e Ciências Apinayé**. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú.
- _____. (2007). **Ãmnepẽm Apinajejaja ujarẽnh nẽ pika kôt mẽmoj pumunhã kagà – História e Geografia Apinayé**. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú.
- AMBROSETTI, Juan Bautista. [1894] (2006). **Os índios Kaingáng de San Pedro (Misiones) com um vocabulário**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú
- BALDUS, Herbert. (1947). *Vocabulário Zoológico Kaingang*. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, vol. VI, p. 149-160.
- BARBOSA, A. Lemos. (1967). **Pequeno vocabulário Tupi-Português**. Rio de Janeiro: Livraria São José. 3ª. ed.
- BARBOSA, Luiz Bueno Horta. (1947). *A pacificação dos índios Caingangue paulistas. Hábitos, costumes e instituições desses índios*. In L.B.H. Barbosa, **O problema indígena do Brasil**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios, p. 34-72.
- BORBA, Telêmaco. (1908). **Actualidade Indígena**. Curitiba: Impressora Paranaense.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. (1959) **Alguns radicais Jê**. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- CADOGAN, Leon. (1992). *Diccionario Mbya-Guarani Castellano*. Asunción, Paraguay: CEADUC, CEPAG.
- CAVALCANTE, Marita Pôrto (1987). **Fonologia e Morfologia da Língua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná**. Campinas: UNICAMP. Tese de Doutorado.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. (1999). **Dicionário Histórico das palavras portuguesas de origem Tupi**. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Ed. UnB.
- D'ANGELIS, Wilmar R. (1984). **Toldo Chimbanguê: história e luta Kaingáng em Santa Catarina**. Xanxerê, SC: Cimi Regional Sul.
- _____. (1998). **Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria antropológica**. Campinas: IEL-Unicamp. Tese de Doutorado.
- _____. (1999-2000). **Kaingang – São Paulo. Vocabulário em pesquisa na área indígena Vanuیره (Município de Arco-Íris, SP)**. Campinas, UNICAMP. Inédito. Arquivos do autor.
- _____. (2002a). *Nasalidade e soanticidade em línguas Jê: o Kaingáng paulista e o Mebengokre*. In Ana Suelly A.C. Cabral; Aryon D. Rodrigues (orgs.). **Línguas indígenas brasileiras: Fonologia, Gramática e História. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, vol. I**. Belém: EDUFPA, pp. 86-95.
- _____. (2002b). *Gênero em Kaingáng?* In L. dos Santos e I. Pontes (orgs.). **Línguas Jê: estudos vários**. Londrina: Ed. da UEL, p.215-242.
- _____. (2005). **Primeiro século de registro da língua Kaingáng (1942-1950): valor e uso da documentação etnográfica**. In www.portalKaingang.org/Primeiros100anos.pdf. Originalmente divulgado sob o título: *Primeiro século de registros da língua Kaingáng e perspectivas para os próximos cem anos, com meio século entre um e outro*, como conferência no III Macro-Jê: Encontro de Pesquisadores de Línguas Jê e Macro-Jê. Brasília, UnB, 3 a 5 dezembro de 2003.
- _____. (2006). **Pensar o Proto-Jê Meridional e revisitar o Proto-Jê, numa abordagem pragueana**. Projeto de Pós-Doutorado. Campinas: IEL-UNICAMP. Processo CNPQ

- D'ANGELIS, Wilmar R. (2007a). *O Petit Vocabulaire Kaingáng do Cônego Gay*, manuscrito do IHGB. Comunicação ao **V Encontro sobre Línguas e Culturas dos Povos Macro-Jê**. São Paulo: USP, 3 a 5 maio 2007.
- _____. (2007b). *Sistema vocálico e escrita do Kaingáng*. In Aryon D. Rodrigues e Ana Suelly A. C. Cabral (Orgs.), **Línguas e Culturas Macro-Jê**. Brasília: Ed. da UnB, p. 85-96.
- D'ANGELIS, Wilmar R.; Veiga, Juracilda (2007). *Kaingáng e Xoklém, fronteiras imprecisas: um espaço para contribuição da Lingüística à Etnohistória*. Comunicação ao GT Jê do Sul – VII RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul. Porto Alegre, 23 a 26 julho 2007.
- DAVIS, Irvine. (1966). *Comparative Jê Phonology*. **Estudos Lingüísticos. Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada**. São Paulo, vol. I, (2):10-24.
- FRISCH, Johan Dalgas; FRISCH, Christian Dalgas (2005). **Aves brasileiras e plantas que as atraem**. (3ª. ed.) São Paulo: Dalgas Ecoltec – Ecologia Técnica Ltda.
- GAKRAN, Nanblá; CRIRI, João; PATTÉ, Milca V.; PRIPRÁ, Zilda; PATTÉ, Maria Cula. (1997) *Vocabulário*. In N. Gakran (Org.), **Ag vë tẽ káglẽl mũ. Nosso idioma reviveu**. São Leopoldo: COMIN-IECLB, p. 47-52.
- GAY, João Pedro, Cônego. (s/d). *Petit Vocabulaire de la langue de Bougres Couronnés*. Manuscrito original, autografado, sob guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro. Código DL 1116.6.
- GUÉRIOS, R. F. Mansur. (1945). *O Xocrén é idioma Caingangue*. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, 1945, vol. IV, p. 321-331.
- HALL, Joan; McLEOD, Ruth A.; MITCHELL, Valerie. (1987). **Pequeno Dicionário Xavante-Português Português-Xavante**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- HANKE, Wanda. (1947a). *Los índios Botocudos de Santa Catarina, Brasil*. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, 1947, v. VI, p. 45-59.
- _____. (1947b). *Apuntes sobre el idioma Caingangue de los Botocudos de Sta Catarina, Brasil*. . **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, 1947, v. VI, p. 61-97.
- _____. (1947c). *Vocabulário del Dialecto Caingangue de la Serra do Chagú, Paraná*. . **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, 1947, v. VI, p.99-106.
- _____. (1950). *Ensayo de una gramatica del idioma Caingangue de los Cainganges de la “Serra de Apucarana”, Paraná, Brasil*. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, 1950, vol. VIII, p. 65-146.
- HENRY, Jules. (1935). *A Kaingang text*. **International Journal of American Linguistics**, 1935, v. VIII, (3-4), p. 172-218.
- _____. (1948). *The Kaingáng language*. **International Journal of American Linguistics**, 1948, v. 14, (3):194-204.
- HÉGRÉVILLE, Frederico. (1857). *Relatório do Eng. Hégréville sobre a estrada de Palmas a Missões. O Dezenove de Dezembro*. Curitiba, 21/10, 24/10, 28/10, 31/10 e 04/11/1857.
- HOCK, Hans Henrich; JOSEPH, Brian D. (1996). **Language History, Language Change, and Language Relationship. An introduction to Historical and Comparative Linguistics**. New York: Mouton de Gruyter.
- JAKOBSON, Roman. [1931] (2008). **Princípios de Fonologia Histórica**. Trad. Wilmar R. D'Angelis. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú (no prelo).
- KINDELL, Gloria (1972). *Kaingáng Phonemics*. In U. Wiesemann, **Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache**. The Hague: Mouton, p. 200-211.

- LIMA, Francisco das Chagas. (1943). *Estado Actual da Conquista de Guarapuava no fim do ano de 1821*. In A. Martins Franco, **Diogo Pinto e a Conquista de Guarapuava**. Curitiba: Museu Paranaense, p. 233-268.
- MANIZER, Henrich H. [1930] (2006). **Os Kaingang de São Paulo**. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida (1999). **Método moderno de Tupi Antigo. A língua do Brasil dos primeiros séculos**. Petrópolis: Vozes. 2ª. ed.
- NIMUENDAJÚ, Curt & GUÉRIOS, R. F. Mansur. (1948). *Cartas Etno-Linguísticas*. **Revista do Museu Paulista**, N.S.. São Paulo, v. II, p. 207-241.
- OSTLENDER, Humberto. (1914). **Dicionário da língua dos índios Coroados**. Original datilografado, arquivado na Biblioteca do Instituto Anthropos do Brasil.
- QUADROS, Francisco R. Ewerton. (1892). *Memória sobre os trabalhos de observação e exploração effectuada pela segunda secção da comissão militar encarregada da linha telegraphica de Uberaba á Cuiabá, de fevereiro a junho de 1889*. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, v. 55, (1):233-260.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. (2002). *Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê*. In L. dos Santos e I. Pontes (orgs.). **Línguas Jê: estudos vários**. Londrina: Ed. da UEL, p. 1-14.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. [1851] (1976). **Viagem à Província de São Paulo**. Trad. Regina R. Junqueira. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia.
- SOUSA, Afonso Botelho de S. e. (1962). *Noticia da conquista e descobrimento dos sertões do Tibagi, na Capitania de São Paulo, no governo do Governador, e Capitão-General Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, conforme as ordens de Sua Majestade; comandantes destas importantes diligências Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, ajudante-d'ordens daquele governo, Tenente e ultimamente Coronel de Infantaria da praça de Santos, para cujo efeito passou a Vila de Curitiba, e pessoalmente assistiu a todas as entradas e mais diligências, que se fizeram para o dito fim*. **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, vol 76.
- TEIXEIRA, José Baltazar. (1988). **Contribuição para a fonologia do dialeto Kaingáng de Nonoai**. Campinas: IEL-UNICAMP. Dissertação de Mestrado.
- TESCHAUER, Carlos. (1905). *A catechese dos índios Coroados em S. Pedro do Rio Grande. Contribuição para a história da civilização da América*. **Anuário do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, ano XXI, p. 129-168.
- TRUBETZKOY, N. S. [1931] *A fonologia atual*. In M. Dascal (Org.), **Fundamentos metodológicos da Linguística – Vol. II – Fonologia e Sintaxe**. Campinas: DL-IEL-Unicamp, p. 15-35.
- _____. [1939] (2008). **Princípios de Fonologia**. Trad. Wilmar R. D'Angelis. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú (no prelo).
- VAL FLORIANA, Mansueto Barcatta de. (1920). *Diccionario Kainjgang-Portuguez, Portuguez-Kainjgang*. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, tomo XII, p. 1-392.
- WIESEMANN, Ursula. (s/d). **Notas sobre Proto-Kaingáng: um estudo de quatro dialetos**. Trad. Miriam Lemle. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics. 21 pp. (mimeo).
- _____. (1971). **Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng**. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics.
- _____. (1972). **Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache**. The Hague: Mouton.
- _____. (1978). **Os dialetos da língua Kaingáng e o Xoklém**. **Arquivos de Anatomia e Antropologia**. Rio de Janeiro: Instituto de Antropologia Professor Souza Marques, v. 3, p. 197-217.
- _____. (2002). **Dicionário Bilíngüe Kaingáng-Português**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança.

Processo CNPq: 155285/2006-8 - Bolsa Pós-Doutorado Sênior

RELATÓRIO ACADÊMICO

ANEXOS

**Pensar o Proto-Jê Meridional e revisitar o Proto-Jê,
numa abordagem pragueana**

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

Depto de Lingüística
Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – UNICAMP

2007-2008

SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS PARA COMPARAÇÃO ENTRE XOKLÉNG E KAINGÁNG

Nota: os Anexos que se seguem, com listas de palavras, foram construídos adotando-se a forma ortográfica, mas a numeração dos dados remete ao Vocabulário Comparado, onde se registram as formas fonológica e fonética.

Nas listas é a seguinte a correspondência entre as formas ortográficas das vogais e sua representação fonológica:

i = /i/ , e = /e/ , é = /ɛ/ , y = /i/ , á = /a/ , a = /a/ , u = /u/ , o = /o/ , ó = /ɔ/

ANEXO 1

Correspondências Vocálicas Xokleng : Kgg Sul

XOKL	KGG	Exemplos		
i			24	100%
i	: i	Ex.: 66, 73, 92, 106, 117, 128, 161, 194, 247, 315, 414, 421, 456, 477, 483, 491, 514, 520, 122 c/ 322, 141 c/ 206, 390 c/ 230, 487 c/ 488 Xokl : SP = 66, 414, 421, 390 c/ 230 = 4 dados	22	91,7%
i	: i	Ex.: 399	1	4,1%
i	: ε	Ex.: 477	1	4,1%
e			34	100%
e	: e	Ex.: 18, 19, 88, 109, 136, 138, 146, 147, 175, 176, 185, 187, 197, 237, 277, 287, 316, 317, 330, 333, 370, 426, 436, 455, 463, 482, 513, 516, 58 c/ 82, 102 c/ 50, 198 c/ 425 Xokl : SP = 88, 136, 146, 176, 187, 237, 287, 330, 426, 513, 516, 102 c/ 50 = 12 dados	31	91%
e	: i	Ex.: 11, 234	2	6%
e	: i	Ex.: 374	1	3%
ε			46	100%
ε	: ε	Ex.: 2, 5, 9, 18, 36, 60, 75, 84, 100, 126, 131, 133, 159, 176, 187, 224, 240, 241, 251, 264, 268, 282, 284, 293, 296, 297, 301, 307, 313, 328, 379, 388, 389, 399, 400, 405, 416, 450, 476, 492, 493, 500, 516, 4 c/ 279, 105 c/ 285 Xokl : SP = 5, 84, 131, 176, 187, 201, 240, 241, 297, 301, 313, 388, 400, 405, 500 = 15 dados	45	98%
ε	: a	Ex.: 305 (mas, Cac. Doble, RS, ε:ε)	1	2%
i			35	100%
i	: i	Ex.: 2, 27, 28, 31, 59, 61, 78, 85, 111, 139, 140, 142, 178, 184, 255, 276, 297, 346, 347, 395, 417, 434, 444, 446, 464, 472, 475, 480, 481, 501, 504, 509, 198 c/ 425 Xokl : SP = 27, 31, 78, 139, 255, 259, 276, 297, 346, 347, 434, 472, 475, 481, 504, 198 c/ 425 = 16 dados	33	94,3%
i	: i	Ex.: 347	1	2,8%
i	: u	Ex.: 214 c/ 214	1	2,8%

ə				38	100%
ə	:	ə	Ex.: 48, 60, 67, 77, 152, 173, 177, 201, 254, 259, 265, 336, 383, 386, 402, 415, 498, 508, 303 c/ 497 [93 repete 67, 294 repete 201, 338 repete 259] Xokl : SP = 48, 201, 259, 298, 336, 383, 415, 508, 303 c/ 497, 437 = 9 dados	19	50%
ə	:	ɪ	Ex.: 8, 20, 73, 113, 144, 174, 200, 223, 298, 304, 328, 362, 437, 511 Xokl : SP =298 Xokl : SP = ə:v / ʌ = 383	14	36,8%
ə	:	ʃ	Ex.: 11, 331	2	5,3%
ə	:	a	Ex.: 427, 460	2	5,3%
ə	:	u	Ex.: 174 Xokl : SP =298	1	2,6%
a			Para as correspondências Xoklég : Kgg PR, ver Anexo 4 -II	112	100%
a	:	ʃ	Ex.: 3, 15, 19, 29, 40, 43, 49, 51, 52, 71, 84, 86, 96, 98, 103, 104, 106, 114, 124, 133, 135, 142, 145, 166, 167, 169, 174, 176, 177, 180, 182, 184, 196, 203, 211, 232, 234, 256, 267, 271, 275, 298, 314, 320, 325, 335, 348, 350, 356, 360, 361, 362, 371, 378, 380, 398, 403, 417, 420, 448, 474, 476, 478, 479, 480, 481, 489, 490, 496, 503, 510, 519, 105 c/ 285, 381 c/ 382	74	66%
a	:	ɛ	Ex.: 19, 51, 75, 104, 118, 135, 166, 174, 182, 225, 271, 275, 298, 307, 314, 320, 350, 360, 380, 403, 490, 503, 513, 4 c/ 279 Xokl : SP = 103, 104, 135, 167, 298, 320, 360, 403 = 8 dados	24	21,4%
a	:	a	Ex.: 29, 76, 222, 223, 324, 337, 411 Xokl : SP = 84, 103, 489 = 3 dados	7	6,3%
a	:	ɔ	Ex.: 17, 132, 390 c/ 230	3	2,7%
a	:	ɪ	Ex.: 104 Xokl : SP = 298	1	0,9%
a	:	ã	Ex.: 63	1	0,9%
a	:	ε	Ex.: 309 Xokl : SP = 84	1	0,9%
a	:	o	Ex.: 56 Xokl : SP = 56	1	0,9%
Xokl : SP = a : ă = Ex.: 84, 180, 256, 481, 519 = 5 dados Xokl : SP= a : ă = Ex.: 420 Xokl : SP= a:e = Ex.: 314 Xokl : SP= a:u = Ex.: 124 Xokl : SP = a : i = Ex.: 490, 503 = 2 dados					
u				79	100%
u	:	u	Ex.: 7, 30, 42, 43, 49, 52, 54, 66, 71, 78, 98, 107, 114, 143, 145, 157, 158, 172, 180, 190, 203, 208, 238, 244, 252, 255, 257, 287, 295, 316, 323, 346, 355, 365, 395, 396, 407, 444, 450, 451, 482, 483, 512, 517, 518 Xokl : SP = 54, 66, 180, 244, 252, 255, 346, 355, 365, 451, 517 = 11 dados	45	57%
u	:	ɔ	Ex.: 23, 34, 69, 99, 144, 205, 219, 225, 228, 251, 253, 276, 281, 284, 296, 321, 343, 363, 398, 405, 433, 448, 461, 462, 478, 489, 499, 514 Xokl : SP = 23, 205, 225, 276, 343, 363, 405, 489, 514 = 9 dados	27	34%
u	:	ɪ	Ex.: 89, 153, 154, 377	4	5%
u	:	o	Ex.: 65, 97 Xokl : SP = 284, 517 = 2 dados	2	2,5%
u	:	ε	Ex.: 458	1	1,3%
o				21	100%
o	:	o	Ex.: 5, 10, 23, 24, 32, 34, 65, 76, 101, 130, 166, 193, 235, 258, 302, 304, 339, 391, 458, 381 c/ 382 Xokl : SP = 5, 10, 23, 76, 130, 235, 339 = 7 dados	20	95,2%
o	:	u	Ex.: 323	1	4,8%

ɔ				58	100%
ɔ	:	a	Ex.: 16, 36, 38, 81, 103, 110, 115, 117, 156, 182, 189, 211, 212, 213, 236, 237, 241, 244, 245, 254, 263, 265, 267, 280, 293, 295, 300, 305, 310, 329, 332, 351, 352, 355, 356, 360, 361, 371, 373, 387, 393, 413, 427, 431, 439, 442, 454, 473, 494, 495, 496, 506, 514 Xokl : SP = 16, 38, 103, 110, 115, 212, 236, 241, 244, 245, 246, 280, 300, 310, 352, 355, 360, 442, 494, 495, 524 = 21 dados Xokl : SP = ɔ:ã = 431 Xokl : SP = ɔ:b = 300	53	91,4%
ɔ	:	ɔ	Ex.: 308, 499, 485 c/ 55	3	5,1%
ɔ	:	ẽ	Ex.: 246 < (PR: ɔ:a)	1	1,7%
ɔ	:	õ	Ex.: 3 < (PR: ɔ:ã)	1	1,7%
ẽ				40	100%
ẽ	:	ĩ	Ex.: 30, 72, 79, 90, 94, 110, 124, 134, 151, 153, 160, 208, 217, 224, 239, 246, 270, 280, 309, 327, 337, 344, 353, 354, 394, 398, 439, 466, 511, 519, 168 c/ 410 Xokl : SP = 79, 90, 94, 110, 160, 239, 246, 280, 327, 337, 344, 354, 394 = 13 dados	31	77,5%
ẽ	:	ẽ	Ex.: 44, 257, 380	3	7,5%
ẽ	:	i	Ex.: 37, 192, 319 [repete em 419] Xokl : SP= 124, 319 = 2 dados // ẽ:ã = 519	3	7,5%
ẽ	:	õ	Ex.: 380, 423	2	5%
ẽ	:	ĩ	Ex.: 89	1	2,5%
ã				3	
ã	:	ã	Ex.: 25, 158, 390 c/ 233 Xokl : SP = nenhum	3	100%
ũ				18	100%
ũ	:	ũ	Ex.: 91, 95, 118, 120, 127, 188, 209, 238, 269, 291, 365, 429, 437, 441, 463, 470, 505, 517 Xokl : SP = ũ : ũ = 127, 365, 517 = 3 dados (confrontar linha abaixo) Xokl : SP = ũ : õ = 118, 127, 365, 517 = 3 dados (confrontar linha acima) Xokl : SP = ũ : ã = Ex.: 120, 188, 209, 291, 437, 505 = 6 dados	18	100%
ã			Para as correspondências Xoklêng : Kgg PR, ver Anexo 5 -II	65	100%
ã	:	ẽ	Ex.: 8, 11, 21, 46, 61, 78, 79, 119, 129, 134, 159, 172, 173, 186, 195, 197, 200, 207, 229, 231, 245, 263, 264, 271, 290, 291, 294, 300, 306, 311, 324, 344, 351, 352, 354, 357, 375, 385, 389, 411, 442, 468, 477, 494, 50 c/ 102 Xokl : SP = 21, 61, 79, 119, 231, 245, 291, 300, 344, 352, 354, 375, 50 c/ 102 = 13 dados Xokl : SP = ã:ã = 494	45	69%
ã	:	õ	Ex.: 25, 98, 156, 228, 245, 263, 286, 291, 352, 391, 411, 436, 442, 454, 477, 494, 504, 50 c/ 102 < [grifados são os que também aparecem na lista acima]	18	27,7%
ã	:	e	Ex.: 331	1	1,5%
ã	:	u	Ex.: 9	1	1,5%
õ				20	100%
õ	:	õ	Ex.: 1, 22, 33, 45, 112, 113, 123, 143, 164, 165, 210, 229, 266, 286, 317, 374, 412, 432, 471 Xokl : SP = 45, 112, 123, 432 = 4 dados	19	95%
õ	:	a	Ex.: 191 (SP idem) Xokl : SP = õ : ẽ = 33	1	5%

RESUMO DAS CORRESPONDÊNCIAS ENCONTRADAS DO XOKLÉNG EM RELAÇÃO AO KAINGÁNG (Sul)

I.1. VOGAIS ORAIS NO XOKLÉNG

i	→	ĩ	(91,7%)
e	→	e	(91%)
ɛ	→	ɛ	(98%)
ĩ	→	ĩ	(94%)
ə	→	ə	(50%)
	→	ĩ	(36,8%)
	→	õ	(5,3%)
	→	a	(5,3%)
a	→	õ	(66%)
	→	ẽ	(21,4%)
	→	a	(6,3%)
	→	ɔ	(2,7%)
u	→	u	(57%)
	→	ɔ	(34%)
	→	ĩ	(5%)
	→	o	(2,5%)
o	→	o	(95,2%)
ɔ	→	a	(91,4%)
	→	ɔ	(5,1%)

I.2. VOGAIS NASAIS NO XOKLÉNG

ĩ	→	∅	¹
ẽ	→	ĩ	(80,5%)
	→	ẽ	(7,3%)
	→	ĩ	(4,8%)
	→	õ	(4,8%)
õ	→	õ	(100%) ²
ũ	→	ũ	(94,7%)
ã	→	ẽ	(70%)
	→	õ	(27%)
õ	→	ĩ	(95%)

¹ Apesar de ‘informarem’ que existe um fonema / ĩ / em Xoklêng, esse fonema não comparece em nenhuma palavra do vocabulário. Em todo o livro de texto, encontrei um exemplo (nĩ) na lição do “Gug”. O mesmo ocorre na dissertação de Bublitz (1994) sobre a fonologia do Xoklêng.

² Apenas dois dados.

ANEXO 2

SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS PARA COMPARAÇÃO ENTRE XOKLÉNG E KAINGÁNG

Correspondências Consonantais

2.a. Ataque (onset) da sílaba

XOKL	KGG	Exemplos		
p			40	100%
p	: p	Ex.: 5, 22, 36, 66, 67, 71, 93, 95, 104, 106, 123, 124, 145, 172, 182, 196, 208, 209, 239, 263, 267, 277, 287, 297, 305, 315, 329, 374, 375, 414, 429, 450, 453, 456, 458, 480, 481, 509, 4 c/ 279, 105 c/ 285 Xokl : SP = 5, 66, 104, 123, 124, 209, 239, 287, 297, 375, 414, 481 > 12 dados	40	100%
t			47	100%
t	: t	Ex.: 35, 37, 48, 65, 71, 78, 85, 92, 115, 117, 118, 127, 131, 132, 135, 152, 166, 176, 189, 190, 193, 213, 229, 256, 266, 270, 286, 314, 316, 325, 330, 331, 336, 337, 346, 348, 421, 442, 461, 472, 473, 477, 481, 510, 518, 519, 105 c/ 285 Xokl : SP = 37, 48, 78, 115, 127, 131, 132, 135, 176, 256, 314, 330, 336, 337, 346, 421, 442, 472, 481, 519 > 20 dados	47	100%
č			25	100%
č	: š	Ex.: 2, 25, 30, 76, 96, 111, 144, 203, 244, 298, 387, 394, 398, 415, 426, 433, 439, 448, 489, 514, 517, 485 c/ 55, 149 c/ 150, 390 c/ 230 Xokl : SP = č : č = 76, 244, 298, 394, 415, 426, 486, 517, 390 c/ 230 > 9 dados	24	96%
č	: ɲ	Ex.: 28,	1	4%
k			134	100%
k	: k	Ex.: 3, 9, 11, 17, 19, 20, 30, 36, 38, 43, 49, 56, 61, 66, 72, 73, 75, 76, 78, 84, 89, 91, 98, 101, 103, 110, 113, 114, 117, 124, 130, 133, 138, 139, 140, 142, 143, 146, 154, 162, 169, 173, 174, 176, 177, 180, 184, 185, 192, 194, 195, 197, 200, 203, 208, 211, 212, 219, 231, 237, 241, 244, 245, 251, 254, 255, 265, 267, 271, 280, 287, 293, 295, 297, 298, 300, 304, 310, 311, 316, 323, 324, 327, 331, 332, 346, 351, 352, 355, 356, 360, 361, 362, 365, 371, 373, 380, 389, 395, 398, 400, 403, 405, 411, 437, 439, 442, 444, 451, 455, 470, 476, 478, 479, 482, 494, 496, 499, 500, 501, 506, 511, 513, 514, 517, 519, 50 c/ 102, 198 c/ 425, 381 c/ 382, 390 c/ 230 Xokl : SP = 38, 56, 61, 66, 72, 76, 78, 84, 89, 98, 103, 124, 130, 139, 146, 176, 180, 212, 231, 241, 244, 245, 255, 280, 287, 297, 298, 300, 310, 327, 346, 352, 355, 360, 365, 400, 403, 405, 437, 442, 451, 494, 500, 513, 514, 517, 519, 50 c/ 102, 198 c/ 425, 381 c/ 382, 390 c/ 230 > 51 dados	132	98,5%
k	: g	Ex.: 34,	1	0,75%
k	: kr	Ex.: 328,	1	0,75%
kw			1	100%
kw	: kr	Ex.: 44	1	100%
ʔ			4	100%
ʔ	: ʔ	Ex.: 43, 106, 276 (em SP, só este), 475	4	100%

h				10	100%
h	:	h	Ex.: 5, 42, 114, 222, 223, 232, 460, 491, 198 c/ 425 - Em SP, apenas 5 e 222	9	90%
h	:	?	Ex.: 34	1	10%
m				32	100%
m	:	m	Ex.: 1, 21, 79, 119, 120, 133, 205, 229, 259, 269, 275, 282, 301, 303, 313, 317, 338, 339, 353, 357, 378, 380, 412, 427, 434, 482, 494, 513, 122 c/ 322, 168 c/ 410, 58 c/ 82 (- PR). Xokl : SP = 21, 79, 119, 120, 205, 259, 303, 313, 317, 434, 494, 513 > 12 dados	31	96,9%
m	:	p	Ex.: 477	1	3,1%
n				42	100%
n	:	n	Ex.: 2, 32, 54, 60, 63, 90, 100, 110, 126, 145, 147, 153, 160, 163, 164, 165, 188, 200, 224, 235, 236, 245, 246, 247, 290, 293, 306, 309, 321, 327, 344, 351, 352, 354, 396, 407, 446, 462, 463, 466, 472, 511 Xokl : SP = 2, 54, 90, 147, 160, 165, 188, 235, 236, 245, 246, 309, 327, 344, 352, 354, 472 > 17 dados	42	100%
ɲ				8	100%
ɲ	:	ɲ	Ex.: 27, 28, 251 (no PR, ɲ:n), 141 c/ 206	4	50%
ɲ	:	j	Ex.: 101, 182, 257, 321	4	50%
d₃			[interpretação alternativa do quadro acima (ɲ) – ver texto II.3.3]	9	100%
d ₃	:	ɲ	Ex.: 27, 28, 251 (no PR, ɲ:n), 141 c/ 206	4	44,4%
d ₃	:	j	Ex.: 101, 182, 257, 321	4	44,4%
d ₃	:	n	Ex.: 447	1	11,1%
d ₃			Termos equivalentes são itens lexicais diferentes: 57, 89, 216,220		
ŋ				33	100%
ŋ	:	ŋ	Ex.: 7, 10, 17, 18, 40, 69, 109, 151, 159, 177, 186, 187, 197, 212, 225, 252, 253, 264, 265, 271, 308, 309, 320, 354, 379, 388, 398, 495, 505, 520, 214 c/ 214, 390 c/ 233 Xokl : SP = 10, 18, 69, 187, 212, 225, 252, 265, 309, 320, 354, 388, 495, 505 > 14 dd	32	97%
ŋ	:	k	Ex.: 276	1	3%
ð				46	100%
ð	:	f	Ex.: 15, 16, 59, 81, 99, 112, 113, 128, 129, 136, 174, 178, 224, 234, 237, 240, 241, 257, 281, 288, 296, 305, 328, 343, 356, 383, 385, 391, 395, 402, 464, 490, 492, 504, 512, 514 Xokl : SP = ð : Φ = 16, 112, 136, 237, 241, 288, 385 = 7 dados	36	78%
ð	:	j	Ex.: 9, 158, 211 (~j:j), 238, 306, 386, 411, 479	8	17,4%
ð	:	w	Ex.: 11	1	2,2%
ð	:	ʃ	Ex.: 157	1	2,2%
l				32	100%
l	:	r	Ex.: 18, 33, 36, 46, 88, 98, 143, 153, 156, 158, 175, 176, 180, 184, 187, 201, 207, 210, 225, 238, 284, 294, 413, 436, 437, 441, 444, 448, 454, 474, 478, 503 Xokl : SP = l : r = 33, 180, 437 > 3 dados // Xokl : SP = l : l = 432	32	100%
l	>	>	2ª. posição de onset	67	100%

l	:	r	Ex.: 7, 17, 18, 20, 22, 30, 40, 56, 66, 67, 72, 75, 89, 93, 95, 104, 119, 120, 124, 138, 146, 159, 172, 177, 186, 187, 192, 195, 197, 208, 209, 231, 251, 339, 354, 360, 365, 225, 252, 255, 271, 280, 282, 310, 327, 329, 388, 389, 398, 400, 403, 405, 427, 429, 431, 432, 455, 456, 470, 480, 481, 500, 505, 102 c/ 50, 214 c/ 214, 381 c/ 382 Xokl : SP = 56, 66, 72, 89, 102, 104, 119, 120, 124, 146, 187, 209, 225, 231, 252, 255, 280, 310, 327, 339, 354, 358, 360, 365, 388, 400, 403, 405 > 28 dados	66	98,5%
l	:	Ø	Ex.: 144	1	1,5%
j				47	100%
j	:	j	Ex.: 3, 8, 23, 24, 45, 46, 49, 52, 60, 61, 86, 107, 156, 163, 167, 211 (~z), 246, 253, 258, 280, 290, 300, 304, 307, 323, 324, 344, 347, 350, 361, 362, 363, 386, 407, 417, 436, 450, 454, 463, 473, 475, 480, 498, 499, 508, 510 Xokl : SP = 23, 45, 61, 167, 280, 300, 344, 347, 363 > 9 dados	46	98%
j	:	f	Ex.: 393 (= z : f ?)	1	2%
w				45	100%
w	:	w	Ex.: 8, 11, 25, 29, 31, 51, 52, 77, 97, 98, 134, 142, 159, 161, 162, 166, 173, 217, 228, 232, 234, 263, 264, 286, 294, 295, 302, 307, 333, 337, 350, 370, 377, 384, 391, 416, 417, 442, 447, 468, 476, 477, 504, 516 Xokl : SP = 31, 124, 350, 447, 516 > 5 dados	44	97,8%
w	:	m	Ex.: 483	1	2,2%

2. Consonantais

2.b. Final (coda) da sílaba

XOKL	KGK	Exemplos		
m			9	100%
m	:	m Ex.: 91, 139, 160, 195, 361, 362, 374, 441, 478	9	100%
n			63	100%
n	:	n Ex.: 2, 8, 9, 28, 36, 44, 56, 61, 79, 86, 94, 114, 123, 126, 133, 143, 153, 159, 161, 174, 178, 197, 201, 222, 223, 228, 252, 257, 268, 281, 286, 291, 297, 311, 313, 315, 333, 375, 377, 378, 389, 403, 407, 411, 416, 430, 439, 455, 460, 472, 475, 490, 492, 498, 501, 509, 511, 141 c/ 206, 214 c/ 214, 390 c/ 230 Xokl : SP = 222, 252, 313, 375, 403, 430, 472, 515, 390 c/ 230 > 9 dados	60	95%
n	:	Ø Ex.: 60, 65	2	3,3%
n	:	ɲ Ex.: 491	1	1,6%
ɲ			51	100%
ɲ	:	ɲ Ex.: 11, 17, 33, 35 (- PR), 42, 48, 60, 67, 84, 93, 103, 124, 134, 135, 152, 159, 166, 211, 224, 241, 258, 264, 265, 267, 271, 277, 294, 314, 319, 335, 350, 371, 396, 398, 427, 428, 442, 444, 476, 477, 499, 503, 508, 4 c/ 279, 149 c/ 150, 390 c/ 233, 507 c/ 226 Xokl : SP = 11, 17, 33, 35, 42, 84, 103, 124, 135 > 9 dados	47	92%
ɲ	:	j Ex.: 241, 296, 470	3	6%
ɲ	:	ŋ Ex.: 89 - Obs.: em 89 há duas situações; em uma delas "dj" (ɲ) : "g.n" (ŋ.n)	1	2%
ŋ			75	100%

η	:	η	Ex.: 1, 15, 20, 21, 22, 30, 49, 51, 54, 69, 95, 113, 118, 129, 144, 153, 154, 157, 174, 182, 191, 196, 200, 203, 208, 210, 213, 247, 253, 256, 259, 265, 270, 290, 296, 301, 307, 317, 328, 331, 338, 343, 348, 351, 353, 354, 362, 363, 380, 384, 386, 399, 402, 419, 442, 448, 461, 463, 473, 476, 489, 494, 516, 517, 519, 520, 4 c/ 279 Xokl : SP = 54, 256, 259, 301, 317, 343, 363, 517 > 8 dados	67	89,3%
η	:	Ø	Ex.: 43, 212 (/ _ g), 324 (/ _ j), 329 (/ _ #),	4	5,3%
η	:	ɲ	Ex.: 11, 75	2	2,7%
η	:	n	Ex.: 29,, 145	2	2,7%
l				43	100%
l	:	r	Ex.: 23, 27, 34, 44, 59, 63, 76, 77, 92, 109, 117, 120, 151, 158, 172, 188, 189, 207, 219, 228, 255, 267, 293, 295, 300, 311, 320, 330, 383, 385, 386, 391, 414, 429, 433, 451, 472, 473, 506, 509, 58 c/ 82, 105 c/ 285	42	98%
l	:	n	Ex.: 294	1	2%
j				15	100%
j	:	j	Ex.: 10, 31, 33, 100, 131, 140, 147, 190, 237, 240, 325, 328, 400, 50 c/ 102 Xokl : SP = 10, 31, 131, 237, 240, 400, 50 c/ 102 > 7 dados	14	93,3%
j	:	ɲ	Ex.: 483	1	6,7%
w				3	100%
w	:	w	Ex.: 399 (PR), 478	2	66,6%
w	:	Ø	Ex.: 5	1	33,4%

ANEXO 3

VERIFICAÇÃO DE CONTEXTOS
PARA INTERPRETAÇÃO DAS CORRESPONDÊNCIAS ³

ə : ə , ə : i , ə : ə , ə : ã (Xkl : Kgg)

ə			44	100%
ə	:	ə Ex.: 48, 60, 67, 77, 152, 173, 177, 201, 254, 259, 265, 336, 383, 386, 402, 415, 498, 508, 303 c/ 497 [93 repete 67, 294 repete 201, 338 repete 259] Xokl : SP = 48, 201, 259, 298, 336, 383, 415, 508, 303 c/ 497, 437 = 9 dados	22	50%
ə	:	i Ex.: 8, 20, 73, 113, 144, 174, 200, 223, 298, 304, 328, 362, 437, 511 Xokl : SP =298 Xokl : SP = ə:ɐ / ʌ = 383	15	34%
ə	:	ã Ex.: 11, 331	4	9%
ə	:	a Ex.: 427, 460	2	4,5%
ə	:	u Ex.: 174 Xokl : SP =298	1	2,3%

ə : ə

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG
48.	Azul, verde		tánh	tánh
60.	Bexiga	►	jánhdén	jánhné ⁴
67.	Brasa		plánh	pránh, prág
77.	Cair		vál	vár
93.	Carvão		pláɲ	práɲ
152.	Cru, não maduro		tánh	tánh
173.	Descansar		vãnhkán	věnh-kán
177.	Desenho		kagglál	kǎgrá
201.	Escrita		lál, lán	rán
254.	Gavião macaco [de penacho]		kóká	kaká
259.	Grande, largo		mág	mág, mag
265.	Homem		kónhgág	kanhgág ('índio')
294.	Livro, coisa escrita		wǎɲləl	wěɲ-rən
336.	Mulher		tá	tatá, týtá

³ Correspondência entre as formas ortográficas das vogais (usadas nas listagens) e sua representação fonológica:
i = /i/, e = /e/, é = /ɛ/, y = /i/, á = /ə/, a = /a/, u = /u/, o = /o/, ó = /ɔ/

⁴ Como “jánh” é *urinar*, é possível que isso seja visto como composto, com duplo acento.

338.	Muito (Xkl. tb. <i>multidão</i>)		kaməŋ = [ka'mbəŋ]	máŋ = [mbəŋ]
383.	Pele, casca		záł	fár
386.	Pendurado		zǎgjal	jǒgjár
402.	Pinheiro		zág	fág
415.	Preto		txá	xá
498.	Tipóia		ján	ján
508.	Urina		jánh	jánh
497.	Tia paterna (tb. sogra)		má (<i>madrinha, tia</i> – n. 303)	má

ə : i

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG
08.	Aconselhar		jávǎn	jyvǎn
20.	Animal de muita carne	►	kláŋ	krəŋ / kriŋ (porco do mato) ⁵
35.	Arrebentar (pl.)		tǎŋtəŋ = [təkʰtəjɸ]	nǎŋnám ; tigtiŋ (quebrar o ovo)
73.	Cabelo, pena miúda		káki	kyki
113.	Chorar (pl.)		kágzǒ	kygfǿ
144.	Cotia		klátxug	kxóg
200.	Errar		kágnǎ	kygnǎ
223.	Fazer (pl.)		hán-han	hyn-han
298.	Lua		kátxa	kxǎ ~ kxǎ
304.	Magro		kájo	kyjo
328.	Morcego		kágzǎj	krygfǎj, rǎgfǎ
362.	Pagar, comprar (pl.)		kágjam	kygjǎm
437.	Rapaz		kálũ	kyrũ
493.	Tecer fio (pl.)		kǎŋzɛn	kǎŋfɛn , vǎfɛn
511.	Vagalume		kánǎn	kynǎn

ə : u (i)

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG SC, RS / PR
174.	Descascar		kágzan	kygfǎn ~ kugfǎn / kugfǎn

ə : a

⁵ No Paraná, as fontes dão apenas a primeira forma. No Sul, há dialetos com variação entre “krig” e “kræg”.

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG
427.	Quebrar		mláj	mranh
460.	Sarar		hán	han

ə : ã / õ

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG PR / SC, RS
11.	Alegria, ficar contente		vãnhkágze , vãnhkágzég	wěɲ kǎɲwi / wěɲ kǎɲwi
14.	Amadurecer		čán = [tʃɔdn]	rǎn (ambos)
137.	Correr		lálá	rǎmrǎm ke / ? ⁶
331.	Morrer (pl.)		káɲtǎ	kǎɲter / kǎɲter

⁶ Nos dialetos do Sul não conhecemos termo equivalente; para *correr*, o termo mais usual é **wěɲwɔ**.

ANEXO 4 (I)

VERIFICAÇÃO DE CONTEXTOS PARA INTERPRETAÇÃO DAS CORRESPONDÊNCIAS ⁷

a : ã , a : ã , a : a , a : o (Xkl : Kgg Sul)

Quadro “Distribuição dos Dados”

a			112	100%
a	:	ã Ex.: 3, 15, 19, 29, 40, 43, 49, 51, 52, 71, 84, 86, 96, 98, 103, 104, 106, 114, 124, 133, 135, 142, 145, 166, 167, 169, 174, 176, 177, 180, 182, 184, 196, 203, 211, 232, 234, 256, 267, 271, 275, 298, 314, 320, 325, 335, 348, 350, 356, 360, 361, 362, 371, 378, 380, 398, 403, 417, 420, 448, 474, 476, 478, 479, 480, 481, 489, 490, 496, 503, 510, 519, 105 c/ 285, 381 c/ 382	74	66%
a	:	ẽ Ex.: 19, 51, 75, 104, 118, 135, 166, 174, 182, 225, 271, 275, 298, 307, 314, 320, 350, 360, 380, 403, 490, 503, 513, 4 c/ 279 Xokl : SP = 103, 104, 135, 167, 298, 320, 360, 403 = 8 dados	24	21,4%
a	:	a Ex.: 29, 76, 222, 223, 324, 337, 411 Xokl : SP = 84, 103, 489 = 3 dados	7	6,3%
a	:	o Ex.: 17, 132, 390 c/ 230	3	2,7%
a	:	i Ex.: 104 Xokl : SP = 298	1	0,9%
a	:	ã Ex.: 63	1	0,9%
a	:	e Ex.: 309 Xokl : SP = 84	1	0,9%
a	:	o Ex.: 56 Xokl : SP = 56	1	0,9%
Xokl : SP = a : ã = Ex.: 84, 180, 256, 481, 519 = 5 dados				
Xokl : SP = a : ã = Ex.: 420 Xokl : SP = a : e = Ex.: 314 Xokl : SP = a : u = Ex.: 124				
Xokl : SP = a : i = Ex.: 490, 503 = 2 dados				

a : ã ⁸

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG SC, RS
03.	Abelha suor (k. abelha do pau)	kajó	kãgjã
15.	Amargar	zag	fãg
19.	Amigo íntimo	kake, kaké	kêke / kãke (irmão mais velho)

⁷ Correspondência entre as formas ortográficas das vogais (usadas nas listagens) e sua representação fonológica:

i = /i/, e = /e/, é = /ɛ/, y = /i/, á = /ə/, a = /a/, u = /u/, o = /o/, ó = /ɔ/

⁸ Como ficou explicado no texto, essas primeiras tabelas foram construídas comparando-se Xokleng com dialetos Kaingang de SC e RS.

29.	Apanhar, carregar	va, vag	va, vǝn
40.	Assada	gla	grǝ
43.	Assustar	ka'ug	kǝ'u
49.	Baitaca	kujag	kujǝg
51.	Bambu	vagva	vǝgvǝ / vǝgvǝ
52.	Barba	juva	juvǝ
71.	Butuca	patu	pǝtu , pǝtu
84.	Canoa	kakénh	kǝkénh
86.	Cantar	jan	jǝn
96.	Cascavel	txatxa	xǝxǝ
98.	Cavalo	kavǎlu ⁹	kǝvǝru
103.	Céu	kónhka	kanhkǝ
104.	Chão (ao)	apla	ǝpry / ǝpry (estrada)
106.	Chefe, autoridade	pa'i	pǝ'i ¹⁰
114.	Chupar	kahun	kǝhun
124.	Cobrir, tampar	vǎnhpaktlǝnh	pǝkrǝnh
133.	Contar história, anunciar	kabén	kǝmén
135.	Coqueiro	tanh	tǝnh ~ tǝnh
142.	Costela	kavy	kǝvy
145.	Cotovelo (dentro)	pagdu	kapǝnun
166.	Deixar	tovanh	tovdǝnh ~ tovdǝnh
167.	Dente	ja	jǝ
169.	Dentro	ka	kǝ
174.	Descascar	kágzan	kugfǝn ~ kygfǝn
176.	Descer, vir descendo	kale, katéle	kǝre / kǝtére
177.	Desenho	kagglál	kǝgrá
180.	Dia	kulag	kurǝ
182.	Direita	pagdjó	pǝgja / pǝgja
184.	Dividir no meio, repartir	vǎnhkaly , vǎnhkalyg	kǝry
196.	Embrulhar	pag	pǝg
203.	Esfriar	kutxag	kuxǝg
211.	Esquerda	jókanh (zókanh)	jakǝnh

⁹ No 106.vocabulário aparece como “kavalu”, sem indicação de nasalidade na segunda sílaba, mas ela ocorre, como se lê em Gakran (2005:58, 59).

¹⁰ Para essa palavra, desconheço a variante “pǝ'i”.

232.	Finalmente, afinal	vaha	vəhə
234.	Fio de costura, corda	vaze	vəfy
256.	Gordo, gordura, banha	tag	təg
267.	Inchado	kanhpól	kənhpar
271.	Irara	kagglānh	kəgrēnh ~ kēgrēnh
275.	Jabuticaba	ma = [mba]	mě / mə
298.	Lua	kátxa	kɣxě ~ kɣxə
314.	Matar	tanh	tənh / tēnh
320.	Milho	gal	gər ~ gēr
325.	Mole	tadaj	tənəj
335.	Muito mato, suja	vanh	vənh (capoeira, mato)
348.	Novo, jovem	tag	təg
350.	Olhar, observar	avanh, jávanh	ěvənh, ver procurar
356.	Outro lado	kóza	kafə
360.	Padrinho, tio	kókla	kakrě ~ kakrə
361.	Pagar, comprar	kójam	kajəm
362.	Pagar, comprar (pl.)	kágjam	kygjəm
371.	Parente	kónhka, āgónhka ¹¹	kanhkə
378.	Pegar, apanhar	ban, bag, ból	mən (para coisas compridas)
380.	Pegar, segurar	kagmē(g)	kəgmə(g) ~ kēgmē(g) (pegar um punhado)
398.	Pica-pau cabeça vermelha	txaklēnhgu	xəkrīnhgó / xókrīnhgó
403.	Plantar	klan	krən / krēn
417.	Primo	javy	jəvy (irmão mais novo)
420.	Pronome 2a ps	a	ə
448.	Rola (pombo)	txulag	xórəg (pombo)
474.	Sol	la	rə
476.	Sombra	kanhvénh	kənhvég
478.	Sopa, fazer sopa	kulav, kulam	kórəv, kórəm
480.	Subir	japly	jəgpry
481.	Subir	taply	təpry
489.	Tateto	ugtxa	ógxə
490.	Tatu	zazan	fěfěn / fəfən

¹¹ A segunda forma corresponde a ‘nosso parente’; em Kaingang: ěg + kanhkə => ěganhkə

496.	Testa	kóka	kaḳɔ
503.	Trabalhar	lanhlanh	r̄ɔnh-r̄ɔnh ~ r̄enh-r̄enh
510.	Urubu	jata	j̄ɔt̄ɔ
519.	Vir	kat̄ēg, kamũ	k̄ɔt̄īg
285.	Largura	tapél (<i>chato, plano</i> – 105)	t̄ɔpér
382.	Peixe (em geral)	kaklo	k̄ɔkro-jóp̄yti (<i>peixe espada</i> - 381)

a : ã

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG SC, RS
19.	Amigo íntimo	kake, kaké	kēke / k̄ɔke (irmão mais velho)
51.	Bambu	vagva	v̄ɔgv̄ɔ / v̄ēgv̄ē
104.	Chão (ao)	apla	ēpry / ɔpry (estrada)
118.	Cinco	tagtũ	pénkar ¹²
135.	Coqueiro	tanh	t̄ɔnh ~ t̄ēnh
166.	Deixar	tovanh	toɔnh ~ tovénh
174.	Descascar	kágzan	kugf̄ēn ~ kygf̄ɔn
182.	Direita	pagdjó	p̄ēgja / p̄ɔgja
225.	Feijão	laglu	r̄ēgró
271.	Irara	kagglānh	k̄ɔgr̄ēnh ~ k̄ēgr̄ēnh
275.	Jabuticaba	ba	m̄ē / m̄ɔ
298.	Lua	kátxa	k̄yx̄ē ~ k̄yx̄ɔ
307.	Mandassaia	jagwé (jagvé)	j̄ēgvé
314.	Matar	tanh	t̄ɔnh / t̄ēnh
320.	Milho	gal	ḡɔr ~ ḡēr
350.	Olhar, observar	avanh, jávanh	ēv̄ɔnh, ver procurar
360.	Padrinho, tio	kókla	kakr̄ē ~ kakr̄ɔ
380.	Pegar, segurar	kagm̄ē(g)	k̄ɔgm̄ɔ(g) ~ k̄ēgm̄ē(g) (pegar um punhado)
403.	Plantar	klan	kr̄ɔn / kr̄ēn
490.	Tatu	zazan	f̄ēf̄ēn / f̄ɔf̄ɔn
503.	Trabalhar	lanhlanh	r̄ɔnh-r̄ɔnh ~ r̄enh-r̄enh
513.	Veado	kabe	k̄ēme, k̄ɔme

¹² No sul, “tēgtũ” é “três”.

04.	Abelha, mosquito	agpénh	ěgpénh (<i>jeteí</i> - 279)
-----	------------------	--------	------------------------------

a : a

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG SC, RS
29.	Apanhar, carregar	va, vag	va, vǝn
76.	Cachorro	katxol	kaxor
222.	Fazer [223 o repete]	han	han
324.	Morder, mastigar	kagjã	kajẽ
337.	Muito	tavẽ	tavĩ
411.	Porta, janela	zǎnka	jǝnka

a : ɔ

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG SC, RS
17.	Amassar, amassado	kunhglan ¹³	kǝnhgrór
132.	Contar, narrar	tan	tó

a : ɛ

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG SC, RS
309.	Mão	něga	nĩgé
479.	Soprar	zaká	kihuké

¹³ Conferir (no livro de Nanblá, texto “kuklũ tō kuhol”)

ANEXO 4 (II)

VERIFICAÇÃO DE CONTEXTOS

TABELAS DO ANEXO 4 REFEITAS PARA ANALISAR CORRELAÇÕES ENTRE XOKLENG E KAINGANG DO PARANÁ

$a : \tilde{a}$, $a : \tilde{e}$, $a : \circ$, $a : a$, $a : \varepsilon$ (Xkl : Kgg PR)

Quadro “Distribuição dos Dados”

a			81	100%
a	:	$\tilde{a}$ Ex.: 3, 15, 19, 29, 40, 43, 49, 51, 52, 71, 84, 86, 96, 98, 103, 104, 106, 114, 124, 133, 135, 142, 145, 166, 167, 169, 174, 176, 177, 180, 196, 203, 211, 225, 232, 234, 256, 267, 271, 275, 298, 314, 320, 325, 335, 337, 348, 350, 356, 360, 361, 362, 371, 378, 398, 403, 411, 417, 420, 448, 474, 476, 478, 479, 480, 481, 489, 490, 496, 503, 510, 513, 519, 105 c/ 285	73	90%
a	:	$\tilde{e}$ Ex.: 174, 182, 350 [174 traz duas formas; q.v.]	3	3,7%
a	:	$\circ$ Ex.: 17, 132	2	2,5%
a	:	a Ex.: 76, 222.	2	2,5%
a	:	ε Ex.: 309	1	1,2%

$a : \tilde{a}$ (73 dados)

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG PR ¹⁴
03.	Abelha suor (k. abelha do pau)	kajó	kãgjã
15.	Amargar	zag	fãg
19.	Amigo íntimo	kake, kaké	kãke
29.	Apanhar, carregar	va, vag	vãn
40.	Assada	gla	grã
43.	Assustar	ka'ug	kã'u
49.	Baitaca	kujag	kujãg
51.	Bambu	vagva	vãgvã
52.	Barba	juva	juvã
71.	Butuca	patu	pãtu

¹⁴ Wiesemann (Dicionário)

84.	Canoa	kakénh	kākénh
86.	Cantar	jan	jān
96.	Cascavel	txatxa	xāxā
98.	Cavalo	kavālu ¹⁵	kāvāru
103.	Céu	kónhka	kanhkā
104.	Chão (ao)	apla	ēprā
106.	Chefe, autoridade	pa'i	pā'i
114.	Chupar	kahun	kāhun
124.	Cobrir, tampar	vānhpāklēnh	pākrīnh
133.	Contar história, anunciar	kabén	kāmén
135.	Coqueiro	tanh	tānh
142.	Costela	kavy	kāvy
166.	Deixar	tovanh	tovănh (tr.sg.)
167.	Dente	ja	jā
169.	Dentro	ka	kā
174.	Descascar	kágzan	kugfēn
176.	Descer, vir descendo	kale, katéle	kātére
177.	Desenho	kagglál	kāgran
180.	Dia	kulag	kurā
196.	Embrulhar	pag	pāg
203.	Esfriar	kutxag	kuxāg
211.	Esquerda	jókanh (zókanh)	jakānh
225.	Feijão	laglu	rāgró
232.	Finalmente, afinal	vaha	vāhā
234.	Fio de costura, corda	vaze	vāfy
256.	Gordo, gordura, banha	tag	tāg
267.	Inchado	kanhpól	kānhpar
271.	Irara	kagglānh	kāgrēnh
275.	Jabuticaba	ma = [mba]	mā
298.	Lua	kátxa	kýxā
314.	Matar	tanh	tānh
320.	Milho	gal	gār
325.	Mole	tadaj	tānāj

¹⁵ No 106.vocabulário aparece como “kavalu”, sem indicação de nasalidade na segunda sílaba, mas ela ocorre, como se lê em Gakran (2005:58, 59).

335.	Muito mato, suja	vanh	vãnh
337.	Muito	tavě	tãví
348.	Novo, jovem	tag	tãg
350.	Olhar, observar	avanh, jávanh	ěvãnh
356.	Outro lado	kóza	kafã
360.	Padrinho, tio	kókla	kakrã
361.	Pagar, comprar	kójam	kajãm
362.	Pagar, comprar (pl.)	kágjam	kygjãm
371.	Parente	kónhka, ãgónhka ¹⁶	kanhkã
378.	Pegar, apanhar	ban, bag, ból	mãn
398.	Pica-pau cabeça vermelha	txaklěnhgu	xãkrĩnhgó
403.	Plantar	klan	krãn
411.	Porta, janela	zãnka	jãnka
417.	Primo	javy	jãvy
420.	Pronome 2a ps	a	ã
448.	Rola (pombo)	txulag	xórãg
474.	Sol	la	rã
476.	Sombra	kanhvénh	kãnhvég
478.	Sopa, fazer sopa	kulav, kulam	kórãv (<i>farinha no caldo de carne</i>)
479.	Soprar	zaká	ki jãka
480.	Subir	japly	jãgpry
481.	Subir	taply	tãpry
489.	Tateto	ugtxa	ógxã
490.	Tatu	zazan	fãfãn
496.	Testa	kóka	kakã
503.	Trabalhar	lanhlanh	rãnhrãj
510.	Urubu	jata	jãtã
513.	Veado	kabe	kãme
519.	Vir	katěg, kamũ	kãtĩg
285.	Largura	tapél (<i>chato, plano – 105</i>)	tãpér

a : ã

¹⁶ A segunda forma corresponde a ‘nosso parente’; em Kaingang: ěg + kanhkõ => ěganhkõ

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG PR ¹⁷
174.	Descascar	kágzan	kugfěn
182.	Direita	pagdjó	pěgja
350.	Olhar, observar	avanh, jávanh	ěvănh

a : ɔ

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG PR
17.	Amassar, amassado	kunhglan	kănhgrór
132.	Contar, narrar	tan	tó

a : a

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG PR
76.	Cachorro	katjol	kaʃor
222.	Fazer	han	han

a : ɛ

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG PR
309.	Mão	něga	nĩgé

¹⁷ Wiesemann (Dicionário)

ANEXO 5 (I)

VERIFICAÇÃO DE CONTEXTOS PARA INTERPRETAÇÃO DAS CORRESPONDÊNCIAS ¹⁸

ã : ã , ã : õ (Xkl : Kgg SC/RS)

Quadro “Distribuição dos Dados”

ã			64	100%
ã	:	ẽ Ex.: 8, 11, 21, 46, 61, 78, 79, 119, 129, 134, 159, 172, 173, 186, 195, 197, 200, 207, 229, 231, 245, 263, 264, 271, 290, 291, 294, 300, 306, 311, 324, 344, 351, 352, 354, 357, 375, 385, 389, 411, 442, 468, 477, 494, 50 c/ 102 Xokl : SP = 21, 61, 79, 119, 231, 245, 291, 300, 344, 352, 354, 375, 50 c/ 102 = 13 dados Xokl : SP = ã:ã = 494	45	70%
ã	:	õ Ex.: 25, 156, 228, <u>245</u> , <u>263</u> , 286, <u>291</u> , <u>352</u> , 391, <u>411</u> , 436, <u>442</u> , 454, <u>477</u> , <u>494</u> , 504, <u>50</u> c/ 102 < [grifados são os que também aparecem na lista acima]	17	26,6%
ã	:	e Ex.: 331	1	1,6%
ã	:	u Ex.: 9	1	1,6%
Nota: se desconsiderados os dados repetidos em ã:õ, restarão ali 9 dados, mudando sua participação percentual para 16% (e de ã:ẽ para 80%); no sentido inverso, desconsiderados os repetidos em ã:ẽ, restarão ali 36 dados, mudando sua participação percentual para 55% (e de ã:õ para 32%)				

ã : ẽ (Xo : Kgg SC, RS)

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG SC, RS
08.	Aconselhar	Jávãñ	jyvẽn
11.	Alegria, ficar contente	vãñhkágze , vãñhkágzég	vẽnñh kõñhvvy
21.	Animal doméstico, criação	mãg	mẽg
46.	Axila	jãlã	jẽrẽ
61.	Boca	jãñky	jẽnky
78.	Caité	ty, kutã	ty, kutẽ
79.	Caminho, estrada	ãmẽn	ẽmĩñ / õmĩñ
102	Cesto, cesta	kãj (<i>balaio</i> – 50)	kěj / kõj

¹⁸ Correspondência entre as formas ortográficas das vogais (usadas nas listagens) e sua representação fonológica:
i = /i/ , e = /e/ , é = /ɛ/ , y = /i/ , á = /ə/ , a = /a/ , u = /u/ , o = /o/ , ó = /ɔ/

119.	Cinza	mlă	mrěj
129.	Colocar em pé	zăg	jějg
134.	Conversa	vănhvě	věnh vĩ (fala)
159.	Dançar	vănhglén	věnh-grén
172.	Descalço, pé no chão	pănplul	(pěn prur = pé varrido, limpo)
173.	Descansar	vănhkán	věnh-kán
186.	Doce	glă	grě
195.	Embaixo de	klăm	krēm, krōm
197.	Encostar	glăn ke	grěn ke
200.	Errar	kágnă	kygně
207.	Espinho	lăl	rěr
229.	Fígado	tômă	tỹmě
231.	Filhote, descendente	klă	krě
245.	Fruta	kónă	kaně / kanō
263.	Guabiroba	pănvó	pěnvá / pōnva
264.	Guerra	vănhgénh	věnhgénh
271.	Irara	kagglănh	kōgrěnh ~ kěgrěnh
290.	Levantar	jăgdă	jějgně
291.	Língua	nŭnă	nŭně ~ nŭnō
294.	Livro, coisa escrita	vănhlăl	věnh-rán
300.	Macaco	kójăl	kajěr
306.	Mandar	zănă , zănăg	jěně
311.	Maracană	kănkăl	kěnkěr
324.	Morder, mastigar	kagjă	kajě
344.	Nariz	nějă	nījě
351.	Olhar, procurar	kónăg	kaněg
352.	Olho	kónă	kaně / kanō
354.	Orelha	něglăg	nĩgrěg
357.	Ouvir, escutar	mă, măg	mě
375.	Pé	păn	pěn
385.	Pena de asa	zăl	fěr
389.	Pensar, lembrar	ăklén, ăklég, ăkle	ěkrén
442.	Remédio	vănhkógtó	věnhkagta
468.	Ser	vă	vě
477.	Sonho	vănhbigti	věnhpėti

494.	Ter medo	kómãg	kamêg / kamõg
------	----------	-------	---------------

ã : õ (Xo : Kgg SC, RS)

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG SC, RS
25.	Antigamente	vãtxỹ ¹⁹	võxỹ
102	Cesto, cesta	kãj (<i>balaio</i> – 50)	kěj / kõj
145.	Cotovelo	pãkõnu	kapõnun
156.	Cuspe	jãló	jõra
228.	Ferver	vãnvul	võnvór
245.	Fruta	kónã	kanẽ / kanõ
263.	Guabiroba	pãnvó	pěnvá / põnva
286.	Laringe	tõvãnglo	tavõn
291.	Língua	nũnã	nũnẽ ~ nũnõ
352.	Olho	kónã	kanẽ / kanõ
386.	Pendurado	zãgjál	jõgjár
391.	Perdido	vãzol	võfor
411.	Porta, janela	zãnka	jõnka
436.	Raiz	jãle	jõre
454.	Saliva	jãló	jõra
494.	Ter medo	kómãg	kamêg / kamõg
504.	Trançar	zy, vãzy	fy, võfy / vỹfy

¹⁹ Em todo o vocabulário consta apenas uma palavra Xokleng com / ỹ / = “gỹnh” (ver “pequeno”, abaixo)). Nos textos do livro, além daquela, encontrei também essa: “vãtxỹ”.

ANEXO 5 (II)

TABELAS DO ANEXO 5 REFEITAS PARA ANALISAR CORRELAÇÕES ENTRE XOKLENG E KAINGANG DO PARANÁ

ã : ã , ã : ã (Xkl : Kgg PR)

Quadro “Distribuição dos Dados”

ã				55	100%
ã	:	ẽ	Ex.: 8, 11, 21, 46, 61, 75, 79, 119, 129, 134, 145, 159, 173, 186, 195, 197, 200, 207, 229, 231, 245, 263, 264, 271, 290, 291, 294, 300, 306, 311, 324, 344, 351, 352, 354, 357, 375, 385, 389, 442, 468, 477, 494, 50 c/ 102 Xokl : SP = 21, 61, 79, 119, 231, 245, 291, 300, 344, 352, 354, 375, 50 c/ 102 = 13 dados Xokl : SP = ã:ã = 494	44	80%
ã	:	ã	Ex.: 25, 156, 228, 286, 386, 391, 411, 436, 454, 504	10	18%
ã	:	e	Ex.: 331	1	1,8%
ã	:	u	Ex.: 9	1	1,8%

ã : ẽ (Xo : Kgg PR)

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG PR ²⁰
08.	Aconselhar	jávãñ	jyvẽn
11.	Alegria, ficar contente	vãñhkágze , vãñhkágzég	vẽnñ kãñhvy
21.	Animal doméstico, criação	mãg	mẽg
46.	Axila	jãlã	jẽrẽ
61.	Boca	jãñky	jẽnky
75.	Caçar	ãklég	ẽkrénh
79.	Caminho, estrada	ãmẽn	ẽmĩñ
102.	Cesto, cesta	kãj (<i>balaio</i> – 50)	kěj
119.	Cinza	mlã	mrěj
129.	Colocar em pé	zãg	kafẽg
134.	Conversa	vãñhvẽ	vẽnmén, vẽnñ vĩ (<i>fala</i>)
145.	Cotovelo	pãkõnu	pẽn kanun

²⁰ Wiesemann (Dicionário), em ambas as tabelas.

159.	Dançar	vãnhglén	věnh grén
173.	Descansar	vãnhkán	věnh kán
186.	Doce	glă	grě
195.	Embaixo de	klăm	krēm
197.	Encostar	glăn ke	grěn ke
200.	Errar	kágnă	kygně
207.	Espinho	lăl	rěr
229.	Fígado	tômă	tỹmě
231.	Filhote, descendente	klă	krě
245.	Fruta	kónă	kaně
263.	Guabiroba	pănvó	pěnva
264.	Guerra	vãnhgénh	věnh génh
271.	Irara	kagglănh	kăgrěnh
290.	Levantar	jăgdă	jěgně
291.	Língua	nũnă	nũně
294.	Livro, coisa escrita	vãnhlăl	věnh rân
300.	Macaco	kójăl	kajěr
306.	Mandar	zănă , zănăg	jěně
311.	Maracană	kănkăl	kěnkěr
324.	Morder, mastigar	kagjă	kajě
344.	Nariz	nějă	nějě
351.	Olhar, procurar	kónăg	kaně
352.	Olho	kónă	kaně
354.	Orelha	něglăg	nĩgrěg
357.	Ouvir, escutar	mă, măg	mě
375.	Pé	păn	pěn
385.	Pena de asa	zăl	fěr
389.	Pensar, lembrar	ăklén, ăklég, ăkle	ěkrén
442.	Remédio	vãnhkógtó	věnh kagta
468.	Ser	vă	vě
477.	Sonho	vãnhbigti	věnh pétı (sg.), věnh pigti (pl.)
494.	Ter medo	kómăg	kaměg (ter medo)

ã : ã (Xo : Kgg PR)

	PORTUGUÊS	XOKLENG	KAINGANG PR
25.	Antigamente	vãtxỹ ²¹	vãxỹ
156.	Cuspe	jäló	jära
228.	Ferver	vãnvul	vãnvór
286.	Laringe	tõvãnglo	tỹvãn
386.	Pendurado	zãgjál	jãgján (pendurar)
391.	Perdido	vãzol	vãfor
411.	Porta, janela	zãnka	jänkã
436.	Raiz	jãle	järe
454.	Saliva	jäló	jära
504.	Trançar	zy, vãzy	fy, vãfy

²¹ Em todo o vocabulário consta apenas uma palavra Xokleng com / ỹ / = “gỹnh” (ver “pequeno”, abaixo)). Nos textos do livro, além daquela, encontrei também essa: “vãtxỹ”.

ANEXO 6

**VERIFICAÇÃO DE CONTEXTOS
PARA INTERPRETAÇÃO DAS CORRESPONDÊNCIAS** ²²

u : u , u : ɔ , u : i (Xkl : Kgg)

Quadro “Distribuição dos Dados”:

u				79	100%
u	:	u	Ex.: 7, 30, 42, 43, 49, 52, 54, 66, 71, 78, 98, 107, 114, 143, 145, 157, 158, 172, 180, 190, 203, 208, 238, 244, 252, 255, 257, 287, 295, 316, 323, 346, 355, 365, 395, 396, 407, 444, 450, 451, 482, 483, 512, 517, 518 Xokl : SP = 54, 66, 180, 244, 252, 255, 346, 355, 365, 451, 517 = 11 dados	45	57%
u	:	ɔ	Ex.: 23, 34, 69, 99, 144, 205, 219, 225, 228, 251, 253, 276, 281, 284, 296, 321, 343, 363, 398, 405, 433, 448, 461, 462, 478, 489, 499, 514 Xokl : SP = 23, 205, 225, 276, 343, 363, 405, 489, 514 = 9 dados	27	34%
u	:	i	Ex.: 89, 153, 154, 377	4	5%
u	:	o	Ex.: 65, 97 Xokl : SP = 284	2	2,5%
u	:	ε	Ex.: 458	1	1,3%

u : u

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG SC, RS
7.	Aceso		glu	gru
30.	Aranha		txuklëg	xukrĩg
42.	Assobiar, assobio		hunh	hunh
43.	Assustar		ka'ug	kã'u
49.	Baitaca		kujag	kujãg
52.	Barba		juva	juvã
54.	Barriga		dug	nuŋ
66.	Branco		kupli	kupri
71.	Butuca		patu	põtu , pétu
78.	Caité		ty, kutã	ty, kutẽ
98.	Cavalo		kavalu	kãvõru
107.	Chegar		jul	jun

²² Correspondência entre as formas ortográficas das vogais (usadas nas listagens) e sua representação fonológica:
i = /i/, e = /e/, é = /ɛ/, y = /i/, â = /ə/, a = /a/, u = /u/, o = /o/, ó = /ɔ/

114.	Chupar		kahun	kōhun
143.	Costurar		vānhkulōn	kurān
145.	Cotovelo (dentro)		pagdu	kapōnun
157.	Cuspir		zugzug	xugxug
158.	Pontudo, apontado		zuļır	juŗır
172.	Descalço, pé no chão		pānplul	(pēn prur = pé varrido, limpo)
180.	Dia		kulag	kurā
190.	Duro para arrebentar		tuj	tuj
203.	Esfriar		kutxag	kuʃōŋ
208.	Espírito dos Mortos		kuplēg	kuprīŋ
238.	Focinho de animal		zulūn	jurūn
244.	Frio		kutxó	kuxa
252.	Gato		glun	grun (gato do mato/jaguaririca)
255.	Goró de coqueiro		zēndju	fēnju
257.	Goró de coqueiro		zēndju	fēnju
287.	Lavar		kupe	kupe, kygpe
295.	Longe		kuvól	kuvar
316.	Mato	.	kute	kute (capão de mato)
323.	Miolo		kujo	kuju
346.	Noite, escuro		kuty	kuty
355.	Osso		kukó	kuka
365.	Panela		kuklū	kukrū
395.	Pesado		kuzi	kufi
396.	Pescoço		dunh	nunh
407.	Ponta		judun	junun
444.	Reto, direito		kulyj	kuryj
450.	Roubar		péju	péju
451.	Roupa		kul	kur
482.	Suco, leite, molho		kube	kume (molho)
483.	Sucuri		vijuj	mijunh
512.	Vagina		zu	fu
517.	Vermelho		kutxūg	kuxūg
518.	Vestir		tu , tég	tu, kun

u : ၁

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG SC, RS
23.	Anta		ujol	၁jor
34.	Argila, barro branco		kuhol	g၁'or
69.	Bugio		gug	g၁g
99.	Cedro		zu	f၁, fw၁
144.	Cotia		klátxug	kýx၁g
205.	Espiga		bu	m၁
219.	Faminto		kujel	k၁kír
225.	Feijão		laglu	rēgr၁
228.	Ferver		vānvul	vānv၁r
251.	Gambá		djukuklé	nh၁rk၁kré
253.	Gavião		jugug	j၁g၁g
276.	Jacú		gu'y	k၁'y
281.	Jogar fora		zun	f၁n
284.	Lagoa		ulé	၁re
296.	Lontra		zugzénh.	f၁gféj
321.	Minhoca		djun	j၁nj၁n
343.	Não-índio		zug	f၁g
363.	Pai		jug	j၁g
398.	Pica-pau cabeça vermelha		txaklēnhgu	x၁krīnhg၁ / x၁krīnhg၁
405.	Podre, carniça		kuklé	k၁kré (fedido)
433.	Querer, vontade		txul	x၁r
448.	Rola (pomba)		txulag	x၁r၁g (pomba)
461.	Seco		tug	t၁g
462.	Seguir atrás de		du	n၁n
478.	Sopa, fazer sopa		kulav, kulam	k၁r၁v, k၁r၁m
489.	Tateto		ugtxa	၁gx၁
499.	Tiriva, periquito		kójunh	k၁j၁nh
514.	Velho		txi , txin, kuz၁	xi, k၁fa

u : i

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG SC, RS
89.	Capivara		klědjunh	krignig
153.	Cupim		lugněh	rignĩn
154.	Curar, fazer viver		kuglěh	kigtōg
377.	Pegar		vun	win (<i>carregar coisa comprida</i>) ²³

u : o

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG SC, RS
65.	Borboleta		tuton	Toto
97.	Cascudo (peixe)		vugvug (ver caninanuçu)	Von

u : é

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG SC, RS
458.	Sapo		pupo	pépo

²³ Kaingáng PR

ANEXO 7

VERIFICAÇÃO DE CONTEXTOS PARA INTERPRETAÇÃO DAS CORRESPONDÊNCIAS ²⁴

õ : õ , ã : ã (Xkl : Kgg)

Quadro “Distribuição dos Dados”:

õ			3	100%
õ	:	ã	Ex.: 25, 158, 390 c/ 233	3 100%

õ			19	100%
õ	:	ã	Ex.: 1, 22, 33, 45, 112, 113, 123, 143, 164,.165, 210, 229, 266, 286, 317, 374, 412, 432, 471	19 100%

õ : õ

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG PR
25.	Antigamente		wãčĩ = [wãt[õ]	wãfĩ = [wãf[õ]
158.	Pontudo, apontado		zuĩr = [ðu'lõnõ]	juĩr = [juĩõĩõ]
390.	Pequeno		ĩĩĩ = [ĩõĩ]	ĩĩĩ = [ĩõĩ] (233 -fino)

õ : õ

	PORTUGUÊS		XOKLENG	KAINGANG PR
01.	Abelha (em geral)		mõĩ = [mõĩ]	mĩĩ = [mõĩ]
22.	Ano		plõĩ = [plõĩ]	prĩĩ = [prõĩ]
33.	Areia		lõĩlõĩ = [lõĩ'lõĩ]	ĩĩĩ-ĩĩĩ = [ĩõĩĩĩĩĩ]
45.	Avó (paterna), mãe		jõ = [jõ] (tb. mãe)	nĩ = [nõ]
112.	Chorar		zõ = [ðõ], plāl	fĩ = [fõ]
113.	Chorar (pl.)		kãĩzõ = [kãg'ðõ]	kiĩfĩ = [kiĩ'fõ]
123.	Cobra (em geral)		põĩ = [põĩ]	pĩĩ = [põĩ]
143.	Costurar		wãĩkulõĩ = [wãĩku'lõĩ]	kuĩĩ = [kuĩõĩ]

²⁴ Correspondência entre as formas ortográficas das vogais (usadas nas listagens) e sua representação fonológica:
i = /i/ , e = /e/ , é = /ɛ/ , y = /i/ , á = /ə/ , a = /a/ , u = /u/ , o = /o/ , ó = /ɔ/

164.	Deitado		nǝ = ['nǝ]	nĩ = ['nǝ]
165.	Deitar (estar, existir)		nǝ = ['nǝ] , nǝdẽ	nĩ (<i>deitar-se</i>) = ['nǝ]
210.	Esquentar		lǝŋ = ['lǝŋ]	rĩŋ = ['rǝŋ]
229.	Fígado		tǝmǎ = [tǝ'mǎ]	řĩmẽ = [tǝ'mẽ]
266.	Igualdade (marcad. de)		tǝ = ['tǝ]	řĩ = ['tǝ]
286.	Laringe		tǝwǎnŋlo = [tǝwǎn'ŋlo]	řĩvǎn = [tǝwǎn]
317.	Mel		mǝŋ = ['mǝŋ]	mĩŋ = ['mǝŋ]
374.	Pavão		pepǝm = [pe'pǝm]	pi'pĩm = [pi'pǝm]
412.	Posposição (benefic.)		mǝ = ['mǝ]	mĩ = ['mǝ]
432.	Quente		lǝ = ['lǝ]	řĩ = ['ǝrǝ]
471.	Sim, é verdade		ǝ = ['ǝ]	hĩ = ['hǝ]

ANEXO 8

52 PALAVRAS XOKLÉNG

DIFERENTES DOS EQUIVALENTES TERMOS EM KAINGÁNG OU MARCADAMENTE DISCREPANTES DO SEU COGNATO

	Português		Xoklêng	Observações
5.	Abóbora		pehow	w final
12.	Alisar		hɔn	léxico
14.	Amadurecer		čɛn	léxico talvez e č
32.	Arco-íris		kuklũno	léxico
39.	Asa		jãñwiŋ	léxico
44.	Ave (araguaí)		k ^w ẽnk ^w ẽl	kw
53.	Barranco		jãñme	léxico
57.	Beija-flor		leŋɲil = [leɣ ^h ndʒili]	léxico
62.	Boi, vaca		nẽkaməŋ	léxico
68.	Brincar		klo	léxico
70.	Buraco		low	w
80.	Canela		jɔkɔto	léxico
89.	Capivara		klẽɲup = [klẽndʒuj]	léxico (e parece ser clânico; não a comem)
108.	Cheio, encher		nẽtəŋ	léxico
116.	Cidade		ẽnkuti	léxico
125.	Coçar		mẽðeŋ	léxico
144.	Cotia		kləčun	l
149.	Crescer		čɔɲ	léxico
155.	Curto		ðutin	léxico
170.	Derramar		čun	léxico
199.	Ensinar		jɔpalaŋ	léxico
202.	Esfregar		kɔmɛn	léxico
215.	Estrela		kəŋzāl	léxico
216.	Faca		klãŋɲa	léxico
219.	Faminto		kujel ; plural: kaŋɲel (220)	léxico
221.	Favo de mel		ðe	léxico
227.	Ferro		wačej	léxico

230.	Filho, filha	ji	léxico
249.	Galho de árvore	čaŋča	léxico
250.	Galinha	kukew	léxico
260.	Grilo	upa	léxico
272.	Irmão	nũjēn	léxico
278.	Jagatirica	jãŋŋlẽhōŋ	léxico
283.	Lagarto	kãŋpaŋlẽ	léxico
345.	Nascer	pɔ	léxico [sair]
349.	Nu, pelado	plul	léxico
359.	Paca	kəlō , klɪŋdɪŋ	léxico
364.	Palmito	netej	léxico
366.	Papagaio	taŋŋlan	léxico
368.	Papagaio viola	nɪŋni	léxico
372.	Passarinho	čaŋōŋ	léxico
376.	Pedra	kɔði	léxico
381.	Peixe (em geral)	kaklo	léxico
392.	Periquito	ŋenŋen	léxico
406.	Pomba preta	jukup	léxico
409.	Porco doméstico	uŋmi	léxico
445.	Rins	kɔði	léxico
452.	Ruim, feio, mal	zɔŋnẽŋ	léxico ? z ?
459.	Saracura	kuhəŋ	léxico
484.	Sujo	zãŋli	léxico
502.	Todos	nãli	léxico
515	Vento	kuhun	léxico (igual SP, diferente Sul e PR)

ANEXO 9

DIALETOS KAINGANG, seg. Wieseemann

